

Roberto Muniz Dias

EDITORAS LGBTTT BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS COMO REGISTRO
DE UMA LITERATURA HOMOAFETIVA.

Professora Orientadora: Cintia Schwantes

Brasília
2013

Roberto Muniz Dias

EDITORAS LGBTTT BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS COMO REGISTRO
DE UMA LITERATURA HOMOAFETIVA.

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação do Departamento de
Teorias Literárias e Literatura da
Universidade de Brasília (UnB) como
parte das atividades para obtenção do
título de Mestre sob orientação da
Professora Dr^a. Cintia Schwantes.

Brasília
2013

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Cintia Carla Moreira Schwantes (TEL/UnB)
(orientadora)

Prof^ª. Dra. Virginia Maria Vasconcelos Leal (TEL/UnB)
(membro interno)

Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva (UFAL)
(membro externo)

Prof. Dr. André Luís Gomes (TEL/UnB)
(suplente)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Francisca Sampaio Muniz Dias, em primeiro lugar, por saber reconhecer e aceitar qualquer indício de um impulso artístico em mim; por esconder de meu pai os desenhos e croquis na esperança de eu desenvolver alguma arte e pelo amor e carinho incondicionalmente eternos.

Ao meu Pai, José Antônio Dias da Silva, pelas leituras de meus rabiscos feitos durante o processo criativo e o suporte cultural dado em toda minha trajetória humana.

A minha irmã, Luciani Muniz Dias, por me ensinar o valor da vida ou de uma nova vida e pelo apoio, mesmo à distância, nos momentos mais difíceis.

Ao meu irmão, José Antônio Dias Filho, por demonstrar o verdadeiro sentido da vida, do altruísmo e do real propósito de humanismo.

As professoras e professores que contribuíram para a desconstrução dos pensamentos arcaicos e estáticos que eu possuía sobre literatura, e que edificaram, com suas perspectivas alargadas, o conhecimento necessário para a construção de uma literatura polissêmica e repleta de vozes.

À minha orientadora, Cintia Schwantes, que alicerçou todo esse trabalho de pesquisa com argumentos, retórica e bastidores que ajudaram a implementar o presente trabalho de pesquisa.

À Giselle Jacques pelo apoio e amor!

A CAPES pelo apoio.

Song for myself

I mind how we lay in June, such a transparent summer morning;
You settled your head athwart my hips and gently turned over upon me,
And parted the shirt from my bosom-bone, and plunged
Your tongue up to my barestript heart,
And reached till you felt my beard, and reached till you held my feet.

Walt Whitman

A glimpse

A GLIMPSE, through an interstice caught,
Of a crowd of workmen and drivers in a bar-room, around the stove,
late of a winter night – And I unremark'd seated in a corner;
Of a youth who loves me, and whom I love, silently approaching, and
seating himself near, that he may hold me by the hand;
A long while, amid the noises of coming and going – of drinking and
oath and smutty jest,
There we two, content, happy in being together, speaking little,
perhaps not a word.

Walt Whitman

RESUMO

A discussão sobre a polêmica categorização de uma Literatura gay ou Literatura LGBTTT, atualmente, desafia as instituições canonizadoras. No entanto, é indubitável a existência de um mercado de livros e uma indústria de bens culturais voltados para esse tema. A literatura gay vem investindo mais na sua inserção no mercado editorial. Isso se deve a um viés militante adotado pelos autores dessa Literatura, aliado ao fato de que existe um nicho mercadológico que a consome.

Existem, nas grandes livrarias, estantes designadas à literatura de cunho LGBTTT, assim como surgem selos editoriais especificamente voltados para tais publicações. Para o mercado editorial, a existência de uma literatura Gay é um fato, trazendo consigo um redirecionamento mercadológico – onde se inclui a propaganda – voltado ao consumidor específico desta literatura em qualquer de suas vertentes.

Essa identificação do público leitor com a chamada Literatura gay, aprofundada pelo momento político brasileiro favorável às minorias, faz ampliar ainda mais o foco de interesse do mercado na popularização desta como produto rentável. Assim, embora esteja fora da academia, a literatura de temática homoafetiva encontra espaço no mercado de bens culturais.

O presente trabalho visa demonstrar a existência de uma literatura gay pelo agenciamento editorial de obras e autores. Por meio de teorias que discutem o papel do sujeito pós-moderno, vai se desenhando uma literatura contemporânea na qual a homotextualidade é ponto crucial para a leitura desta literatura. O objetivo é registrá-la para além do exercício comercial de Editoras LGBTTT.

Palavras-chave: Literatura gay, editoras LGBTTT, escritores gays.

ABSTRACT

The discussion on the controversial categorization of a Gay Literature or GLBTTT Literature currently defies somehow canonized institutions. However, it is clear that there is a market for books and a cultural industry facing this issue. Gay Literature is investing more in its inclusion in the book market. This is due to the militant way adopted by the authors of this literature, gathered with the fact that there is a marketing tendency for the consumers.

There are, in large bookstores, shelves designated to LGBTTT Literature, as well as creates small gay publishing houses to such publications. For editorial and book market, the existence of a Gay Literature is a fact, bringing a reorientation to the market which includes advertising aiming this specific consumer in any of its aspects.

This identification of readers with the so called Gay Literature, deepened by the Brazilian political moment which is favorable to minorities, expands even further the focus of market interest in popularizing this product as profitable. Thus, although it is outside of the academy, gay themed-literature is making room in the market for cultural goods.

This dissertation aims to demonstrate the existence of a gay literature through publishing agency of books and authors. Through theories that discuss the role of the postmodern subject, will be drawing a contemporary literature in which “homotextualidade” is crucial for reading this literature. The goal is to register it beyond the commercial exercise of publishing GLBTTT houses.

Key-words: Gay literature, GLBT publish houses, Gay writers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – MERCADO EDITORIAL: ANTECEDENTES HISTÓRICOS	
1.1 Mercado editorial heteronormativo no Brasil: um breve histórico	12
1.2 Cenário livreiro no Brasil da década de 30 até a contemporaneidade	13
CAPÍTULO 2 – A LITERATURA GAY/HOMOAFETIVA/HOMOERÓTICA: UM DEVIR	
2.1 Literatura gay: um breve histórico	18
2.2 Por que uma literatura gay?	26
2.3. O martírio para uma publicação gay	33
2.4 A internet como viés para publicar as narrativas do eu	37
2.5 A autopublicação: todo mundo tem uma história para contar	40
CAPÍTULO 3 – CAMPO LITERÁRIO, CÂNONE E INTERDITOS	
3.1. Teorias sobre o campo literário e uma literatura homoerótica	43
3.2. Interditos sociais foucaultianos e uma estética literária gay de ser	50
3.3. Polissistemas e homotextualidade	54
CAPÍTULO 4 – EDITORAS LGBTTT CONTEMPORÂNEAS NO BRASIL	
4.1 Editora GLS	59
4.2 Editora Metanoia	63
4.3 Editora Malagueta	64
4.4 Editora Escândalo	65
CAPÍTULO 5 – PANORAMA DE AUTORES E/OU OBRAS DE CUNHO HOMOAFETIVO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	
5.1 Fabrício Viana	67
5.2 Plínio Camilo	69
5.3 Gladstone Machado Menezes	70
5.4 Roque Neto	72
5.5 Valdeck Almeida de Jesus	74
5.6 Myriam Campelo	76

5.7 Cintia Moscovich	76
5.8 Betti Brown	79
5.9 Mário Rudolf	80
5.10 João W. Nery	82
5.11 Daniel Caldeira	84
5.12 James Macsil	86
5.13 Thiago Thomazini	88
5.14 Mário Faustino	90
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 93
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 95
 ANEXO 1	 99
 ANEXO 2	 101
 ANEXO 3	 108
 ANEXO 4	 114
 ANEXO 5	 121
 ANEXO 6	 124
 ANEXO 7	 126
 ANEXO 8	 128

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da necessidade de mapear o mercado editorial LGBTTT no Brasil, seu desempenho e os consumidores deste bem cultural. O trabalho foi realizado com a eleição de um aporte teórico específico, no entanto, foram utilizadas algumas obras e seus respectivos autores para fundamentar as análises apresentadas. Percorri o caminho desta pesquisa tanto como escritor bem como editor desta Literatura, que será discutida, elencando seus principais expoentes autorais e resgatando histórias de silenciamento daqueles que estão diretamente relacionados com a produção, criação e divulgação de uma Literatura gay.

Mais do que encontrar uma genealogia, procurou-se sua teleologia, afinal a literatura gay tem produtores e consumidores e existe uma produção contemporânea profícua. Há também um mercado de consumidores que se identificam e vivenciam esta literatura.

Procurei, partindo do pressuposto da existência de uma literatura gay, investigar a gênese dessa literatura, identificar seus escritores e discutir seu processo de publicação e distribuição. Novos meios e suportes para a literatura gay são utilizados: como a publicação independente e as mídias sociais, que são um excelente veículo de divulgação.

Diante do quadro atual da literatura gay, alguns questionamentos surgem e algumas constatações podem ser elaboradas e problematizadas, tendo como aporte teórico uma fortuna crítica considerável.

Para tanto, foram utilizados os estudos culturais e pós-coloniais de Terry Eagleton, Homi Bhabha e outros, enfatizando o papel de um sujeito menos centralizado em culturas universalizantes e heteronormatizadas, e trazendo um conceito integralizador do movimento periferia-centro. Bem como a contribuição do filósofo Foucault, que teorizou sua experiência sexual como elemento de crítica do pensamento ortodoxo; o que levou a ressonâncias no conceito de homossexual de Sedgwick. Também este presente trabalho se fortalece no neologismo fundante de uma literatura gay criado pelo professor Denílson Lopes: a homotextualidade, que reflete uma condição do texto, uma marca identitária. Outro suporte teórico é fornecido pelos “gay studies” encontrados nos trabalhos de Eve Sedgwick e Antônio de Pádua Dias da Silva, que centra seus estudos numa literatura contemporânea, enfatizando discursos que advogam uma literatura política e específica. As contribuições dos estudos de gênero também dão apoio a estes estudos e reforçam o tema de uma literatura com uma dicção, escritura e voz diferenciadas.

Essa dissertação está organizada em cinco capítulos, a saber, capítulo 1, intitulado

“Mercado editorial: antecedentes históricos”, que trará um panorama das categorizações da literatura, enfatizando o antagonismo entre Literatura heteronormativa e Literatura gay, bem como construindo um esquema de discussão sobre as narrativas do eu como suporte genealógico de uma literatura gay. Mais a frente, recria-se o cenário dos surgimentos das editoras específicas.

O capítulo 2, intitulado “A literatura gay/homoerótica: um devir”, questionará a existência de uma literatura gay na perspectiva das teorias contemporâneas que repensam o sujeito no mundo pós-moderno. Esta análise visa erigir um pensamento menos ortodoxo em relação à construção das subjetividades. Na literatura, esse novo sujeito incorpora novas temáticas, enredos e narrativas, nas quais a homotextualidade é importante elemento para fundamentação da literatura gay.

O capítulo 3 traz as contribuições de pensadores e teóricos como Foucault, Even-Zohar e Pierre Bourdieu, que vão alinhar relações entre crítica do pensamento ortodoxo, campo literário e interferência entre subsistemas, para reforçar a ideia de uma literatura gay como ponto de tensão dentro da literatura canônica.

O capítulo 4, intitulado “Editoras LGBTTT contemporâneas no Brasil”, trará o mapeamento das editoras LGBTTT em atividade no momento presente da pesquisa. O conteúdo identificará seus mentores, idealizadores, bem como a atividade editorial em si.

No Capítulo 5, enumeraremos, não extensivamente, o elenco de escritores que mantém acesa essa chama de uma literatura contemporânea que ousa dizer seu nome. Além disso, na sessão de anexos, serão reunidas entrevistas com editores, autores e proprietários de editoras LGBTTT, e ainda constará de catálogos de livros e de autores.

Por fim, a pesquisa intenta registrar como a produção da literatura LGBTTT tem sido realizada pelos agenciadores do bem cultural e como ainda é difícil dar voz a certos segmentos da sociedade. A Literatura Gay funciona como viés político para a manifestação de desejos e aspirações de um público que necessita de visibilidade, entendimento e valorização. Conferir-lhe visibilidade é nosso primeiro intento.

1. MERCADO EDITORIAL: ANTECEDENTES HISTÓRICOS

1.1. Mercado editorial heteronormativo no Brasil: um breve histórico

Atualmente, órgãos como ABRELIVROS (Associação Brasileira de Editores de Livros), ANL (Associação Nacional de Livrarias), SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros), CBL (Câmara Brasileira do Livro) e BRACELPA (Associação Brasileira de Celulose e Papel) são responsáveis por pesquisar os hábitos de leitura dos brasileiros, tornando-se fonte de informações relevantes para o planejamento do mercado editorial e das políticas públicas.

Um levantamento feito pela ANL, de julho de 2010, mostrava que no país havia, na época, 2 980 livrarias e mais de 660 editoras. O mesmo estudo apontava, entretanto, que a média de leitura dos brasileiros era de somente 1,9 livros por ano, índice que está muito abaixo da média de outros países da América Latina.

A terceira edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró- Livro, concluiu que os brasileiros estão lendo mais. Desde sua primeira edição, houve a constatação da elevação do universo de pesquisados em 2000, que era 49%, para 92% em 2007 e 93% em 2011. Essa pesquisa, entre outros objetivos, procurou medir a intensidade de leitura da população brasileira e concluiu que estamos lendo mais, no entanto, isto quer dizer que estamos comprando mais livros? Como o produto cultural “Livro” está sendo comercializado? E, especificamente, como as Editoras LGBTTTT estão inseridas neste processo?

Para isso, pretendemos fazer um breve levantamento histórico da instituição livreira no país. A mais completa trajetória do livro em terras brasileiras foi elaborada pelo brasilianista inglês Lawrence Hallewell. A obra *O livro no Brasil: sua história*, de 1985 apresenta de forma minuciosa o desenvolvimento dos recursos de editoração e de mercado do livro no país, abrangendo um período que vai desde a colonização, até finais do século XX, incluindo aí a história de editoras e livrarias que institucionalizaram o mercado editorial no Brasil. Segundo Hallewell, a prática tipográfica foi introduzida na época das colônias, na tentativa de reprimir a cultura local. A tipografia nas colônias luso-espanholas serviu, em parte, como instrumento de evangelização cristã, implantada nas missões pelo clero e para uso exclusivo deste. Só com o advento da invasão napoleônica a tipografia passa a ser necessidade administrativa nas colônias portuguesas.

A primeira introdução da tipografia no país foi feita pelos holandeses, durante o

período de ocupação do nordeste, de 1630 a 1650. Tentativa essa deixada de lado pela falta de um tipógrafo que se encarregasse do processo.

Os historiadores Ferreira de Carvalho e Pereira da Costa defendem que a primeira tipografia do Brasil de fato operou no início de 1700, em Recife, mas desconhecem o tipógrafo encarregado. As provas oficiais remetem à cidade do Rio de Janeiro, em 1747, quando da primeira impressão efetiva de folhetos brasileiros. Contudo, Portugal ordenou o fechamento da tipografia tão logo de sua inauguração, julgando inconveniente esse recurso na colônia.

A proibição de impressões no Brasil, imposta por Portugal, obrigou os originais brasileiros à publicação na Europa ou a permanecerem manuscritos. Vários autores tiveram obras lançadas em Portugal, como Cláudio Manoel da Costa, José Basílio da Gama e Tomás Antônio Gonzaga, entre outros.

A Imprensa Régia, imprensa oficial da corte portuguesa em solo brasileiro, foi inaugurada em 1808, publicando um folheto de 27 páginas, acompanhado da Carta Régia. A primeira tipografia, segundo Hallewell, surgiu em terras maranhenses, em 1787, uma das províncias mais prósperas do Império.

Quanto ao primeiro livro impresso no Brasil, ocorreu em Minas Gerais, em 1807, um ano antes ainda de a Imprensa Régia estabelecer-se. Consta que o conteúdo do livro era um poema dedicado ao governador da província na época, Athayde de Mello.

A partir daí, vingaram tipografias em diversas províncias. As pioneiras, segundo os pesquisadores são, nesta ordem: Bahia (1809), Pernambuco (1817), Ceará (1824), São Paulo (1827), Rio Grande do Sul (1827), Goiás (1830), Santa Catarina e Alagoas (1831), Sergipe, Piauí e Rio Grande do Norte (1832), Espírito Santo e Mato Grosso (1840), Paraná (1853), Amazonas em (1854).

1.2. Cenário livreiro no Brasil da década de 30 até a contemporaneidade

Durante a primeira metade do século XX, foi a vez de grandes editoras se projetarem no cenário livreiro do Brasil. Para citar algumas delas: Livraria do Globo (RS), Editora Guaíra (PR), Editora Vitória e Editora Vozes (RJ), Saraiva e Cia e Companhia Melhoramentos (SP), Livraria Itatiaia Editora (MG), Livraria Progresso e a Editora Janaína (BA), entre outras.

Em 1937, na vigência do Estado Novo, Getúlio Vargas criava o Instituto Nacional do Livro. Graças a ele, até 1945, aumentou grandemente o número de bibliotecas públicas pelo país, principalmente fora dos centros culturais estabelecidos.

Os anos do pós-guerra, no Brasil, foram antecidos por um surto de leitura, que logo foi arrefecido por uma crise na tiragem de livros publicados. Segundo Hallewell, nem mesmo a extinção do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que estabeleceu a censura de alguns livros no Brasil durante a ditadura, promoveu um aumento na comercialização de livros. Muitos autores, por exemplo, mesmo depois da queda de Getúlio Vargas, ainda sofriam com as censuras estaduais; foi feita apreensão na Bahia “de 2.000 exemplares do Zé Brasil, folheto de 2 páginas de Monteiro Lobato” (HALLEWELL, 1985 p. 431).

Vale a pena destacar a atuação de Monteiro Lobato na sua dupla missão de escritor e editor. A atividade como cafeicultor deu a Lobato o esteio para suas primeiras incursões na literatura, a posteriori, influenciaria também na sua produção como editor. Desta experiência inicial surgiu *Velha Praga*, livro no qual revelava sua preocupação com as queimadas ostensivas realizadas para o plantio do café:

Embora tivesse continuado por mais algum tempo como fazendeiro, começou cada vez mais a usar o tempo livre para escrever contos, muitos deles sobre a vida na fazenda e sobre aqueles mesmos vizinhos caipiras, tipificados por sua criação do Jeca Tatu, nome que utilizara pela primeira vez na Velha Praga (HALLEWELL, 1985, p. 240).

Apesar da postura controversa e de sua posição em relação a temas políticos no Brasil daquela época, a relevância da atuação de Lobato, além do êxito como autor com seu livro *Urupês*, reside no fato de lançar novos autores, pagar-lhes direitos autorais; dar atenção às ilustrações das capas, como ressalta Hallewell:

Ponha um nome de preferência feminino – aconselhou certa vez a um autor – porque cheirando a mulher lá dentro, os leitores concupiscentes compram ‘por ver’: editar é fazer psicologia comercial (HALLEWELL, 1985, p. 254).

Esses métodos revolucionários deram a Lobato um papel importante na editoração brasileira, ainda mais quando se lançou como escritor de literatura infantil. O incidente da publicação de um conto, “História do peixinho que morreu afogado”, trouxe a Lobato a inspiração para modificar completamente seu foco editorial. Logo em seguida veio a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, alcançando uma produção maior do que qualquer outro título que publicara.

Obviamente essas inovações no campo literário dar-se-ão de acordo com o momento histórico. Como veremos mais tarde, uma plêiade de agenciadores do bem cultural

livro permeia esses interesses na publicação, distribuição e aclamação de obras literárias.

Voltando ao nosso corte histórico, muitas Editoras começam a se confundir com seus proprietários; sobre Jose Olympio, Hallewell afirma:

Muito de seu êxito se deve em especial cuidado em cultivar estreito relacionamento com os críticos. Suas apreciações, quando favoráveis, eram incorporadas as orelhas (uma inovação da época) do livro. (...) preocupava-se também com os leitores – que, por exemplo, eram estimulados a escrever aos autores, aos cuidados da editora, com a inédita certeza de que suas cartas seriam realmente encaminhadas. (HALLEWELL, 1985, p. 236)

Parte importante nesse processo, além das amizades, era a relação estrita entre o ofício de editor e a política vigente. A amizade entre Jose Olympio e Getúlio Vargas, segundo Hallewell, perdurou após a queda de Vargas em 1945. No entanto, esta amizade se cunhava em um verdadeiro jogo de interesses. O dinamismo da política também se refletia nos espaços que acolhiam escritores engajados com a política restritiva de direitos da época. No entanto, as tertúlias políticas realizadas na Livraria da rua do Ouvidor eram ponto de encontro de esquerdistas e anti-getulistas, apesar de José Olympio se manter fora das discussões.

Houve uma severa censura, com restrições rígidas quanto às publicações no período de 30. Segundo Hallewell, José Olympio viu-se perseguido por todas as frentes: “a polícia apreendia seus romances pós-modernistas por seu pretense conteúdo comunista, ao mesmo tempo em que confiscava seus livros políticos integralistas por defenderem o tipo errado de fascismo. As coisas pioraram ainda mais com a instituição do Estado Novo, em consequência do golpe de estado de 10 de novembro de 1937” (HALLEWELL, 1985, p.367).

Segundo Leal (2008), José Olympio continuou sendo a principal editora nas décadas de 50 e 60. Tornou-se sociedade anônima. Depois foi comprada em 1985 por Henrique Gregori e, desde 2001, pertence ao grupo editorial Record.¹

Nas décadas seguintes, houve uma expansão do mercado editorial com a consequente segmentação deste mercado, como por exemplo, a linha de literatura policial e o campo educacional/pedagógico. Neste período, poucos autores conseguiram manter o antigo status, senão João Guimarães Rosa que depois de Sagarana e seus outros livros, teve sua obra expoente *Grande Sertão Veredas* traduzida para o francês, inglês e italiano. Segundo Hallewell: “na versão inglesa original, ao contrário, o romance foi ‘assassina-

¹ LEAL, Virgínia Maria. As escritoras contemporâneas e o campo Literário Brasileiro: Uma relação de gênero. Brasília. UnB, 2008. 27 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, 2008, p. 36.

do' e reduzido a uma fração de seu tamanho original. (...) O tema da homossexualidade, um dos mais importantes no romance, foi expungido" (CRICHTON, Sarah, apud HALLEWELL, 1985, p.387). Por que será? – a proposta aqui defendida é mostrar por que motivo essas sanções se fizeram ao longo dos tempos.

Acerca da década de 80, Hallewell vai ressaltar o crescimento da atividade editorial no país, especialmente no setor didático. Por outro lado, há também o crescimento da distribuidora Record, que se torna a maior editora brasileira em livros não didáticos. Boa parte destas publicações em ficção veio de traduções ao português de autores estrangeiros. Brasileiros como Jorge Amado e Fernando Sabino formavam o principal elenco de autores da editora. Houve também inovações na apresentação do objeto livro. Os livros de bolso surgem como alternativa para aumentar a distribuição, mas poucos foram os casos exitosos. O exemplo que Hallewell utiliza para relatar a experiência editorial da década de 80 é Victor Civita, dono da futura Editora Abril, que se popularizou pelos fascículos. Nesta fase, célebres coleções de fascículos foram publicadas, como *Os Pensadores* e *Grandes compositores da musica universal*, entre outros.

Prevaleceu, sem sombra de dúvidas, a ideia de que tanto o mercado editorial quanto o de escritores foram na sua maior parte constituídos por homens. Algumas exceções a este grupo seletivo foram as escritoras Raquel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. Vale registrar aqui as participações destas mulheres por meio do artigo *O feminismo como agente de mudanças no campo literário brasileiro*, da Professora Virgínia Maria Vasconcelos Leal. Neste livro, a compilação de artigos vai revelar a participação da mulher dentro do campo literário brasileiro considerando o feminismo como força de atuação social. Leal vai registrar como se deu o processo de atuação de algumas escritoras. Algumas delas se alinhavam às exigências da crítica feminista, outras não. Por exemplo, nos anos 30, Rachel de Queiroz estabeleceu-se como grande escritora por conta da obra de teor regionalista *O Quinze*. Anos depois, ela consegue entrar na Academia Brasileira de Letras. No entanto, decepciona a crítica literária feminista por não se alinhar ao movimento. À época, Rachel teria dito que não se identificava com o movimento feminista e que sua escrita se associava à linguagem "masculina" do jornal.² No tocante à literatura LGBTTT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais) é importantíssima a contribuição do feminismo e dos estudos culturais e pós-colonialistas, que resgataram vozes silenciadas e promoveram uma revisão de nossa história literária. Por essa razão, faremos sistemáticas referências aos trabalhos sobre gênero e literatura realizados pelo Prof. Antônio de Pádua, que realiza pesquisas e eventos que se alinham aos estudos de uma literatura contemporânea gay.

² Virgínia Leal. In *Mulher e Literatura - 25 anos. O feminismo como agente de mudanças no campo literário brasileiro*. 2010, p.195.

A partir da década de 1980, o mercado editorial brasileiro tem um enorme crescimento e surgem novas editoras, enquanto as mais antigas são incorporadas ou substituídas por outras. Muitas das primeiras editoras, porém, sobrevivem, como a Editora Vozes – a mais antiga ainda em atividade no país. Os grandes complexos editoriais brasileiros somam: Editora Record; Objetiva, Rocco, Editora Nova Fronteira, Editora Abril, Companhia das Letras e Livraria Saraiva, entre muitas outras.

CAPÍTULO 2 – A LITERATURA GAY/HOMOAFETIVA/HOMOERÓTICA: UM DEVIR

2.1. Literatura gay: um breve histórico

A atual compartimentalização conhecida como Literatura Gay vem a ser um subsistema da literatura com conteúdos de temática homoafetiva ou escrita por autores gays – ou ainda aquela realizada como forma de atuação política por leitores gays. Trata, prioritariamente, de assuntos e temas referentes ao universo homossexual. A Literatura gay é escrita por homossexuais e/ou para homossexuais. Segundo Antônio de Pádua Dias da Silva:

estes seriam os primeiros leitores desse gênero ou dessa compartimentalização literária, seja por afinidade, identificação ou por essa produção representá-los naquilo que Sedgwick (1985) e Weeks (1998) souberam muito bem definir, o *homossocial desire* (ou “desejo gay”, desejo homossocial)” (2011, p.13).

A classificação de um conjunto de obras literárias por sua temática é tão funcional quanto a que contempla o período literário ou a língua de escritura do *corpus* estudado. Sua importância baseia-se no fato de que abarca temáticas particulares e de papel relevante na realidade contemporânea. O estudo histórico dessa literatura de temática gay vem sendo empreendido como ferramenta para a compreensão do fenômeno sociocultural da homossexualidade como prática cultural em determinado contexto.

Com o surgimento de cursos de especializações em estudos gay, já no final do século XX, em várias universidades norte-americanas, como em *Yale*, *University of California* e *City College of San Francisco* e na Europa, por exemplo: *New Hampshire* e *University College London* a literatura de cunho homossexual também passa a ser estudada como fenômeno cultural, especialmente dos estudos da Teoria *Queer*. Consequentemente, criou-se espaço para maior entendimento das obras e dos autores dessa vertente ao longo da história da literatura universal, como Oscar Wilde, Walt Whitman, Walter Pater, Thomas Man, Francis Bacon, James Baldwin, Elisabeth Bishop, André Gide, John Addington Symonds, entre outros. Gregory Woods foi, em 1998, o primeiro professor de um curso de Estudos Gay e Lésbicos no Reino

Unido, na Universidade de Nottingham Trent.³

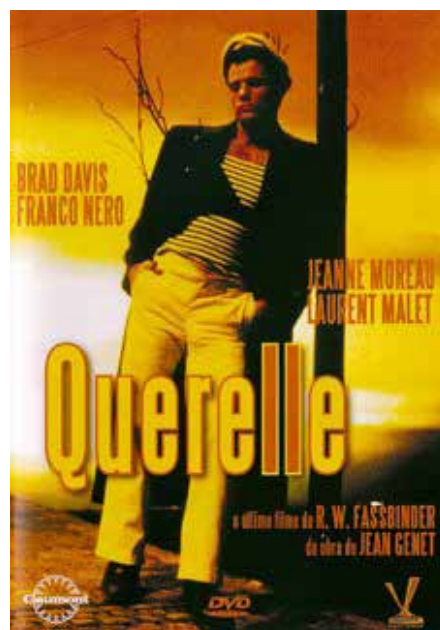
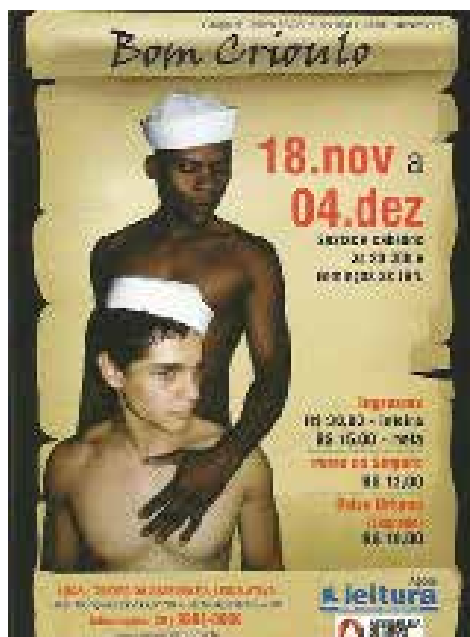
No Brasil, num primeiro momento, o desejo homoerótico suscitou abordagens discriminatórias em relação à homossexualidade. Por exemplo, na obra de Adolfo Caminha, o *Bom Crioulo* de 1895, encontram-se imagens pejorativas da homoafetividade quanto à relação estabelecida por Aleixo e o Bom Crioulo (Amaro). Aliás, de acordo com Lopes (2002), o naturalismo vai inaugurar a literatura com temática homoafetiva no Brasil. Serão fortes as representações do homossexual na literatura após *Bom Crioulo*. Vejamos:

No romance *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha (1895), hoje incensado dentro e fora do Brasil, como uma obra pioneira, a representação da homossexualidade adquire um elemento central na narrativa não só um dado circunstancial ou estereotipado como vamos ver em tantas outras obras na literatura brasileira pelo século XX adentro. (LOPES, 2002, p. 126)

O amor que surgia de forma substitutiva ao sexo “normal” dentro do marinho brutamontes não nascia de uma homoafetividade pacífica; aliás, surgia como uma força de dominação, de uma presença animalesca: “era um perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo como se ele fora do outro sexo, de possuí-lo” (CAMINHA, 2002, p.34).

Em seu livro de “escritos” – como ele mesmo descreve –, *O Homem que amava rapazes e outros ensaios*, Denílson Lopes vai mapear em seu ensaio *Uma História Brasileira*, como a história da homotextualidade foi experimentada na literatura Brasileira. O autor aponta além do seminal *Bom Crioulo*, *O Ateneu* (1888) de Raul Pompéia como livros de importância figurativa dentro de uma literatura de teor homoafetivo. Os espaços do navio em *Bom Crioulo* e do internato de *O Ateneu* são importantes cenários para a configuração da homossexualidade dos personagens, vez que são espaços confinados, com população exclusivamente masculina. No primeiro espaço, temos a figura do navio como ambiente: “já bastante marcante no imaginário gay internacional, de Jean Genet, Keneth Anger aos desenhos de Tom of Finland” (LOPES, 2002, p. 126).

³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Gregory_Woods, acessado em 18/0/2012.



(Cartaz de uma adaptação teatral do romance *Bom Crioulo* e da adaptação fílmica de *Querelle*, dirigido por Rainer Werner Fassbinder, baseado na novela *Querele de Brest*, de Jean Genet, escrita em 1947).

Já em *O Ateneu*, o internato é um espaço de educação formal e moral, do qual “as amizades particulares entre meninos não devem cruzar o horizonte da sexualidade com riscos de sua ruptura, como acontece na relação de Sérgio e Egberto” (LOPES, 2002, p. 129). E assim o fio tecido de uma identidade homoafetiva na literatura se inaugura nestas obras e, segundo Lopes (2002), num hiato de um século a temática da homotextualidade se esvanece com o Modernismo e vai ressurgir em meados do século XX “quando as energias utópicas que agitaram os anos 60 e parte dos 70, um horizonte pós-moderno constituído e interpretado por desejos e identidades homoeróticas emerge” (LOPES, 2002, p.140). Assim, surgem nomes que vão ser mencionados e analisados por sua importância na contemporaneidade, como João Gilberto Noll e Silviano Santiago.

Falar em Literatura gay nos direciona a este caminho de heranças que é revisitado sob o atual esteio das subjetividades, versando, segundo Silviano Santiago em seu ensaio “O homossexual astucioso” publicado no livro *O Cosmopolitismo do Pobre*, sobre a questão da fustigação a que o homossexual é submetido pela violência linguística:

Ao explicar menos a violência social contra si mesmo, o homossexual deixaria mais explícito o modo como a “norma” foi e está sendo construída social e politicamente pela violência heterossexual. É apenas a violência do seu movimento identitário que expulsa do seu espaço como marginal, não só ao homossexual assumido ou não, como a todo e qualquer cidadão que apresente traços diferenciais da “norma”. O homossexual malandro inibe por um lado, ou explicita por outro, a violência heterossexual pelo silêncio foné-

tico sobre o próprio comportamento bicha/sapatona. A grosseria e a violência linguísticos responsáveis pela configuração do espaço do homossexual, como o da nacionalidade, é obra exclusiva do heterossexual. (SANTIAGO, 2004, p. 2001)

Esta constatação se relaciona ao debate erigido neste livro de ensaios em que o intelectual é levado a pensar a contribuição do Brasil na cultura ocidental. À guisa de exemplo, ele cita como nacional e internacionalmente conhecidos: Carmem Miranda, Clarice Lispector e Machado de Assis. Mas Silviano Santiago suscita o que o intelectual brasileiro tem feito para contribuir nos estudos sobre gays e lésbicas atualmente. A pergunta surge como desafio, pois ainda é incipiente o debate. Para o escritor: “o diálogo visa levar aquele que pergunta a uma tomada de consciência de sua enunciação aparentemente neutra e, na realidade, sobrecarregada dos valores econômica e politicamente hegemônicos” (SANTIAGO, 2004, p.193).

Então o espaço aberto para os discursos entre particularismos, nacionalismos e uma resposta à indagação de Santiago surge do entre-lugar. Desta discussão do nacional, do cidadão isolado do processo democrático advém o atrito com o histórico; é uma negociação de seu subjetivismo. A personagem título do romance *Stella Manhattan*, de Santiago, é sonhadora e está envolvida com perspectiva redentora de uma América do Norte, que oferece liberdade financeira. A protagonista se vê entre os conflitos de sua performance alternadas num escritório de uma representação diplomática e os ventos de um Rio de Janeiro de que é saudoso. Este entre-lugar é também um entre-tempo de memórias e angústias. A literatura produzida por Santiago transita entre estas instâncias: o normativismo heterocêntrico e periférico-terceiro-mundista. O entre-lugar⁴ suscita o reposicionamento dos conceitos de nação, pertencimento e produção literária. Segundo Denilson Lopes:

O entre-lugar é a resposta teórica e política à construção de nação como sistema orgânico de uma história linear ou de uma formação. Espaço entre trânsitos entre tempos, culturais e linguagens. O entre-lugar constitui importante passo na implosão da dialética e/ou dualidade entre arte e sociedade, bem como vai além dos estudos de representações sociais, radicalizando as aberturas realizadas pelos debates sobre articulações, mediações e circuitos num fluxo de discursos e imagens que transitem social e temporalmente” (LOPES, 2012, p.29-30).

⁴ Entre-lugar não é uma abstração, um não lugar, mas uma outra construção de territórios e formas de pertencimento; não simplesmente ‘uma inversão de posições’ no quadro internacional, mas um questionamento desta hierarquia a partir da antropofagia cultural, da traição da memória e da noção de corte radical (SANTIAGO, 1982, pp.19-20).

Portanto, o entre-lugar redimensiona a perspectiva de discussão e inserção da Literatura gay. A estética Homoafetiva não é avaliada em sua discutida genealogia, mas se afirma como protocolo de existência de uma produção cultural real, empírica e hodierna, que tem características específicas de temas, enredos, pessoas, lugares, temores, amores. Assim, os protagonistas desta Literatura ascendem à esfera pública mais ampla, promovendo a visibilidade e permitindo, como fez Foucault, teorizar a respeito de uma produção com base numa subjetividade autoral:

Sempre que tentei fazer algum trabalho teórico foi a partir de elementos de minha própria experiência: sempre em relação com os processos que eu via acontecer à minha volta. Era bem porque eu pensava reconhecer nas coisas que eu via, nas instituições com as quais eu lidava em minhas relações com os outros, rachaduras, abalos surdos, disfunções que eu empreendia um trabalho – algum fragmento de autobiografia.⁵

Essas experiências de Foucault revelam o ponto principal destas escritas de si, nas quais o tratamento da pesquisa não atinge apenas a esfera do conhecimento empírico; a prática aqui, pode se dizer, é da própria pele, da própria angústia, do tornar-se gay, que ele preconizou. Este devir só teria sentido se sua pesquisa fosse entendida num conjunto valorativo entre o que se é e o que se deve ser. Mais uma vez o relato ultrapassa o mero registro autobiográfico.

A experiência pessoal e a pesquisa são pontos importantes para alguns escritores gays. A luta contra dilemas pessoais, por vezes, torna-se tema central na dialética entre narrativas e personagens. A inventividade não somente na perspectiva ficcional, mas na vida em si é condição para uma resistência à “heterossexualidade compulsória”, terminologia criada por Adriene Rich. Sobre a resistência Trevisan afirma:

A vivência homossexual implica uma vivência contra a cultura – uma cultura patriarcal secularmente organizada contra qualquer possibilidade de manifestação amorosa fora da relação homem-mulher. Durante 24 horas por dia você tem de dar uma resposta que não está prevista, uma resposta que você deve tirar do nada – e por isso a vivência homossexual é extraordinariamente inventiva. Mas, muito frequentemente, são respostas que não conseguem superar os efeitos colaterais. A incidência de neuroses no meio homossexual é brutal, porque o massacre é brutal (TREVISAN, 2003, p. 35).

⁵ Michael Foucault, “Est-il donc important de penser?”, *Libération*, 30-31 de maio de 1981, retomado in *Dits et écrits*, op.cit, t.4, p.181-182. É pelo efeito de um erro de transmissão que as palavras “algum fragmento de autobiografia” figuram no plural em *Liberación*, forma sob a qual estão reproduzidas nos *Dits et écrits*. Foram acrescentadas por Foucault no singular quando ele releu o texto manuscrito em revisa. Fonte: *Reflexões sobre a questão gay* de Didier Eridon, 2008, p.309.

Uma literatura feita por quem a vivencia é justamente o lugar de quem a protagoniza. Dar valor ao que foi silenciado é prestar justa compreensão dos movimentos pós-coloniais, é experimentar os revisionismos centro/periferia e trazer a margem para o centro.

A produção em termos de pesquisas e análises na tentativa de categorizar e analisar a Literatura Gay tem sido bastante intensa nos últimos anos. Várias coletâneas de autores acadêmicos têm se dedicado a esquadrihar a produção homoerótica na Literatura hodierna, dentre elas, destacamos quatro compilações: *Especulações sobre uma história de uma literatura brasileira de temática gay*, de 2008, *Configurações homoeróticas na literatura*; *Problemas estéticos e políticos na fundação da história da literatura brasileira de temática gay*; *Quando da questão estética entre em cena: considerações teóricas sobre literatura brasileira de temática gay*, todas de 2009, e *Literatura contemporânea e homoafetividade*, de 2011. Essas compilações privilegiam o enfoque dos estudos de gênero, estudos culturais, pós-coloniais, incluindo contribuições de Antônio de Pádua Silva e Denílson Lopes. Sobre a questão da necessidade de novas perspectivas sobre essa produção de cunho homoafetivo, Silva reforça que:

A identidade gay, para se firmar como identidade, como grupo forte, e adquirir visibilidade de todos os ângulos possíveis, principalmente de vista legal, é preciso haver necessidade de apresentar e representar os modelos de vida, de família, de sujeitos, de credos, de cotidiano, de ideias e visões de mundo filtrados pelo olhar ou pela perspectiva gays (SILVA, 2009a, p. 84).

Essas compilações visam discutir o assunto de forma acadêmica e política, centrada em estudos que tentam enfatizar a noção de um sujeito construído historicamente e que, segundo Bhabha (1998), deve centrar o sujeito num espaço temporal, não somente o histórico. O discurso da minoria vai se localizar neste entre-lugar para contestar as ideias de origem, que invariavelmente redundaram em discussões que sustentam uma supremacia cultural e histórica. Homi Bhabha afirma que “o discurso de minoria reconhece o status da cultura nacional – e o povo – como o espaço contencioso, performativo, da perplexidade dos vivos em meio às representações pedagógicas da plenitude da vida” (BHABHA, 1998, p. 222).

Bhabha vai entrelaçar em sua teoria questões como tempo, narrativa e os entes periféricos dentro de um conceito de nação. Seu enfoque se dá sobre a temporalidade mais do que sobre a localidade. A ideia de nacional ultrapassa as fronteiras conhecidas de nacionalismo, comunidade, patriotismo. O que ele busca é a identificação de um sujeito

híbrido, constituído nas diferenças culturais, mais do que buscá-lo numa estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social:

Minha ênfase na dimensão temporal na inscrição dessas entidades políticas (povo e nação) – que também são potentes fontes simbólicas e afetivas de identidade cultural – serve para deslocar o historicismo que tem dominado as discussões de nação como uma força cultural. A equivalência linear entre evento e ideia, que o historicismo propôs, geralmente dá significado a um povo, uma nação ou uma cultura nacional enquanto categoria sociológica empírica ou entidade cultural holística. No entanto, a força narrativa e psicológica que a nacionalidade apresenta na produção cultural e na projeção política é o efeito da ambivalência da “nação” como estratégia narrativa. Como aparo do poder simbólico, isto produz um deslizamento contínuo de categorias, como sexualidade, afiliação de classe, paranoia territorial ou “diferença cultural” no ato de escrever a nação. O que é revelado nesse deslocamento e repetição de termos é a nação como medida da liminaridade da modernidade cultural (BHABHA, 1998, p. 199-200).

Essa noção de nacional tenta aglutinar toda sorte de subjetividades a um padrão adotado. Por essa razão, os deslizamentos de categorias excluídas, na performance diária de seus papéis e orientações, causando certa ausência do sentimento de pertença, atinge os componentes de uma nação que se vê erigida em padrões históricos assumidos e passados de geração em geração. Assim, Julia Kristeva vai tematizar este assunto com uma pergunta: “Como se pode evitar o afundar-se no lodaçal do senso comum, a não ser tornando-se um estranho para seu próprio país, língua, sexo e identidade?” (KRISTEVA, apud BHABHA, 1998, p. 200).

Partimos então de um sujeito menos hermético, menos cartesiano, menos centrado e alcançamos para um sujeito aberto em sua subjetividade, deslocado, desestabilizando o discurso consagrado de uma estruturação fixa, rija. Segundo Eagleton, “se a teoria cultural conseguiu ter algum prestígio, isso também se deve ao fato de ter corajosamente, colocado algumas questões fundamentais para as quais as pessoas gostariam de ter algumas respostas.” (EAGLETON, 2006, p. 362). Essa coragem se deve aos revisionismos históricos e relativos aos estudos pós-coloniais, que colocaram em atrito o canônico e o não-canônico. Assim, um novo sujeito vai dialogar com suas subjetividades por meio da literatura. A leitura deixará de considerada isenta, tornar-se-á política, engajada, centralizada em sujeitos antes estigmatizados e que agora reencontram seu lugar de fala:

Os fundamentos de uma poética *queer*, nesse sentido, não estão apenas a serviço de uma descrição das narrativas; eles também possibilitam uma acurada análise de como o texto reflete, subverte e questiona a realidade.

de do mundo social no qual está inserido (KRISTEVA, 1978, p.38 apud ALÓS, 2010, p.843).

A teoria *queer* tenta amalgamar relações políticas e sociais entre as comunidades de identidades gays e lésbicas; tenta problematizar essas relações de centro e margem a fim de evidenciar as diferenças e arbitrariedades a que são elas submetidas. No entanto, há um componente claro que discute as essencialidades dentro desta teoria. Segundo Ta-deu Tomaz da Silva: “pensar *queer* significa questionar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, neste sentido, perversa, subversiva, irreverente, profana, desrespeitosa” (SILVA, Tomaz, 1999 apud OLIVEIRA, 2008, p. 60).

Sob esta perspectiva subversiva, o tom manifestadamente homoafetivo se voltava contra sistemas políticos homofóbicos. A literatura homoafetiva pode, também, ter um discurso engajado, contra sistemas políticos de repressão. Assim era a prosa de Reinaldo Arenas, carregada de uma lascívia compulsória e de uma resistência contra o sistema castrista. Contra o qual suas obras estão repletas de ironia e ataques. Na contracapa de *Antes que anoiteça*, autobiografia de Arenas, Infante afirma que: “As três paixões de sua vida: a literatura, o sexo e a atividade política” (INFANTE, Guillermo. In ARENAS, Reinaldo). A rebeldia se revela em jogos de constante contestação do sistema em alusões, ao mesmo tempo em que se opera no autor um senso de dever cumprido. Na carta, que finaliza o livro ele relata:

Queridos amigos:

Devido ao meu precário estado de saúde e à terrível depressão emocional que me impossibilita de continuar a escrever e a lutar pela liberdade de Cuba, estou pondo fim a minha vida. Nos últimos anos, mesmo me sentindo muito doente, pude terminar minha obra literária, na qual trabalhei por quase trinta anos. Deixo-lhes, pois como legado todos os meus terrores, mas também a esperança que em breve Cuba será livre. Sinto-me satisfeito por ter contribuído, mesmo que modestamente, pelo triunfo da liberdade. Ponho fim a minha vida voluntariamente porque não posso continuar trabalhando. Nenhuma das pessoas que me cercam está comprometida nesta decisão. Só há um responsável: Fidel Castro. Os sofrimentos do exílio, a dor de ter sido banido, a solidão e as doenças contraídas no desterro – certamente não teria sofrido isto se pudesse ter vivido livre em meu país.

Conclamo o povo cubano, tanto no exílio quanto na Ilha, a seguir lutando pela liberdade. Minha mensagem não é uma mensagem de derrota, mas sim de luta e esperança” (ARENAS, 1995, p.351).

Além da dor da morte, a literatura de cunho homoafetivo também se realiza no entre-lugar da solidão; no entre-tempo da espera. Caio Fernando Abreu foi um contista exímio em situar o amor homossexual na realização do solitário, repleto de desencontro e dor.

2.2. Por que uma literatura gay?

A Revista Bravo nº 144, de 2009, estampou em sua capa matéria sobre um ensaio que questionava a existência de uma estética homossexual na Literatura: “Existe uma estética Homossexual?” E por que não?



A matéria da edição agosto sobre a estética homossexual baseia-se no sofisma do homossexual como personagem da psicologia do séc. XIX; e restrita àquela estética histórico-cultural. Pois bem, a matéria assinada por José Castello limitou-se a uma análise

enclausurada sob o estigma da homossexualidade ainda tomada como algo doentio. Seria injusto falar numa estética homossexual quando esta não pôde ser vivida na plenitude e sim na doença de seus inquisidores.

Falar em Literatura gay, ou estética homossexual é falar de escritores gays, escrevendo sobre suas experiências na literatura. Para falar em Literatura gay, devem-se analisar autores além dos estereótipos doentios e sem falar de nós escritores que escrevemos com a alma pacificada e o amor gay vivido em sua plenitude. A literatura gay existe porque existe o amor gay. A experiência de Gide é reveladora por conta de sua abordagem, mas se ele não vivesse na atribulação do medo e do pecado, sua literatura, bem como as dos outros citados, suplantariam qualquer estética de conotação heterossexista.

Ao longo das duas páginas assinadas por José Castello observa-se um tom tendencioso em retratar a literatura com temática homossexual como eivada de algum naturalismo/biologismo/determinismo que permeava o fazer literário de alguns escritores, entre eles André Gide, Marcel Proust, Oscar Wilde no século XIX; e William Burroughs, Allen Ginsberg, no século XX. No Brasil, José Castello destaca Lúcio Cardoso, que escreveu uma como uma literatura de viés psicológico, o que lhe impingiu uma afetação, uma maldição e uma perversão. Essa afirmação é repleta de um preconceito literário e injustiça para com a realidade dos eventos daquela época e, sobretudo, com a realidade daqueles escritores. Este atestado de “doença” aos escritos e escritores daquela época configura nítido silenciamento das questões subjetivas ligadas ao fazer literário, quando toca à produção de temática homoafetiva. Afinal, como Foucault declarou numa entrevista de 1978:

Dois rapazes que vemos sair juntos para irem deitar na mesma cama são tolerados, mas se, no dia seguinte, de manhã, acordarem com um sorriso nos lábios, se saírem de mãos dadas, aí então não são perdoados. Não é a partida para o prazer que é insuportável, é o despertar feliz (FOUCAULT, apud ERIDON, 2008, p.355).

Provavelmente as instituições canonizadoras da literatura ainda não estão prontas para enfrentar os desafios colocados por aquilo que Sedgwick (2004) denomina desejo homosocial, quando apresentado em texto literário. A crítica literária deixa perdida a obra sobre um passado hereditário, estanque e imutável. No entanto:

O passado homossexual, portanto, contém o silêncio e o medo e também os poemas de Whitman, os sonetos de Shakespeare, e talvez isso explique por que a obra de Kafka continua interessar tanto o leitor homossexual, e

porque é tão fácil encontrar um subtexto homossexual em seus romances e histórias (TÓIBÍN, 2004, p.26).

Como consequência há uma censura velada a tais textos. O que incomoda é a possibilidade de a literatura se debruçar sobre a assim denominada estética homossexual, como previamente foi feito pela crítica literária feminista com as questões levantadas sobre a autoria feminina.

A questão do estabelecimento da estética homossexual é polêmica no sentido de compartimentalizar aspectos genéricos de uma versão particular contada pela História da Literatura. A luta da crítica feminista tinha como alvo dismantelar o sistema rígido do cânone literário por meio de uma construção do feminino, secularmente silenciado, e evidenciado como categoria de análise para uma literatura mais inclusiva.

O esteio para os estudos de uma Literatura gay se assentam sobre a contribuição deste feminismo como crítica; em sua tentativa de dar voz a uma literatura homossexual, ou homotextualizada, ou homoerótica, como denomina Antônio Pádua Dias da Silva – homônimos para encerrar uma temática estritamente de cunho erótico que visibiliza o processo histórico de protagonizar subjetividades antes abjetas e escondidas.

Além disso, é preciso acentuar o caráter diferenciado de quem faz literatura gay, ou para quem se faz literatura gay e este é um ponto que centraliza a justificativa de o porquê desta literatura, que pode ser fundamentado da seguinte forma:

É bem verdade que os críticos falam dessa escrita diferenciada. Concorro em parte, principalmente quando o que entra em jogo não é uma dicção, uma cadência própria da escrita, mas uma biologia própria, uma vez que a narrativa de si, por abordar temas a partir do que sente o sujeito que plasma na página a sua visão de mundo, pelo filtro da subjetividade em que está inscrito, no caso, da subjetividade de gênero e sexual, parece ser óbvio, do ponto de vista do horizonte de expectativa, o leitor ir ao texto para encontrar uma representação feita por uma 'biologia' ou um dispositivo 'bio-político' diferente, por um sujeito cuja condição sexual e de gênero se arvora contra a identidade de gênero e sexo (heterossexual) legitimada no contexto social, mas que se mostra como diferente (SILVA, 2011, p.16-17).

Por esse projeto bio-político é que se deve pautar um estudo de uma literatura homoafetiva. Deve-se também realizar um revisionismo diante de autores e suas obras que em seu tempo não foram avaliados pelo conjunto de seu trabalho, senão pela busca de uma forma pura. À luz de novos estudos e pesquisas, atinge-se a grande e valiosa contribuição de análises que revisitam autores e obras de conteúdo homoafetivo.

Essa diferença na escritura de um autor pode ser objeto de revisão. Especialmente o uso do homoerótico para sublimar questões de real experiência ou verdadeiro esconderijo. Sob uma perspectiva de subversão, e sob uma perspectiva de um sujeito que pode estar fragmentado, analisar uma obra de um autor nos coloca o questionamento de como ela foi recebida. A releitura, ou uma leitura atenta, coloca-nos em contato com novas nuances da escritura e do autor. Por esta razão, a importância de revisitarmos, como leitores políticos, a obra de um artista; pois a contemporaneidade traz consigo um novo significado para ver um livro, para sentir sua escritura e receber o texto. E vale a pena citar a revisão a que certas obras e autores foram submetidos à luz de uma nova teoria literária. Autores como Mário de Andrade são estudados para trazer à tona a contribuição de sua poética sob um novo olhar da vida privada do autor. A intimidade e a psicologia da obra, antes ignoradas, servem de base para aprofundar a análise do local da fala, onde autor e obra se comunicam:

A intimidade gerada na escrita do conto (Frederico Paciência) é contraponto para manifestação da sexualidade de Mário de Andrade. As cartas íntimas enviadas ao poeta Manuel Bandeira apresentam pressupostos sobre especulações que giram em torno da intimidade sexual do escritor. Segundo José Luis Lafetá, “a poética de Mário de Andrade se assenta sobre uma grande variedade de máscaras que implicam símbolos fálicos, desejo de castração, sadismo e oralidade sexual, em busca de uma vitória completa do princípio do prazer” (GARCIA, 2011 apud SILVA, 2011, p. 52).

Ainda sobre este outro lado ignorado de Mário de Andrade, Luiz Mott, em seu livro *Crônica de um gay assumido*, revela esta faceta desconhecida por meio de um outro escritor, na época, ex-amigo, Oswald Andrade:

Devemos a seu maior amigo, depois inimigo irreconciliável, Oswald de Andrade, algumas inconfidências sobre a homossexualidade de nosso grande intelectual: depois de brigados, certa feita, assinou um artigo com o pseudônimo de “Cabo Machado”, para ridicularizar a espontaneidade do poeta em cantar loas a seu ganimedes fardado. Outra vez, Oswald declarou com maldade que “Mário de Andrade é muito parecido pelas costas com Oscar Wilde”. - associando nosso poeta tupiniquim ao príncipe dos pederastas da época Vitoriana. Finalmente, Oswald apelidou Mário de “Miss São Paulo em masculino”, certamente ridicularizando seu dandismo e face embranquecida pelo pó-de-arroz (WERNECK, 1993 apud MOTT, 2003, pg. 25).

Apenas um estudo detalhado do trabalho ainda guardado do escritor pode vir a revelar este lado homoerótico que tanto o perturbava: “ando bebendo muito para esque-

cer, que mal? Não sei. Não sei o que é que eu tenho, ou que não tenho. É um grande mal vagarento, um grande desgosto escuro”.⁶

Em seu livro *Amor em tempos sombrios*, Colm Toibín, que é um escritor gay, vai relatar suas experiências em diversos ensaios que vão sondar a obscuridade e a sublimação da sexualidade na obra de alguns celebrados autores. É estabelecida uma relação entre autor, obra, sociedade da época; seja na Inglaterra Vitoriana, seja nos Estados Unidos de 1950 ou ainda na Irlanda do ensaísta. O ponto em todos estes artigos é desvendar os fatos que fizeram de obras e artistas um conjunto harmônico ou de desencontros com suas sexualidades. Até que ponto a arte prescinde das informações de alcova, do estigma ou da eterna sublimação dos desejos? De uma forma ou de outra, estes autores encontraram seus canais de vazão, do quais jorraram diferentes obras de arte, ainda que esta perturbação ou anseios sejam de intenso valor literário:

Não é simplesmente uma questão de encontrar traços obscuros de uma presença homossexual no passado, embora seja isso também, mas de incluir escritores – Whitman é um bom exemplo – que eram clara e explicitamente homossexuais, cuja homossexualidade, ignorada pela maioria dos críticos e professores, tem um significado considerável em sua obra. (TÓIBÍN, 2004, p. 19)

Até que ponto a sexualidade do autor é importante para a feitura de sua obra? No programa educacional *Voices and Visions*,⁷ escritores e críticos literários discutem sobre a importância da vida sexual de Walt Whitman em sua poética. O interessante é que o documentário coloca em confronto Allen Ginsberg, àquela época professor universitário, e Harold Bloom, defensor do cânone ocidental. O embate parece desimportante, mas o fato é que a poética de Whitman é completamente homoerótica e ambos debatedores incorporam a relatividade ou a relevância de sua homossexualidade em seus discursos. O fato é que este ruído promovido pela poesia de Whitman ratifica que o discurso homoerótico é uma grande fonte de análise para a crítica literária contemporânea.

Atualmente, alguns escritores incorporam temas tabus a sua narrativa. Assim, podemos citar alguns autores, como João Gilberto Noll, que entrelaça narrativas autobiográficas, que revisitam personagens de outros livros experimentando novas subjetividades diante de uma sociedade que comprime valores e padrões a um único molde. A temática homoerótica surge para representar o desejo do homem como algo em postura crítica com

⁶ Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1940 In Os Andrades e outros aspectos do modernismo, Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 1975, p. 212-213.

⁷ Vídeo disponível no endereço: <http://www.learner.org/catalog/extras/vvspot/Whitman.html>

o estabelecido. A memória afetiva se constrói com as experiências e as novas possibilidades de existência de uma orientação sexual menos clandestina. Noll, em seu livro *Acenos e Afagos*, revela esse novo sujeito:

O romance é, ainda, a biografia do mesmo narrador-anônimo, presente nas outras obras do autor; a história de um personagem errante que transita de um livro para outro, posto que é sempre um nômade a procura de um lugar identitário, um abrigo qualquer, um afago, ainda que provisório. Relato biográfico que, aqui, inicia-se com uma insólita luta homoerótica, ocorrida na infância do protagonista, entre ele e um amigo, num “chão frio do corredor” (p.7) de um consultório odontológico. Esse contato com o corpo do outro marca-o irreversivelmente, de tal forma que o colega se torna uma obsessão que acompanha o narrador durante toda a sua existência. Da cena inicial, a narrativa desloca-se para o tempo da vida adulta, quando o narrador já se encontra casado, com um filho adolescente, e, todavia, continua a desejar o afeto e o sexo do amigo, agora engenheiro formado. Na tentativa de superar a angústia dessa espera sistêmica pelo outro, o protagonista desloca-se pelo “incógnito da cidade” (p.29) à procura de sexo, mesmo que não consiga ir além da efemeridade de uma ejaculação.⁸

Ainda que paire a dúvida sobre o narrador externo ou interno, que vê tudo de dentro ou de fora, o importante é que o testemunho vai enredando os personagens num jogo homoerótico que o escritor sabe bem engendrar. O contínuo do personagem que passeia em outros romances do autor, reafirma o local de certo pertencimento homoafetivo como rendição para sua busca. Embora nunca saibamos sobre a sexualidade do narrador autodiegético, esta busca se supera na qualidade da construção da obra literária.

Mas seria temerário se falar de uma literatura gay? A quem importaria? Isso diminuiria a procura e leitura desse tipo de literatura? Para a crítica literária Heloisa Buarque de Hollanda:

Hoje, a diversificação é um critério forte de mercado e pode ter sido por essa brecha que se afirmaram alguns segmentos que tinham enorme dificuldade de se fazer ouvir. Por outro lado, acho interessante, do ponto de vista político, essa afirmação gay ou homoerótica, uma vez que esta é uma literatura de ponta, que coloca em pauta novas questões teóricas e literárias. Torço para que ela consiga conquistar definitivamente o lugar de uma potente interlocução com a própria noção do valor canônico.⁹

⁸ COSTA, Rafael Martins. Disponível em: <http://www.joaogilbertonoll.com.br/ResenhaAcenosEafagos.pdf>.

⁹ HOLLANDA, Heloisa. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/sexualidades-pos-modernas/>, acessado em 12/09/2012.

A Literatura gay exprime um conjunto de indagações, seja no campo da crítica literária, seja apenas como um gênero em busca de um mercado. Talvez resida aí neste último ponto uma justificativa para a existência de um mercado consumidor. Mas ainda persiste a dúvida se a literatura serve para deleite de quem é gay ou há um valor agregado diferenciado? Pelo menos ela vem suscitar pautas para novas questões. O uso do homoerótico, como veremos a frente, pode servir como aspecto de inovação e de transferência de valores estéticos para novas produções literárias. Mas o mercado ao redor desta literatura começa a formar novos leitores que reivindicam, que têm uma agenda política e que consomem.

Em recente feira realizada em agosto de 2012 em São Paulo, intitulada a Primeira Feira LGBTTT do livro, ficou claro que a questão da Literatura gay é um ato manifestamente político. Autores e editoras se reuniram para vender seus livros e discutir sobre literatura gay. Um público motivado e interessado por esse tipo de literatura promoveu intenso debate sobre as obras elencadas para o evento. Não houve discussão acalorada acerca da existência ou não de uma literatura gay, mas incomodou ainda o fato da rotulagem e da escrita ser taxada de gay. O fato é que ainda ostentar em sua obra o subtítulo de uma literatura gay limita o trabalho do autor e pode impactar negativamente a distribuição, a divulgação e o mercado consumidor. No entanto, a promoção de eventos como o supracitado, redimensiona o processo de aceitação, do mercado, de difusão e divulgação dessa literatura gay.



Porém, atualmente, o mercado se manifesta favoravelmente às publicações com temática LGBTTT, propiciando a novos autores a divulgação e promoção de seus trabalhos antes engavetados por um sistema de protocolos fechados a este tipo de literatura. Segundo editores de Editoras gays (vide anexo 1), o trabalho de avaliação dos originais cresceu muito, vez que muitos autores resolveram trazer à tona suas histórias e relatos. As mídias sociais são campo profícuo para divulgação destes trabalhos em comunidades específicas, e inúmeros títulos são divulgados diariamente. São romances, contos, livros

infantis, testemunhos que constituem toda a gama de projetos relacionados à produção homoafetiva.

A promoção deste filão, nicho mercadológico, ou como muitos o autodeterminam, literatura gay, tem sido patrocinada e financiada pelo o trabalho “artesanal” das editoras LGBTTT. Políticas públicas voltadas à promoção da diversidade dão incentivo à produção voltada à diversidade. Tal fato acontece na prefeitura de São Paulo, por meio do PRO-AC – Programa de Ação Cultural – que, desde 2011, já promoveu editais que contemplam a publicação e editoração de livros com temática homoafetiva através de concursos literários. A iniciativa também parte de pessoas físicas, como o Escritor Valdeck Almeida de Jesus, que promove seus concursos de contos LGBTTT. A Editora Malagueta promove saraus, feiras LGBTTT e participa de feiras tradicionais, como a FLIP (Feira Literária do Livro de Parati). Já a Editora Escândalo promove concursos literários de contos como o *Homossilábicas Vol.2* e, recentemente, o Concurso Cultural *Loveless*.

2.3 O martírio para uma publicação gay

Em artigo publicado pela Revisa Cult número 66, intitulado *A via crucis do escritor gay*, o escritor de Carlos Hee expõe o sofrido caminho percorrido para se publicar um livro de temática gay. O cacófato soa menos complexo de se enfrentar do que os “nãos” que as obras de cunho gay, no princípio, sofriam para ser publicadas.



Além da existência de poucas editoras, chamadas Editoras gays, no mercado, a submissão de um original de teor declaradamente homoafetivo era motivo de rejeição quando da apresentação a uma editora convencional. Segundo o autor, “muitos escritores homossexuais preferiram mudar o sexo em suas histórias para conseguir uma publicação e até mesmo não serem tachados de homossexuais, continuando apesar de se tornarem públicas, dentro do armário” (HEE, 2003). Aliás, em seu livro: *A epistemologia do armário*, Eve K. Sedgwick elabora uma densa discussão sobre a questão da volta ao armário, como estrutura de regulação da vida dos gays:

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora.¹⁰

Verdadeiro corolário desta afirmação é a constatação de que poucos escritores assumidamente gays não vincularam suas obras à sua orientação sexual. No entanto, poucos se arvoraram a divulgar seus trabalhos e manifestar sua orientação sexual como parte relevante de sua produção cultural. Em entrevista para esse mesmo periódico, Revista Cult nº 66, o escritor gay João Silvério Trevisan, questionado sobre o “outing” de alguns escritores brasileiros, como revelado em seu livro *Devassos no Paraíso*, responde a uma professora universitária sobre o fato de mencionar a sexualidade de Mário de Andrade e Guimaraes Rosa:

Cheguei a ter uma polêmica com uma professora universitária porque, em entrevista ao jornal O Globo sobre o *outing* [revelação pública da homossexualidade de personalidades], manifestei minha ideia de que seria fundamental relevar o aspecto homossexual de certos autores – daí por que, em *Devassos no paraíso*, abordei a homossexualidade de Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Nessa entrevista, eu argumentava que, se é consenso que a amante secreta de Beethoven foi importante na gênese de alguma de suas obras, por que a homossexualidade de um escritor como Thomas Mann também não o seria? Em resposta, a professora, revoltada, disse que isso era a mesma coisa que mencionar a gagueira e a modernidade de Machado de Assis para falar de sua obra. Fico escandalizado com essa ingenuidade, com essa pudicícia da universidade: se Machado de Assis não fosse mulato e gago, com certeza seria um José de Alencar! O fato de ser “torto” é que levou Machado a ter aquela ironia tão pessoal; foi isso que permitiu que tivéssemos um gênio – um gênio torto – na literatura brasileira. (TREVISAN, 2003.p.32)

¹⁰ Cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007: 19-54.

João Silvério Trevisan é um dos poucos escritores que assumem sua sexualidade e produzem sem restrições sua literatura e militam pela causa LGBTTT. É ainda um dos poucos escritores gays que estão em intensa produção, tem livros premiados pelas instâncias canonizadoras e não abandonaram sua estética para composição de seus trabalhos. Sua produção é extensa e sempre flerta com a questão do gênero e da sexualidade. Entre elas estão: *Testamento de Jônatas Deixado a David* (1976); *As Incríveis Aventuras de El Cóndor* (1980); *Em Nome do Desejo* (1983); *Vagas Notícias de Melinha Marchiotti* (1984); *Devassos no Paraíso* (1986); *O Livro do Averso* (1992); *Ana em Veneza* (1994); *Troços & Destroços* (1997); *Seis Balas num Buraco Só: A Crise do Masculino* (1998); *Pedaço de Mim* (2002); *Rei do Cheiro* (2009).

Mas ainda sobre a via-crúcis do escritor gay, a despeito da carreira exitosa de João Silvério Trevisan, que, atualmente, ministra aulas de criação literária em São Paulo, percebemos que para os escritores iniciantes o caminho ainda é muito tortuoso. Embora existam, atualmente, editoras e selos de grandes editoras que publicam autores gays ou literatura de temática homoafetiva, muitos escritores gays já sofreram restrições ao submeter seus originais a estas intituladas editoras gays.

Para Carlos Hee, a experiência de publicação de seus originais foi bastante desestimulante. Além de ser barrado pelo crivo das editoras tradicionais, ele também sofreu com a recusa de seu trabalho depois de submetê-lo a uma editora gay. Depois de dois anos, contraditoriamente, seu original *Trem Fantasma* foi aceito pelo editor da Siciliano, que a época abriu um selo específico: Mandarin, para publicações do gênero. Entretanto, como relata, apesar de sua publicação e edição bem-sucedidas, em seu artigo, ele ainda se ressentia por alguns ranços na publicação gay:

...*Trem fantasma* é um livro de temática homossexual. Ou seja, não seria lucrativo para uma editora bancar sua publicação, na medida em que os livreiros se recusam a comprar livros homossexuais e, quando o fazem, praticamente os escondem no fundo da livraria. Sem contar com o comportamento da crítica literária, que ignora solenemente livros gays de autores iniciantes, contribuindo para que a obra seja ‘escondida’ dos leitores e, principalmente, dos leitores gays, que nem mesmo ficam sabendo da existência de um livro que poderia ser do interesse deles. (HEE, 2010, p. 25)

O escritor Moa Sipriano, autor em série de livros disponibilizados gratuitamente pela internet, acerca da publicação de seus livros, desabafou honestamente sobre a questão do mercado editorial e publicação de obras gays:

Volto a dizer... tenho postado apenas “aperitivos” da minha arte. Já as edito-

ras, a meu ver, faltam profissionalismo. Esse papo de ficar enviando material original pra ser avaliado pelo contrarregra do office boy do departamento de faxina é furada. O mundo gira muito rápido e acho que os tais “editores” deveriam avaliar mais o que ocorre longe de seus escritórios naftalínicos. Há uma mentalidade medieval enervante quando você tenta contato com esses seres. Eles não enxergam dois palmos longe de seus narizes nicotinados, não adianta. E não digo isso só por mim. Vejo e acompanho a todo momento talentos realmente talentosos (e que não precisam dormir com ninguém) sendo desperdiçados aqui e ali, seja na literatura, na música, nos palcos, etc.¹¹

A literatura gay, como estilo ou gênero, é uma utopia se a encarmos sob a perspectiva de uma produção dentro de um mercado tradicional. A discussão sobre esse tema acaba enveredando para muitos caminhos, principalmente de contestação. Segundo alguns críticos, a compartimentalização justificaria uma outra gama de discussões acerca de uma literatura feminina, uma literatura negra, uma literatura terceiro-mundista. Enfim, a problematização redundaria em argumentações tendenciosas, essencialistas e não plurais.

Para alguns ela surgiria de uma inquietação doentia, que perpassaria pelo trágico, pelo deboche, pelo erótico – como vimos anteriormente pelas argumentações do crítico literário Jose Castello – ou como Carlos Hee, que apregoa a não-existência de uma literatura gay, mas que pelo menos se deveria levar em consideração a existência de um mercado consumidor. Ou ainda como afirma Heloísa Buarque de Hollanda:

Do ponto de vista literário, não vejo na linguagem dita gay nada de muito diferenciado das formas e estilos da produção ficcional ou poética; vejo, sim, uma diferença clara no projeto político desta produção, que flagra e denuncia algumas caixas pretas da subjetividade masculina ‘ortodoxa’ através da encenação agressiva da sexualidade ou da valorização da ‘inteligência afetiva’ como forma cognitiva e produtiva.¹²

Segundo Denílson Lopes, a questão da existência de uma literatura gay está além desses debates de estilos e canonizações. A postulação envereda pela militância, pela igualdade do registro histórico, da estatização de uma nova forma de interagir com a sociedade:

Os riscos, que julgo necessários, da visibilidade pública da homossexualidade estão certamente em pensar esta construção como isolada e desvinculada das ansiedades de nossa época; mas, se entendemos esta politização do privado – de resto empreendida por vários grupos minoritários, excluídos – como uma possibilidade de maior vínculo ao mundo, de busca de formas de pertencimento, em meio ao cinismo e ao ceticismo

¹¹ SIPRIANO, <http://editoraescandalo.com/site/entrevista-moa-sipriano> acessado em 12/09/2012.

¹² <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/sexualidades-pos-modernas>

que parecem grassar, ela só pode trazer benefícios para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. O grande desafio dos militantes e estudiosos é o de colocar a questão da homossexualidade não só como algo que diga respeito a um grupo específico, mas ao conjunto da sociedade. O desafio é como aprender com o que somos, mas também com o que não somos.¹³

É neste diapasão político e democrático que parece existir uma certa sensibilização para o tema. Não interessa muito minar o discurso hegemônico por um compulsório fazer literário gay. Há uma necessidade de compreender a profícua produção literária gay além do homoerótico e além da aceitação mercadológica. Os matizes de teor político e democrático neles presentes parecem ser justos e imperativos no momento, para que se registre uma poética que, assim como muitas outras, foi silenciada pelo cânone heteronormativo, incontestado, que imperou por muito tempo em nossa história literária.

2.4 A internet como viés para publicar as narrativas do eu

Depois da Internet, as formas de publicação de uma ideia foram democratizadas de uma forma expressiva, mormente por meio dos blogues e sites pessoais. Nunca se elevou a questão do privado a uma esfera tão pública e acessível. Os blogues registram experiências diversas, desde um diário eletrônico a uma complexa plêiade de temas e assuntos. Tornaram-se meio de expressão de opiniões e subjetividades.

Para o meio literário, principalmente o pós-moderno, ou para citar o conceito de transculturalidade de Arjun Appadurai,¹⁴ a internet é um rico meio de produção e manifestação da literatura hodierna.

Mesmo que não seja unânime como registro da moderna literatura, principalmente pelos formadores de opinião crítica, ainda partidários de o livro ser o único meio de divulgação de uma poética hodierna, muitos estudiosos contemplam essa faceta do mundo globalizado. Schittine (2004) vai denominar as narrativas que ele estuda, dos blogs, de escritas do eu.

As narrativas do eu, adotadas no livro organizado por Antônio de Pádua Dias da Silva, partiram da ideia inicial das *escritas de si*, elaboradas por Foucault, que são:

¹³ Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/sexualidades-pós-modernas/>, acessado em 12/09/2012.

¹⁴ É antropólogo indiano conhecido pelos seus trabalhos sobre modernidade e globalização. (Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Arjun_Appadurai)

Um dispositivo cultural que adquire valor social na medida em que sujeitos ordenam um pensamento, uma ideia, uma história ou uma narrativa de si no intuito de relacionar os seus problemas no tempo e no espaço, sejam estes particulares ou de demanda coletiva, uma vez que a dor/problema de um pode refletir toda uma comunidade ou geração. (FOUCAULT, 1992, apud SILVA, 2011, p. 14-15)

Esse instituto tem muito a ver com a produção literária gay feita hoje em dia. Muitos dos novos escritores – até mesmo os não-gays – estão usando o suporte da internet como meio de promover seus trabalhos e divulgação de suas obras. Muitos deles começaram suas atividades registrando suas intimidades, suas narrativas e poemas em blogs e plataformas do gênero para promover suas primeiras incursões na literatura.

Moa Sipriano, escritor mencionado anteriormente, possui um site em que divulga suas obras de forma gratuita pela internet. As histórias surgem em série e uma bibliografia extensa se forma, com mais de um milhão de downloads. Esta frequência em seu site ratifica a questão da demanda de leitores e de a internet promover a facilidade de interação entre autor e obra – a questão da crise literária promovida pela internet, bem como as novas formas de leitura não serão temas discutidos neste trabalho. As temáticas enveredam pela experiência pessoal e pela ficção propriamente dita. Sobre sua produção, ele registra em seu site:

Em 2005, por causa do sucesso do conto *Treze Homens...*, busquei inspiração para desenvolver o romance 30 dias - diário das experiências sexuais de Jäger. A história de Jäger foi realmente escrita em tempo real, conforme as datas descritas no diário do personagem. Foi um desafio enorme escrever trinta capítulos em exatos trinta dias e postar um capítulo diário em meu site capenga. E mesmo não tendo divulgado devidamente este projeto pessoal, a repercussão foi muito, muito promissora.¹⁵

A ideia do professor Antônio de Pádua Dias da Silva foi partir de compreensões da escritura gay como produto da textualidade criada por autores dessa literatura, revelando uma ligação entre o figurativo do corpo e onde esta produção é articulada. Essas ideias surgiram de leituras sobre o neologismo *homographesis*:

¹⁵ <http://www.moasipriano.com/autor.htm>

A formação de uma categoria de homossexuais cuja condição de possibilidade em sua relação com a escrita ou com uma textualidade, em sua rearticulação, em particular, de uma diferença sexual interna à identidade masculina gera a necessidade de ler certos corpos como sendo visivelmente homossexuais. Essa inscrição do homossexual dentro de uma tropologia que o produz numa relação determinante para a própria inscrição é a primeira coisa que desejo significar com o termo *homographesis*. (EDELMAN, 1998 apud SILVA, 2011, p. 14)

A partir desta ideia de vincular uma narrativa do eu ao próprio ato de escrever, Silva vai tracejando características próprias desses escritores que mantém certo padrão, elencando elementos estruturais de sua narrativa que se repetem em todos os textos colocados nesta categoria. A isso Denílson Lopes vai chamar de *homotextualidade*, que se relaciona estruturalmente com o conceito de uma grafia homossexual, e está presente na ideia de que não somente no homoerótico se inscreve a literatura gay, mas em especificidades textuais: “homotextualidade poderia ser entendido como um conjunto de ‘cronotopos’ (isto é, unidades espaço-temporais representados no texto) específicos de uma literatura gay, homoerótica ou homoafetiva” (ALÓS, 2010, p.837). Esses cronotopos significariam, como foi mencionado anteriormente, as pessoas, os lugares, os temas, as problemáticas específicas, com solidão, morte, clandestinidade das relações, entre outros; espaços como internatos e escolas.

Não é difícil de observar estas características textuais, ou marcas autorais, nestas inúmeras produções de blogueiros. Por exemplo, em seu blogue Blog Azul, o escritor e cantor Luiz Capucho absorve a atmosfera do subjetivismo para refletir sobre seu cotidiano, ampliando sua temática para um patamar metalinguístico onde autor e obra se mesclam competentemente. Essas grafias de sua escritura alternam entre o cotidiano e as suas perspectivas com o futuro. Nessas aventuras ele flerta com elementos de pura homotextualidade:

Acordei com meu coração doendo outra vez. Quero sumir, não tenho vontade de nada. Encontrei meu amor, mas coitado de mim, que me descompleto se ele se ausenta um pouco. Tem uma música de Suely Costa com um verso, mais ou menos, sobre isso. A música chama-se: Vento Nordeste, e o verso é esse: “Se estás comigo distraio, se vais, eu morro de medo.” Estive pensando se não sou um cara doente, por estar tão carente assim. Chorei um pouco no ombro de minha mãe. Disse-lhe que ninguém me suportará, que um cara como eu, não faz ninguém feliz. - Não sei amar, sofro muito - eu disse. Fora isso, quando Pedro estava aqui, um dia, depois de ter lido um pouco o Rato na praia, ele teve umas ideias de capa. Eu curti muito as suas ideias e quando estivemos na Cláudia, pedimos a máquina emprestada e Pedro tirou umas fotos de acordo com suas ideias. Mandamos pra editora como sugestão e eles curtiram. Portanto a capa do Rato será uma das fotos

de Pedro. É assim que desejo estar, como o Rato para sempre agasalhado pela capa do Pedro.¹⁶

A homotextualidade nem sempre fica tão clara como pontos específicos no texto. Por exemplo, na citação acima, Capucho eleva a melancolia a um grau de espaço para a performance de sua sexualidade; a ausência do amante se aglutina numa voz que resgata outras vozes, a música. E ainda sua literatura como ponte de contato entre o eu saudoso, que não sabe amar e o seu amor, Pedro, que se eterniza numa memória física do seu livro Rato.

Ademais, muita gente saltou da plataforma da internet para a publicação do livro físico. Muitos destes autores começaram a partilhar suas escrituras do eu; boa parte dos escritores de literatura homoafetiva utilizam, atualmente, tanto as mídias sociais como as formas convencionais (jornais impressos, televisão, revistas especializadas) de propaganda de suas obras. A título de informação podemos enumerar: Bruna Borges e seu blogue¹⁷ de contos e crônicas que participou de concurso literário e foi publicado pela Editora Escândalo; bem como Ricardo Feitosa e seu intenso e verborrágico blogue¹⁸ intitulado “O Crônico”, Fabrício Viana, bacharel em psicologia e escritor com o seu blog “O Armário”,¹⁹ do qual surgiu o livro *O Armário*, e é produzido pelo autor de forma independente – assunto que será discutido em capítulos futuros; Paulo D’Bram que escreve no “O Falante”,²⁰ Kiko Riazze que também se tornou escritor com ajuda de seu blogue: www.kikoriaze.com.

2.5 A autopublicação: todo mundo tem uma história para contar

Por volta de 2002 uma nova forma de publicação de livros surgia no mercado: a autopublicação ou publicação por demanda. Alguns sites – o serviço é inteiramente feito pela internet, incluindo o aporte de originais e publicação final: tipo de capa, miolo, orelhas – como o americano lulu.com, lançaram no mercado esta nova ferramenta editorial. Tudo feito pelo autor, que se transforma em seu próprio editor, manejando a confecção do

¹⁶ <http://luiscapucho.blogspot.com.br/2007/01/acordei-com-meu-corao-doendo-outra-vez.html>. O autor afirma que não concorda com a terminologia: Literatura gay. No entanto, diferentes etapas do processo de afirmação das minoras podem acontecer concomitantemente. A primeira é a reivindicação da diferença. A segunda que integra a produção artística das minorias ao mainstream, só pode acontecer quando a diferença é aceita e assimilada.

¹⁷ <http://turbilhaodemim.blogspot.com.br> (acesso 28.04.2013).

¹⁸ <http://ricofeitosa.blogspot.com.br> (acesso: 28.04.2013).

¹⁹ <http://www.oarmario.com/fabricioviana> (acesso 28.05.2013).

²⁰ (<http://www.ofalante.com> (acesso: 28/04/2013)).

livro – revisão e correção ficam a priori a cargo do escritor, mas o serviço pode ser disponibilizado – e ao término solicita à empresa a quantidade de livros que deseja imprimir.

O recurso caiu como luva para escritores amadores e iniciantes que deram um passo adiante em relação aos diários secretos que os blogues propiciaram. Muitos começaram a usar esta nova ferramenta de publicação para imprimir em papel físico seus poemas, contos, crônicas, receitas, relatos, testemunhos, entre outros, para que suas histórias ganhassem o devido registro autêntico do protocolo do papel. Engana-se quem pensa que o e-book também não é oferecido pelos serviços da empresa, inclusive é um grande filão do mercado editorial convencional atual.

Segundo informações contidas no site lulu.com este já conta com mais de 1 milhão de criadores, ou autores, que usaram a plataforma da impressão por demanda para publicar seus trabalhos. E ainda com base neste mesmo site, há em média a publicação de mais de 20 mil títulos por mês. (<http://www.lulu.com/us/en/about>, acessado em 13/09/2012). Números impressionantes que evidenciam uma verdadeira mudança no mercado editorial. Fato que tem a ver com a grande demora para a avaliação de originais, bem como de rejeição destes por grandes – e por que não – pequenas editoras.

No Brasil, não poderia ser diferente. A ideia se condensou pelas mãos de empresários do ramo da era digital. Em 2004, surgiu o <http://clubedeautores.com.br/> que possibilitou uma plataforma nos moldes da lulu.com, no entanto inteiramente em língua portuguesa. O site foi pioneiro em promover este tipo de publicação por demanda no país e consta com números também expressivos entre autores e publicações. São atualmente 15 mil títulos de mais de 12 mil autores no catálogo da empresa.

A Revista Literatura, número 28, publicou, num de seus artigos, matéria intitulada: Era Digital, Escritores e Editores criam estratégias para aproveitar as facilidades da internet. A matéria faz uma análise de como a internet mudou hábitos tanto entre escritores quanto editores, que se viram obrigados a entender como esse poderoso veículo promoveu mudanças na forma de escrever, ler e divulgar obras literárias.

Além disto, a internet promoveu maior aproximação entre escritor e leitor. “Hoje, ao lermos um livro impresso ou digitalizado, podemos encontrar sites e blogs que trazem mais informações sobre o autor e seus processos de escrita, entrevistas, curiosidades.” (FREITAS, 2010.) Este fato tirou muitos autores do anonimato e trouxe ao público histórias diversas em diversos gêneros literários. Exemplos dessa diáspora cibernética so-bejam. A própria revista, mencionada acima, citou importantes exemplos destes tipos de escritores. Primeiramente ela cita Fabrício Carpinejar, poeta gaúcho, que publicou o livro crônicas *O amor esquece de começar*, cujos textos foram retirados de seu blogue particular. Ainda cita a escritora Clarah Averbuch, com seu livro *Das coisas esquecidas atrás da estante*, também compilação de textos de seu blogue, e também cita Cristiana Guerra que

escreveu o livro *Para Francisco*, onde reuniu os textos de seu blogue criado para seu filho quando da morte de seu marido. Finalmente a autora da reportagem, a escritora Mirian de Freitas, professora do IFET/Juiz de Fora (MG), afirma: “A cultura de que tudo o que se publica na internet é lixo literário ou cultura inútil está com os dias contados.”²¹ Um novo mercado editorial surge a partir da era digital, promovendo uma antecipação dos “originais” que chegam ao leitor antes mesmo de serem impressos, fato que instaura uma nova forma de interação entre autores e editores, a que muitos podem atribuir à morte do livro tradicional – mas ainda é temário prever tal situação, vez que o livro impresso ainda circula vividamente entre nós.

²¹ FREITAS, Mirian. A Literatura da era digital. In: Revista Literatura. (São Paulo, n.28, p. 24-29, 2010.)

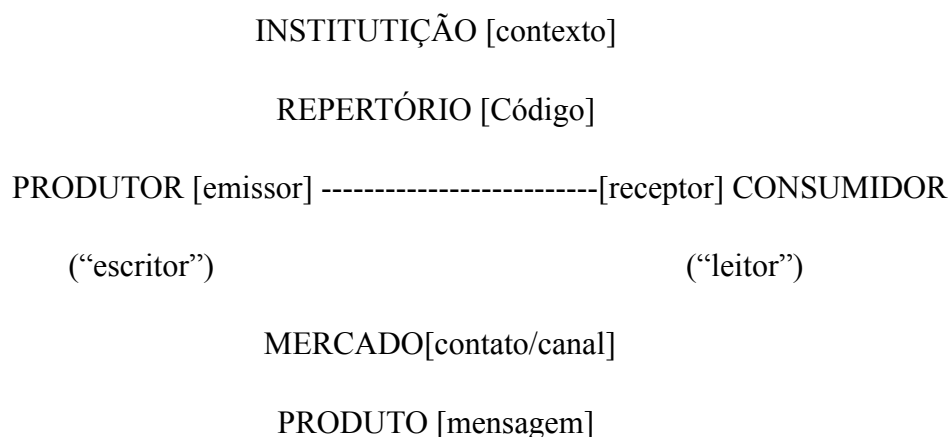
3. CAMPO LITERÁRIO, CÂNONE E INTERDITOS.

3.1. Teorias sobre o campo literário e uma literatura homoerótica

Em 1984, o filólogo George Dumézil, a respeito de uma passagem de sua juventude escreveu:

Em 1916 ainda, na Sorbonne, um de mais finos conhecedores da Grécia antiga e moderna, o ilustre delfista Émile Bourguet, explicava o Banquete aos estudantes da licenciatura; ao chegar à cena que Victor Cousin nobremente intitulara de ‘Sócrates recusando os presentes de Alcibíades’, ele nos prevenia: ‘E, sobretudo, não vão imaginar coisas’ (DUZIMEL, 1954, apud, ERIBON, 2008, p. 303).

A citação acima revela como o aparato de um sistema controlador funciona para a manutenção de um discurso heteronormativo. A restrição à leitura de *O Banquete* de Platão é um verdadeiro registro de como os agentes do capital cultural, encapsulados na figura do professor de Universidade, emolduram os valores repassados continuamente sobre o peso de um autor e sua obra. Neste diapasão, entram em cena outros elementos mantenedores desse campo de poder. Tais elementos ficam mais claros no sistema desenvolvido pelo teórico Evan-Zohar. A Teoria do Polissistema esquematiza uma plêiade de fatores aos quais ele denomina Sistema Literário. Fatores estes que se encontram numa estrutura de relações interdependentes. Segundo seu esquema:



Even-Zohar relaciona fatores que estão envolvidos num sistema múltiplo com base no famoso sistema de comunicação de Jakobson (Jakobson 1980 [1956]; Jakobson 1960: esp. 353-356), obviamente adaptando-o à Literatura. Numa ponta fica o produtor, em que se inscreve a figura do escritor; na outra margem fica o consumidor, leia-se leitor. Neste sistema o autor deixa clara a importância da Instituição, definida como: “a agregação de fatores envolvidos com a manutenção da Literatura como uma atividade sociocultural. É a Instituição que governa as normas que prevalecem nesta atividade, sancionando alguns e rejeitando outros” (EVEN-ZOHAR, 1990, p.37).

Dentro desta estrutura, a Instituição de Even-Zohar agrega todos os valores então considerados no seu esquema acima demonstrado. Pois, numa Instituição, um Professor elenca um rol de escritores – e por que não um repertório – que são sancionados por sua experiência, seu histórico e por um grupo a que pertence: os professores universitários. Toda essa conjuntura de fatores evidencia o poder de se ratificar este ou aquele produtor. Um produto dentro de um mercado pode ser subestimado, considerado de menor valor, o que suscita uma avaliação equivocada de uma certa indiferença. Outra possibilidade é a aceitação do texto desde que certos elementos sejam obliterados, como no exemplo citado da leitura de *O Banquete*. Questões que Bourdieu soube bem analisar em sua observação sobre uma estrutura dualista dentro do campo do poder que hierarquiza condições sociais, de gênero e sexo de produtores e consumidores.

Outra ideia interessante da teoria do polissistema de Even-Zohar é a concepção das “leis da interferência”. Para ele, interferência “pode ser definida como uma relação entre duas literaturas, na qual uma certa Literatura A (fonte) pode se tornar fonte direta ou indireta de empréstimos para uma outra literatura B” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 54). Dentro de um sistema no qual uma literatura é canonizada – por meio de seus escritores, produtos, repertórios e mercado – a existência de uma literatura de centro e outra de periferia é ainda evidenciada. Assim, uma Literatura canonizada reforça a sua existência, a priori, rechaçando uma literatura não canonizada, que em termos de produção pode ser originada de grupos minoritários.

Além disso, ele alerta que literatura deve ser entendida como um todo, de todas as atividades incluídas em sua constituição. Desta forma, devem ser levados em conta neste empréstimo, além do repertório, características como o papel e a função da literatura’, ‘as regras do jogo da Instituição literária’, ‘a natureza da crítica literária’, ‘as relações entre religião, política e outras atividades que estão dentro da cultura e produção literária’.

A ideia de Even-Zohar é de teorizar sobre um sistema dinâmico em que as interferências são necessárias para o fortalecimento e reforço do cânone. Mas essas interferências podem causar tensões especialmente entre o que está canonizado e o que não está canonizado. Isto se reflete na produção de um escritor que vê seu trabalho elevado a um certo modelo, padrão estatizado. Escritores cômicos desta posição podem alterar seus

textos, embora já fossem reconhecidos pelo seu público e pelo seu status. Segundo o autor, “as tensões entre a cultura canonizada e a não-canonizada são universais. Eles estão presentes em toda cultura humana, pois uma sociedade não estratificada não existe, nem utopicamente” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 16).

Este teórico vai atrelar ao sistema canônico a mudança, a inventividade, e ao não-canonizado uma certa petrificação. Esta distinção é bastante importante para se entender a questão dos empréstimos dentro de um polissistema. Even-Zohar cita alguns exemplos de mudanças realizadas por alguns escritores canonizados. Num primeiro momento as transformações no repertório causaram contundentes reações da sociedade à época. Por exemplo, James Joyce em *Ulisses*, bem como D. H. Lawrence no romance *O amante de Lady Chatterle*, nos quais elementos considerados secundários, como a pornografia, foram introduzidos.

A correlação entre literatura, cinema e outras artes, ao incorporar elementos não canonizados, pode corroborar esta ideia acima, auxiliando na compreensão deste fenômeno. Assim como a literatura fonte (canônica) se apropria de características do subsistema de massa, especialmente as temáticas tabus, o movimento de troca/interferências no polissistema de Even-Zohar parece bastante palpável para o entendimento do eixo centro-periferia.

Sobre estes elementos, o importante para nosso trabalho em tela, é reconhecer que existem influências renovadoras do não-canône no cânone, em que pese toda uma estrutura de dominância deste último sobre o primeiro. No entanto, o que podemos denominar de subculturas que interferem para renovar, como foi dito, torna dinâmicas as relações inter-sistemas de Even-Zohar. Assim, podemos fazer um paralelo sobre as artes – a literatura é claramente resultado disso – quando pertencentes a um subgênero inferior podem servir de elemento novo ao já estabelecido.

Em seu estudo sobre o polissistema de Even-Zohar, Ubiratan Paiva de Oliveira exemplifica como se dá o processo descrito acima:

Ainda relacionando a influência exercida pela imprensa, Even-Zohar chama a atenção para o fato de Dostoievski e Charles Dickens terem usado elementos da chamada subcultura da época, ao invés de desprezá-la, possibilitando a renovação da literatura canonizada pela utilização daqueles elementos. Flagrantemente sentimental por vezes, de tal modo que algumas de suas obras aparecem hoje envelhecidas, embora outras permaneçam, na verdade, ao utilizar elementos não-canonizados, Dickens acabou por trazer um novo alento à arte de seu tempo. (De OLIVEIRA, 1996).

Para a literatura gay, podemos citar exemplos de autores que criaram uma dinâmica em sua obra pela incorporação do homoerótico e homoafetivo, antes marginal,

periférico, para andar sobre a superfície do cânone. Exemplos sobejam na literatura canonizada, como os contos de Caio Fernando Abreu, alguns deles compilados em *Morango mofado*: (Os companheiros, Terça-feira gorda, Sargento Garcia e Aqueles dois.) Em *Terça-feira gorda*, por exemplo, a escolha de um personagem-narrador revela a intenção do texto, pois o relato leva o leitor a compartilhar os sentimentos do protagonista. Segundo Arnaldo Franco Júnior:

A escolha de um narrador protagonista funciona como estratégia de construção de empatia: o conto convida o leitor a partilhar, ao ler, da dor e da experiência de violência vivida, que registra o fascínio do jogo erótico e o horror da surpresa funesta que sobre ele se abate, conquistando o leitor pela a pungência. Trata-se de uma estratégia de comoção [...]. A escolha de um narrador protagonista confere sinceridade e o valor de verdade ao fato narrado (FRANCO JR, 2000 apud, CAMARGO, 2010, p. 115).

As narrativas do eu vêm corroborar uma ideia de identidade com as subjetividades trabalhadas em textos e obras de cunho homoafetivo. Esta estratégia coloca o leitor em posição política e reflexiva dentro da história. O Ethos do autor em certa forma se confunde com ethos do leitor atento e comprometido. Segundo Maingueneau (2008), mesmo se recusando a se apresentar o autor vai liberar por meio de indicações autorais, alguma coisa da ordem do ethos.

Também identificamos isso em obras de autores contemporâneos, como Silviano Santiago em seu *Stella Manhattan* e João Gilberto Noll em *Acenos e afagos*, *Rastros de verão*, *Berkeley em Bellagio*. Segundo Paloma Vidal, que assina a orelha do livro *Rastros de verão*, de 2008, publicado pela Record: “seus personagens são homens contemporâneos cuja carência, seja de um lugar ou de uma história que lhes pertença, move uma busca permanente, suspensa às vezes pelo contato fugaz com o outro.”

A representação de personagens diferentes de um padrão assumido pelo gênero tradicional, no qual o homem deve representar os papéis assumidos pelo masculino/biológico, revela esta liberdade de incorporar elementos homoeróticos às personagens masculinas. No caso de Noll, a figura errática do protagonista o coloca em redimensionamento de sua posição como homem. Sua deliberada pulsão por descobrir o que ainda não sabe não é própria de personagens masculinos. A ordem é que um homem saiba que caminho percorrer. E em *Rastros de verão*, Noll sabe muito bem deslocar este homem ao colocá-lo em uma aventura sexual com um jovem rapaz; as incertezas, o elemento fugaz reconstrói este ideário de homem em outros patamares.

Já em *Berkeley em Bellagio*, “entre os aspectos sobressalentes está o constante jogo de (re) criação de espaços sociais, cujo dinamismo é posto em ação a partir de uma

pluralidade de práticas e de desejos entre homens *same-sex oriented*. Em termos mais precisos, a narrativa expõe o caráter historicamente contingente das relações sociais, evidenciando, por exemplo, que a família nuclear burguesa é apenas uma configuração histórica, já em decadência” (OLIVEIRA, 2010, pag.69).

Ou como outra resenha *Berkeley em Bellagio* revela:

A história fala de um gaúcho gay, que vive nos Estados Unidos sem falar inglês; depois, na Itália, sem falar italiano e, de volta ao Brasil, percebe que seu português também não é dos melhores. O exílio da linguagem não interfere no objetivo principal: ter um príncipe em sua cama para viver idílicas noites de amor. Há cenas de sexo que remetem ao livro *A fúria do corpo* (1981) e outras, de composição intransitiva, que encostam em *Hotel Atlântico* (1989), duas grandes obras do autor sacramentado como revelação dos anos 80 e que hoje é parte da melhor literatura brasileira.²²

Estas citações refletem uma desconstrução dos paradigmas de uma família tradicional. A incorporação de elementos homoeróticos serve para definir este novo homem e para repensar como as novas subjetividades têm modificado o campo literário. As obras de Noll servem como empréstimos a novos escritores que se espelharam nesse novo modelo de homem. E o repertório do polissistema de Even-Zohar vai se implementando nestas trocas entre o marginal/periférico e centro; entre o canonizado e não-canonizado e representante/representado.

Desta forma, podemos visualizar uma literatura contemporânea que dá voz aos seus personagens antes interditados, silenciados, periféricos e marginalizados. E que os faz circular entre o centro e a periferia, contextualizando um indivíduo de subjetividades marcadamente fortes e palpáveis. Da Silva vai sintetizar, na conclusão de seu artigo, as premissas de uma literatura gay reprimida em seus contornos sociais e culturais, mas cônica de sua existência:

A ideia de analisar nas narrativas do eu esse tecido engendrado pelo si, pelo ethos, pelo testemunho, pelo universal, pela memória, por exemplo, nos dá a garantia, pelo menos provisória, mas acertadamente, e que há caminhos a trilhar para quem lê e interpreta a literatura gay, homossexual, de sodoma ou congêneres. Basta que busquemos os elementos textuais que nos reportam, no âmbito das narrativas desse gênero, para o universo extratextual, e percebamos a riqueza dessa literatura que já ousa dizer o [seu] nome (SILVA, 2011, p. 29).

²² <http://www.joaogilbertonoll.com.br/res19.htm>

Outro ponto interessante desta mudança de repertório tem a ver com a mudança que autores sofrem ao longo de um processo legitimador de suas obras. Por exemplo, Fernanda Maria Abreu Coutinho, em *Pierre Bourdieu e a gênese do campo*, ilustra a relativização do trabalho dos agenciadores do capital simbólico, ou os críticos literários. De tempos em tempos, estes analisam uma mesma obra sob uma nova óptica, reafirmando ou retificando posturas assumidas em pretéritas análises, e sob uma nova conjuntura, como no caso do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, modificam seus referenciais simbólicos:

Hoje considerado uma obra-prima da Literatura Brasileira. Entretanto, ao ser publicado, sem indicação de autoria, em folhetins do Correio Mercantil do Rio de Janeiro, de junho de 1852 a julho de 1853, não teve boa recepção nem de público nem de crítica, o mesmo acontecendo quando surgiu em dois volumes, em 1854 e 1855, assinados por “Um Brasileiro”. A obra, uma pintura quase realista dos costumes do povo simples, causou estranheza aos leitores acostumados aos enredos extremamente sentimentais dos romances de Macedo. Depois, o livro de Maneco Almeida começou a despertar algum interesse, enquanto o Realismo ia-se firmando em nossos meios literários, a ponto de Sílvio Romero, em 1888, considerá-lo um dos livros mais gabados das letras brasileiras, acrescentando, porém: Esses gabos não são infundados, posto que não seja mister exagerá-los em demasia. (Romero, 1960, p.478-479) Em 1913, comentando o romance, afirmou Coelho Neto: Há quem o gabe com entusiasmo apontando maravilhas ao longo de suas páginas: eu acho-o duro, áspero, escavacado como um andurrial (COELHO NETO, apud COUTINHO, 2003, p.112).

Essa ratificação taxativa do que deve e não deve ser consagrado, submete o trabalho do escritor a uma constante avaliação do que Bourdieu denominou de “arte pura”, classificando artistas e obras por meio dos gêneros e dos períodos. Poucos poderiam ser negociados neste purismo literário, que além do caráter valorativos da obra também punha em xeque questões de origem social e sexo:

A partir do momento em que há uma estrutura dualista, existe, segundo o sociólogo, a hierarquização segundo os gêneros literários, e também em função dos universos representados e dos públicos atingidos. [...] Essa tipologia que estabelece valores diferenciados, conforme critérios como classe e gênero, permanecem, além do contexto histórico específico tratado por Bourdieu” (LEAL, 2008, p.23).

Este entendimento é crucial para a argumentação contra o silenciamento histórico a que as mulheres escritoras foram submetidas. E também serve como

esteio para a compreensão de como as imposições de um sistema higienista literário rechaçaram a existência de uma literatura feita por mulheres, e concomitantemente de uma literatura feita por gays. Obviamente, estes fatos não se seguem num mesmo plano. A literatura era feita pelos homens, e a escritura homossexual se via camuflada, mas sempre renegada, apesar de veladamente aceita. Ora, se há uma conjuntura atual na perspectiva de uma literatura homoafetiva, há de se considerar a incorporação de uma literatura com este viés em confronto existencial com o campo literário brasileiro. Em seu artigo, publicado pela Revista Cerrados, Leal vai relatar, tal como Foucault o fez em toda sua construção filosófico-bibliográfica, a questão da sexualidade que é utilizada manifestadamente como uma transgressão dos textos literários produzidos por lésbicas. Assim, o relato da escritora Lúcia Facco revela um devir:

Se a transgressão da linguagem é condição *sine qua non* para que um texto seja considerado ‘literário’, estes o fazem, com certeza. São textos transgressores, por natureza, a partir do momento que inserem no lugar de sujeito de discurso personagens tradicionalmente marginais (FACCO, 2004, p. 133 apud LEAL, 2011, p. 389).

Partindo dessa enunciação da fala, a escritora acima manifesta uma necessidade e ratificação de uma agenda política. Sua fala se inscreve num projeto de estética literária para situar seu trabalho como escritora e para além de uma temática específica que vem açambarcar um projeto macro de resgate da literatura lésbica ou homoafetiva para reavaliar o campo literário. Então, “foi necessário que a representação da instituição literária relativa a certo posicionamento lhes proporcionasse a convicção de que tinham a autoridade exigida para se colocarem como escritores” (MAINGENEAU, 1995, p.178).

Destarte, a ratificação do mister de escritor reflete um arguto processo de representação. A representação aqui mencionada refere-se ao processo de transpor para o papel o real com verossimilhança. Esta representação está condicionada aos valores, posição social, política, ideológica e subjetiva. Por isso, deve-se atentar para as assunções acerca de um conjunto representativo da sociedade em relação, principalmente, às minorias, pois estas contestam a postura socialmente imposta. Segundo Leal (2011) de acordo com a tese de Iris Young,²³ vai centrar a representação nas relações entre os representantes e seus representados:

²³ YOUNG, Iris Marion. Gender as Seriality: Thinking about Women as a Social Collective. Signs Vol. 19, No. 3 (Spring, 1994), pp. 713-738 Published by: The University of Chicago Press. <http://www.jstor.org/stable/3174775>

A sua tese, em que é enfatizada a perspectiva social, distancia-se da noção de identidade, base das noções tradicionais de representação, em que os representantes teriam autorização para falar ‘como’ seus representados (ao compartilharem a mesma identidade) ou ‘por’ seus representados (quando autorizados) (LEAL, 2011, p.393).

Da mesma forma, Da Silva (2011) vai corroborar a existência de uma literatura homossexual na representatividade do escritor gay para um público gay, reforçando a estética da existência de Foucault, na qual uma série de representações mentais e plásticas atende aos reclames dos gays que habitam as sociedades de hoje. Ainda segundo o professor, esta representatividade vai congrega na semântica carregada de simbologia, criada por Sedgwick (1985), da expressão já mencionada: homossocial.

3.2 Interditos sociais foucaultianos e uma estética literária gay de ser

Diante dos desarrazoados, lunáticos, insensatos, loucos, anormais – é completamente possível fazer extensões não tão longínquas, às mulheres, aos negros e aos homossexuais – todos já foram objetos de controle pela estrutura ou aparato punitivo, administrativo ou canônico. Assim, Foucault fez um retrato deste sistema coercitivo e de punição em sua obra *Vigiar e punir*, perpassando o suplício do corpo, da violência física até os métodos humanitários com que se almejava construir um ser dócil e útil.

Imagine-se uma estrutura arquitetônica onde na periferia encontra-se uma construção em forma de anel e ao centro uma torre da qual movimentos, gestos – e por que não discursos – são diariamente vigiados. Esta robusta figura arquitetônica definida como *Panótipo* de Bentham é usada por Foucault para ilustrar como se dá o adestramento dos corpos numa sociedade sob uma estrutura visível e indetectável ao mesmo tempo.

Vigilância e punição são instrumentais usados para adestrar as pessoas para que normas sejam cumpridas e obedecidas, obviamente de acordo com quem detém o poder. Poder este que impõe processos históricos de repetição e reafirmação de valores. Valores estes que ratificam costumes, regras, obrigações, condutas, discursos, maneirismos. Portanto, tais afirmações se encaixam perfeitamente quando padrões literários e narrativos são exigidos para que uma obra seja aceita no trânsito permitido dentro de um grupo de outros segmentos sociais também manipulados e controlados por esse mesmo poder.

Em *Reflexões sobre uma questão gay*, Eribon (2008) vai questionar a relação da loucura no livro *A história da loucura*, de Foucault, e a relação daquela com a homossexualidade. Certamente, a loucura é uma metáfora para ou código para revelar a temática da homossexualidade que era ponto importante na pesquisa do filósofo. Ainda no prefácio de *A história da loucura*, Foucault “quis inaugurar o vasto futuro canteiro de obras de uma história de limites, isto é, dos gestos que instauram fronteiras, ‘gestos obscuros necessariamente esquecidos uma vez cumpridos, pelas quais uma cultura rejeita algo que para ela será exterior” (ERIBON, 2008, p. 319).

Foucault sempre se colocou em suas pesquisas por uma questão de pura curiosidade existencial; compulsória até mesmo para o autoentendimento e aperfeiçoamento de seu trabalho nos estudos de psicologia. Não à toa ele vai se debruçar sobre as histórias dos loucos e dos homossexuais, no momento em que a psicanálise institui o personagem “louco” e a família rejeita o personagem homossexual. Mas ele observa que o este movimento de depreciação do homossexual, que também foi referendado pela psicanálise, não foi de cima para baixo; ou seja, da psiquiatria para a sociedade. Ainda segundo Didier (2008): “o que dá sua significação particular a essa indulgência nova para com a sodomia é a condenação moral, e a sanção do escândalo que começa a punir a homossexualidade em suas expressões sociais e literárias” (ERIBON 2008, p. 326).

Longe de atribuir somente à psiquiatria os registros dos anormais, dos homossexuais, Foucault culpa a literatura pelo serviço, dentro da sociedade que consumia livros, de propalar pejorativamente a homossexualidade por meio de uma série intitulada, *Os Invertidos* (O vício alemão),²⁴ como por exemplo, o texto *Os desequilíbrios do amor*, publicando em 1896. Mas como relata Eribon “as obras mais influentes só viriam bem mais tarde: Em busca do tempo perdido só começou a ser publicada em 1913; o romance *The Well of Loneliness*, de Radclyffe Hall, que descreveu seu personagem nas próprias categorias da medicina psiquiátrica, em 1928” (ERIBON, 2011, p. 343). No entanto, estas associações ao gay como desviante não ficaram restritas à psiquiatria e a literatura:

...foi no quadro de uma dinâmica própria do ‘mundo gay’, nas interações entre os indivíduos (dentro ou fora desse ‘mundo’) que as ‘identidades’ se formaram e transformaram. As noções de ‘invertido’ e de ‘homem normal’ primeiramente foram ‘categorias discursivas populares’ antes de serem ‘categorias discursivas da elite’ (CHAUNCEY, apud ERIBON, 2011, p.343).

²⁴ Ver Vernon Rosário, *The Erotic Imagination*, op. Cit., p.10-11, 181 2 215.

Observa-se o quanto Foucault se preocupava com uma provável e palpável genealogia para a crítica ao homossexual. Suas teorias vão relacionar toda a problemática dos “personagens” homossexuais a questão da psiquiatria e a literatura. No entanto, as dinâmicas sociais promoveram a inserção do homossexual, fato que desencadeou o alerta ao senso comum do que era normalidade. Então, instituições como família, escola, universidade (originalmente os hospícios) se encarregavam de rechaçar quaisquer desviantes de um paradigma estabelecido.

Não se exagera ao comparar os sistemas de controle e vigilância de Foucault às condutas correntes na sociedade, como também fazem os controles canônicos e literários. Estes, como verdadeiros sistemas de controle e ratificação, fazem os leitores (e autores) cativos, sendo observados da torre central para que cumpram normas, leis e exercícios de acordo com a vontade de quem detêm o poder.

Segundo a definição estabelecida por Bourdieu, em relação ao campo literário, este articula um aparato de “relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementaridade ou de antagonismo etc.) entre posições” (BOURDIEU, 1996, p.262). Neste sistema, agentes detêm relações hierárquicas de poder. Nele circula um capital simbólico que se estrutura nas bases do próprio campo. Atualmente estas relações entre agentes e capital cultural produzem eminentes diferenciações e processos separatórios, revelando as verdadeiras relações de poder e dominação social (Nogueira: Nogueira, Bourdieu & a educação, p. 34). Estas relações estabeleceram verdadeiras hierarquias entre agentes, produtores, editores, artistas e quem detinha o poder econômico, historicamente, em cada época, especialmente no século XIX: “quando emergem instituições específicas, locais de exposição (galerias, museus) instâncias de consagração (academias, salões), agentes especializados (comerciantes, críticos) e principalmente a elaboração de uma linguagem artística”. (BOURDIEU, apud LEAL, 2008. P. 23).

Tal como ocorre no campo literário em que agências e agenciadores produzem, enaltecem e valorizam as obras elencadas por um grupo; de forma alusiva, os sistemas de vigilância e punição de Foucault constituem uma maneira de se manipular a pessoa, conformá-la aos padrões – é um poder que alcança as subjetividades, seus gestos, seus discursos, suas atividades diárias. A vigilância pode-se dizer desta forma, ratifica o cânone, a punição, e de forma geral exclui o que não deve ser lido ou agraciado com menções ou prêmios.

No Brasil, essa observação se dá no campo dos gêneros literários e nos ciclos históricos nos quais obras e autores foram vinculados a uma tradição. Passo importante para o entendimento dessa vinculação histórica está nas mudanças provocadas pelo movimento feminista, principalmente no século XIX, no que diz respeito aos agentes do produto simbólico, tal como afirma Even-Zohar: “as mudanças no campo do poder podem alterar

as posições no campo literário, permitindo a entrada dos recém-chegados” (BOURDIEU, apud LEAL, 2008, p.27).

Por essa razão, de forma comparada, é possível negociar e repensar estas mudanças, redimensionando o papel – por meio dos movimentos gays, os estudos culturais e a teoria *queer* – das minorias LGBTTTT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis e transgêneros). Tal negociação legitimaria uma estratégia interpelativa dentro do campo literário.

Portanto, é muito importante observar ainda que esses processos históricos de ratificação de um rol de autores – e por que não agenciadores do bem cultural, livro – manipulam e, por outro lado, perpetuam um verdadeiro ostracismo de autores que se arvoram em escrever suas obras engajadas. Principalmente agora, quando a internet permitiu que novos autores falassem o que pensam sobre seus mundos, guetos, suas experiências, suas manifestações artísticas particulares, enfim tudo a que, em certo ponto, o valor do crítico literário ainda atribui ou não qualidade.

No entanto, vale a pena refletir sobre a teoria de Even-Zohar, em seu polissistema literário, sobre o processo de transferência (empréstimos) entre o que está e o que não está canonizado. Para ele, apesar de uma literatura-fonte existir por conta de dominância ou prestígio, a respeito da literatura não-canonizadas, a interferência ocorre quando um sistema está precisando de um reajuste no próprio repertório, até mesmo para renová-lo.

Essa necessidade pode ser manifestada nas pequenas editoras. Segundo LEAL (2011), a respeito da atuação da Editora Malagueta, voltada ao mercado lésbico, esta seria legitimada ou não pelos agentes do campo literário, justamente pela sua tomada de posição manifestadamente política. “Ou seja, uma proposta de ação política e de visibilidade de escritoras e temáticas específicas, em relação também ao posicionamento diante do que seria ‘literatura’ diante dos discursos relativos à arte e à estética pura” (LEAL, 2011, p. 388).

É necessário entender o posicionamento desses novos agentes do campo literário brasileiro, não somente pelo projeto político de valorizar certas e novas literaturas, mas para promover as transferências postuladas por Even-Zohar. Deve-se atentar ao fato justamente de que a dinamicidade do polissistema deve promover a inovação e criatividade dentro da produção, circulação e comercialização do livro. Novos agentes e novas literaturas-alvo deveriam ser encarados como processo de revisionismo histórico.

3.3 Polissistemas e homotextualidade

Itamar Even-Zohar afirma que o sistema literário é complexo, dinâmico e heterogêneo. A literatura, tal como outros modelos semióticos, não pode ser vista como um conjunto de elementos separados. É relevante observar que a sobrevivência de um polissistema depende da tensão estabelecida entre os elementos considerados centrais e periféricos destes sistemas. Vale também ressaltar, ainda sob a perspectiva do teórico, que a incorporação de elementos não-canonizados ao sistema da literatura promove uma espécie de renovação do repertório literário: “Repertório designa um agregado de regras e material os quais regem tanto a produção como o consumo de um produto qualquer”. (EVEN-ZOHAR, 1990-97, p. 39)

Um repertório forte é importante para a perpetuação de um sistema de produção cultural. No entanto, nem sempre a atividade literária é autossuficiente para a manutenção deste sistema, por essa razão a importação e a transferência entre repertórios são imprescindíveis para o equilíbrio, pois “... ‘crises’ ou ‘catástrofes’ num polissistema (por exemplo, ocorrências que demandam mudança radical tanto de transferência interna quanto externa) se eles podem ser controlados pelo sistema, são sinais de vida e não de degeneração”. (EVEN-ZOHAR, 1990-97, p. 26). Portanto esta crise prevista pelo teórico demonstra como se dá a sobrevivência do próprio sistema.

Instituições podem incorporar novos repertórios que não são percebidos a priori, mas que podem provocar inovações. Isto ocorre porque as interferências na teoria do polissistema também são importantes para a compreensão da dinamicidade no funcionamento deste sistema. A teoria de Even-Zohar reforça as ideias de transferências de sistemas centrais e periféricos as quais promovem comunicação entre um polissistema fonte e outro polissistema alvo. Assim, surgem as interferências entre regiões de fronteira, de polissistemas nacionais bilíngues e de traduções. Porém ele se questiona: “Pra quê servem, por que elas surgem, quais suas principais características, como funcionam, quando e em quais condições podem surgir, funcionam por um período mais longo, e declinam?” (EVEN-ZOHAR, 1990, P.53).

Even-Zohar, à medida que vai respondendo suas questões, vai teorizando sobre princípios gerais, condições e procedimentos das interferências. O primeiro princípio geral é de que as literaturas nunca estão em não-interferência “como já foi demonstrado que provavelmente todos os sistemas conhecidos surgiram ou se desenvolveram com a interferência desempenhado um relevante papel”. (EVEN-ZOHAR, 1990-97, p. 59)

Por exemplo, a literatura brasileira do século XIX sofreu forte influência (interfe-

rência) da Literatura Francesa, partindo também de uma condição estabelecida pelo teórico de que “uma literatura fonte é selecionada por prestígio” (EVEN-ZOHAR, 1990-97, p. 66) ou “uma literatura fonte é selecionada por dominância” (EVEN-ZOHAR, 1990-97, p. 68) neste último caso quando estruturas político-econômicas são decisivas para influenciar como literatura fonte.

A partir destes conceitos estabelecidos por Even-Zohar a respeito de questões de literatura fonte, literatura alvo, sistemas centrais e periféricos e dos processos de interferência no polissistema, podemos analisar em que momento uma literatura não canonizada, periférica e de alvo, como a literatura homoafetiva, pode interferir no campo literário brasileiro.

Tendo como base a estrutura de sistema proposta por Even-Zohar, pode-se afirmar que a o subsistema de uma Literatura gay possui todos os elementos integrantes de um sistema, e apresenta características próprias em interferência especificamente com o polissistema literário. Senão vejamos, a instituição é composta pelos diversos agentes culturais, como editores; portais de conteúdo que possibilitam a publicação de textos com temática homoafetiva; pelas universidades em seus GT de pesquisa sobre gênero e literatura contemporânea; e pelas entidades privadas que promovem debates, saraus, oficinas de criação literária, concursos literários. Já o repertório é composto pelas diversas formas de produção de textos na rede em formato e-books; sites e blogues específicos, além de outros produtos culturais, como livros, filmes, revistas, etc. – como os dos próprios autores; os produtores e os consumidores são os usuários que frequentam livrarias e acessam os textos publicados na internet. As instâncias do mercado são compostas pela estrutura oferecida pelas instituições, como feiras específicas, lançamentos de livros e o produto é o bem cultural produzido e comercializado por autores desta literatura.

Sob a perspectiva das leis de interferência literária propostas por Even-Zohar, a interferência analisada aqui se concretiza sob a forma de alguns dos princípios propostos pelo teórico. Quanto aos princípios gerais de interferência, vistos anteriormente, deve ser destacados que literaturas nunca estão em não interferência. A Internet e literatura tradicional estão em contato e tendem a interferir mutuamente em diferentes níveis e em diferentes seções. Os blogs, por sua vez, são parte integrante do repertório da Internet, que ainda não está consolidado e busca preencher o vazio de opções selecionando fontes de modelos possíveis. Quanto às condições a ocorrência de interferência, devem ser destacados os contatos que geram interferência se não surgirem condições de resistência. Por outro lado, não há interferência sem condições. Estas condições se implementam dentro de uma literatura gay da qual escritores utilizam a internet para promoção de suas páginas pessoais e também veiculam suas obras e textos em mídias sociais. Entretanto, mais uma condição é revelada com a utilização da internet, o fato de que fontes são selecionadas por prestígio. A interferência provocada pelos blogs revela que um recurso antes usado

como periférico, atualmente, é utilizada na produção dos textos homoafetivos e da produção de romances no Brasil.

Podemos então nos apropriar dos conceitos e teorias desenvolvidas por Even-Zohar para repensar o papel de novos agenciadores culturais, repertórios, produtos, consumidores – ou seja, leitores específicos –, mercado e instituições.

Um interessante trabalho que relaciona as teorias do polissistema de Even-Zohar e a internet foi desenvolvido na dissertação de mestrado de Maurício Alves da Costa em *Teoria do Polissistema: Do folhetim ao blog, o polissistema literário brasileiro sob a interferência da internet*. Neste trabalho a teoria do polissistema vai ser utilizada para refletir sobre um sistema estabelecido pela internet. Importante observação é feita sobre a atuação da internet como anteparo para as produções literárias contemporâneas e como a internet interfere, segundo os princípios acima explicados, na dinamicidade do campo literário brasileiro:

A formação do *repertório* literário da Internet, portanto, se dá a partir de processos de interferência com os estratos centrais do polissistema literário, que serve de fonte para a transferência de *modelos*. Romance, conto e poesia ressurgem em um ambiente diferente do livro e assumem novas funções, sofrem modificações e possibilitam a emergência de inovações. (COSTA, 2007, p.44)

Portanto, deduzimos que os processos de troca entre literatura fonte e literatura alvo estão em permuta contínua na contemporaneidade. A internet inaugurou uma plataforma de comunicação entre produtores/consumidores e a linguagem antes formal e tradicional se rendeu à agilidade e à capacidade de se reinventar. Assim, resgatando as narrativas do eu, mencionadas anteriormente, constatamos que alguns autores de literatura tradicional incorporam o novo em suas produções, e não somente isso. Quanto à produção de textos homoeróticos, outra cadeia entre o não-canonizado e canonizado; centro e periférico se estabelece.

Como podemos identificar o repertório do subsistema da literatura gay? Como já visto, as possíveis plataformas (livros, revistas, blogs) são múltiplas. O critério passa a ser, portanto, a temática. Vale lembrar que diferentes temáticas demandam diferentes escrituras. Nesse sentido, o conceito de homotextualidade se constitui como uma ferramenta útil para delimitar o repertório.

Esta homotextualidade pode ser identificada claramente em algumas obras de João Gilberto Noll, escritor canonizado pela crítica literária tradicional brasileira; publicado pela Editora Record; agraciado com prêmios de instituições prestigiadas como

o Jabuti, enfim um ótimo exemplo de escritor consagrado. Para criar sua produção literária, tem lançado mão à incorporação do elemento homoerótico; fissurando assim a dimensão política dos romances que institucionalizam as relações afetivas baseadas numa heterossexualidade compulsória. Sua escrita serve, então, para inaugurar um novo homem, circunscrito a um destino errático, mas que sempre se encontra no furtivo de uma relação homossexual. A obra de Noll está repleta desses andarilhos da contemporaneidade, sem rumos, sem bagagem, mas com a sexualidade como redenção e alívio para de suas sinas. Por exemplo, em *Rastros de Verão*, o personagem se vê entre uma Porto Alegre em festividades do carnaval e a rotina do sem destino, mas ao encontro do gozo fugaz que (re) orienta:

Quando ouviu o meu grito o garoto tomava banho, e correu ao quarto nu, todo molhado. Pedi que apagasse a luz, mas ele não me ouvia, caminhava em minha direção, e quando chegou à beira da cama inclinou-se e perguntou se estava tudo bem. Respondi que eu andara sonhando, e agora teria de resolver o que estava fazendo em Porto Alegre. [...] O garoto sentou-se na cama, e me masturbou. (NOLL, 1986, p. 45)

O homoerótico registra um espaço de discussão na quebra de valores para criar novos espaços morais; a percepção da personagem desafia sua própria condição errante, mas o desejo alcançado recupera nela a sensação de destino. A homotextualidade – ratificada pelo homoerótico – vai reafirmar o lugar de existência de um desejo, que ao longo do livro fica disfarçado de inércia, mas que se supera na realização do prazer mútuo.

Ou ainda neste trecho de *Solidão continental*, em que além do elemento homoerótico a solidão aparente e a percepção da falta de viço por conta da idade são também marcas autorais – além da narrativa em primeira pessoa lançar o leitor no duplo do protagonista – que manifesta a homotextualidade na obra de Noll:

Vim por trás dele passei a mão por sua entreperna que de fato insinuava uma protuberância [...] Eu não poderia mais amá-lo como da outra vez, a não ser que confundisse amor com compaixão que do meu coração parecia irromper naquele instante. Abracei-me a seu corpo ainda de braços e me senti abraçado a uma matéria condenada ao estado púbere, cheirando a uma higiene incipiente. (NOLL, 2012, p. 20) [...] A realidade me concedia uns favores, mas eu tinha o direito de recusá-los. Numa dessas haverá uma correspondência entre oferta e o meu desejo – eu me apegava a essa crença. Na minha idade, enfim, esse método de alongar a vida, mesmo que a vida se tornasse insípida diante dessa perpétua postergação. (NOLL, 2012, p. 21)

Percebe-se que nas obras analisadas e em certa forma em toda a literatura de Noll há um quebra de parâmetros sociais e de subjetividades. O homem não se destina mais aos seus papéis esteticamente desenvolvido por tecnologias sexuais. O papel de sua sexualidade é repensando com ruptura dos modelos a ser seguidos. “Assim, ao instaurar novas maneiras de pensar o desejo e as relações afetivo-sexuais entre homens, o romance imprime novos sentidos aos marcadores sociais da diferença” (OLIVEIRA, 2008, p.102).

4. EDITORAS LGBTTT CONTEMPORÂNEAS NO BRASIL

As editoras LGBTTT não surgiram apenas para desengavetar textos não-públicáveis ou não condizentes com uma linha editorial tradicional. Elas também serviram, e ainda usam este expediente, para publicar autores e histórias com teor e qualidade literárias. Além de editores comprometidos com seu mister e seus autores, as editoras LGBTTT trabalham para levar ao público informação, autoajuda, inclusão e entretenimento. Sua função está além de se posicionar num mercado competitivo por ter um público consumidor, ou um nicho mercadológico. Elas existem como registro de uma literatura que pela sua contemporaneidade pleiteia a visibilização de minorias historicamente silenciadas por relatar suas experiências de amor, desejo e demandas sociais. O público consumidor está além de colocar um produto cultural na prateleira, ele está à procura de se informar, autoconhecer-se, instruir-se sobre direitos e, sobretudo, compartilhar suas histórias com o mundo.

Dessas experiências com uma literatura engajada, autobiográfica, visceral, politizada e reivindicatória surgiram as primeiras editoras gays, no final do século XX. Têm com o enfoque o testemunho, a reivindicação, a militância como forma de exigir direitos como mais uma forma de conscientizar e protocolar demandas das minorias; diminuir o preconceito e levar informação ao público leitor. Além disso, elas visavam difundir as ideias de libertação gay e desenvolver uma cultura própria.

A produção das editoras LGBTTT cresceu em proporções significativas. O mercado editorial brasileiro, segundo o último senso do Sindicato Nacional dos Editores de Livro registrou a existência de 498 editoras. Neste universo, apenas um inexpressivo número representa o mercado editorial LGBTTT. Ainda que pequeno e restrito, este nicho mercadológico sobrevive não mais à margem das grandes editoras. Os livros de temática homoafetiva podem ser encontrados em prateleiras de grandes livrarias, registrando além de sua existência material, um ato de profundo impacto político. Segundo a Revista JUNIOR, direcionada ao público LGBTTT:

Mais do que as fatias desse mercado, as quatro editoras estão mais preocupadas em oferecer novas publicações e oportunidade para novos escritores e suprir a demanda crescente de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais que desejam ter sua cultura retratada nos livros e conhecida pelos brasileiros (OLIVEIRA, 20012, p.76).

Dentro deste universo editorial brasileiro, destacamos quatro Editoras LGBT-TT: Brejeiras Malagueta, Edições LGBTTT, Editora Escândalo e Metanoia.

O discurso panfletário dos antigos ativistas ligados ao movimento gay se diluiu. Hoje se perfilam livros em prateleiras específicas de grandes Editoras ou nos sites e catálogos de Editoras alternativas que promovem a distribuição e veiculação desta literatura que ousa dizer o nome agora. E se faltava uma socialização do tema que pudesse registrar a história do movimento LGBTTT além do estigma e do preconceito, a literatura gay de hoje avança além da tristeza, da solidão, do espectro da AIDS. Hodiernamente a literatura gay rechaça essas temáticas e também ultrapassa os tons reivindicatórios para adentrar numa estética mais específica:

Uma história da literatura gay brasileira contribuirá para a promoção do espaço literário das representações da minoria gay que está em adiantado estágio de construção teórico-reflexiva de sua identidade, e necessita ter uma representação gay na literatura, não como postura política ou reivindicativa, mas como manifestação artística do desejo gay: os símbolos, os medos, as formas de amar, de se relacionar, de se entender, de entrar em crise, perturbar a ordem vigente e ser perturbado, de ser submisso a várias práticas discursivas de caráter homofóbico, dentre outras (SILVA, 2008, p.45-46).

As livrarias pioneiras na América do Norte foram: *Glad Day* (inaugurada em 1970, em Toronto), *Little Sister's* (de 1983, em Vancouver), *Giovanni's Room* (Filadélfia), *Different Light* (1979 em São Francisco) e a *Calamus* (Boston). Atualmente, todas as grandes redes livreiras, sejam lojas físicas ou virtuais, preocupam-se em manter um espaço destinado para a categoria.²⁵

Com a popularização das obras com esse cunho, a partir de 1980, surgiram títulos e autores neste cenário de uma literatura gay no Brasil. Para citar alguns, temos *A imitação do amanhecer* (Bruno Tolentino), *O Teatro dos Anjos* (Dirceu Cateck), *O terceiro travesseiro* (Nelson Luiz de Carvalho) entre outros. Este último é considerado um marco na literatura gay contemporânea. Segundo reportagem da Revista Júnior (vide anexo 1) é o livro mais vendido da Editora Edições GLS. No site de compartilhamento de resenhas de livros, *O terceiro travesseiro* reúne mais de 64 resenhas realizadas pelos leitores que participam da rede social skoob.²⁶

²⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_gay (acessado em 10/05/2012)

²⁶ <http://www.skoob.com.br/livro/resenhas/823>



4.1 Edições GLS

A primeira editora a levantar a bandeira LGBTTT e intitular-se exclusivamente voltada à literatura com temática homossexual foi a Edições GLS, em 1998. Criada pela editora Laura Bacellar, a Edições GLS tinha suporte do Grupo Summus Editorial e sede na cidade de São Paulo. Foi o primeiro espaço editorial a dar voz à ficção homoafetiva e traduzir títulos estrangeiros no Brasil.

Um dos pioneiros no país foi o Grupo Editorial Summus, que criou o selo Edições GLS em 1998. “Constatamos que havia uma demanda voltada para esse público” (vide anexo 1), afirma Soraia Cury, editora-executiva do grupo. Entre diversos temas a editora lançou títulos que tematizam questões próprias e específicas à comunidade LGBTTT:

São livros de esclarecimentos de psicólogos, psiquiatras, médicos e sociólogos voltados não apenas aos homossexuais, mas ao público em geral – alguns até adotados em escolas para capacitar educadores. Nessa vertente, estão disponíveis, entre outros, *Terapia afirmativa*, em que o psicólogo Klecius Borges faz um resumo bastante didático sobre a abordagem clínica em que considera a homofobia, e não a homossexualidade, uma patologia, e autoestima para homossexuais, de Kimeron Hardin, Um guia que ajuda homens e mulheres homossexuais a se respeitarem e se amarem.²⁷

²⁷ <http://mljornalismo.wordpress.com/2011/06/06/livros-gls-o-arco-iris-na-literatura/>

A partir do final da primeira década, a Edições GLS foi incorporada totalmente pelo grupo Summus Editorial, passando a fazer parte de sua carta de selos. Com essa mudança, o selo também sofreu uma reformulação em sua linha editorial, voltando-se para publicações de autores nacionais e temáticas tanto homo quanto heterossexuais, perdendo um pouco do foco inicial do projeto.

A saída de Laura Bacellar do comando das Edições GLS permitiu à Summus re-estruturar não apenas a linha editorial, mas o público alvo atingido. Presente nas maiores livrarias do país, a Edições GLS ainda consta como a recordista de publicações e vendas deste nicho específico de mercado, tendo atualmente mais de 50 títulos em seu catálogo. As temáticas variam de autoajuda até ficção, passando por religião, turismo, biografias e psicologia. A atual editora-chefe é Soraia Cury, que diz:

Nosso público é bem definido, tem poder de consumo e sabe o que quer. Com certeza não são apenas gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros que se interessam pelos livros das Edições GLS. Afinal, a sigla que dá nome à editora significa gays, lésbicas e simpatizantes. Qualquer um pode ser simpatizante: pais, amigos, parentes e os profissionais que prestam atendimento a minorias sexuais.²⁸

Soraia Cury afirmou em entrevista à revista Junior, número 41, que o selo ainda sofre grande preconceito por parte dos comerciantes e até do público leigo. Fato este que leva as vendas a se darem em maior escala através dos meios virtuais (loja virtual própria do site da editora) do que nas livrarias. A Edições GLS já teve de “esconder” suas obras em eventos literários como as Bienais do Livro das quais participou, sendo obrigada a exibir as obras em espaços fechados dentro dos eventos.

A editora também foi a primeira a investir no mercado do livro digital dentro do segmento LGBTTT, tendo lançado até agora quatro títulos no formato e-book. São eles: *Cine Arco-Íris*, de Stevan Lekitsch; *Faz duas semanas que meu amor*, de Ana Paula El-Jaick; *Um estranho em mim*, de Marcos Lacerda e *No presente*, de Márcio El-Jaick.

O objetivo comercial das Edições GLS é disponibilizar todo seu catálogo no formato digital até o final de 2013. (Vide catálogo de 2012 em anexo 2)

²⁸ REVISTA JUNIOR. São Paulo: Editora MixBrasil, 2012. ISSN 9771981694007 0041, p. 76-77.

4.2 Metanoia Editora

Segundo o site da editora, a palavra Metanóia quer dizer mudança de mentalidade, uma nova forma de pensar; para os gregos significava ir além, transcender. Pode-se ainda considerar que Metanóia é transformação do pensamento, construção de novos paradigmas fundamentais para que informações sejam transformadas em conhecimentos e estes aplicados para o bem comum de nossa sociedade e das gerações futuras. “Neste sentido, a Metanoia Editora coloca-se como ferramenta para, através das mídias escrita e digital, produção e difusão de conteúdos que inspirem valores e atitudes que possibilitem uma forma de pensar mais abrangente, inclusiva e solidária.”²⁹

A bem da verdade, segundo entrevista (vide anexo 3) as fundadoras da editora Metanoia tinham necessidade de aliar sua fé, vez que são cristãos e frequentadoras de comunidades religiosas, a material que subsidiasse seus anseios. Por esta razão surgiu o interesse em publicar artigos que refletissem sobre fé e sexualidade. Lea Carvalho, fundadora da editora, revela que os trabalhos da editora Metanoia começaram com a intenção de publicar materiais do reverendo, teólogo e historiador Márcio Retamero. Então, surgiu em 2009 com:

a intenção inicial de produzir literatura cristã que disseminasse a informação de que ‘Deus não faz acepção de pessoas’ e de se contrapor a essa onda de fundamentalismo religioso que assola nosso país e cujo discurso motiva a violência contra a comunidade LGBTTT.³⁰

Então a Metanoia surgiu com a intenção de produzir e difundir livros que expressem a diversidade da experiência humana subsidiadas por um projeto editorial de religiosidade inclusiva de modo a contribuir na construção de um paradigma social totalmente inclusivo, justo e solidário. Segundo o site da editora:

Nossas políticas, diretrizes, ações e produtos não discriminam pessoas com base em raça/etnia, origem, religião, idade, cor, condição social, orientação sexual, identidade de gênero, necessidades especiais ou qualquer outra característica que expresse a diversidade humana.³¹

²⁹ <http://www.metanoiaeditora.com/conteudo/Quem-Somos.html> (Acessado em 18/12/12)

³⁰ Vide Anexo 3.

³¹ Disponível em: <http://www.metanoiaeditora.com/conteudo/Quem-Somos.html> (Acessado em 19/12/2012)

Em entrevista (vide anexo 2) sobre a atividade da editora, Lea Carvalho revela o quanto a editora tem produzido durante esses anos e elenca um time de autores e títulos. Até o momento foram 17 títulos, reproduzidas 500 cópias de cada e a distribuição é feita em grandes redes de livrarias e através da comercialização por sites na internet.

A título de exemplificação citamos alguns livros e autores: Marcio Retamero: teólogo e historiador, autor dos livros: *Banquete dos Excluídos*, *Pode a Bíblia incluir?*, *Crônicas de um Pastor Gay* e *Você tem fome de quê*; Davy Rodrigues, teólogo, autor do romance *Proibido Amor*; Alexandre Feitosa, professor linguista, autor do livro *Bíblia e homossexualidade - verdade e mitos*; Alexandre Calladinni, autor dos livros autobiográficos *Jeito Calladinni de Voar - diário de um comissário de voo* e *Por Favor, me ajude!*; Derval Dasílio, teólogo, autor do livro *O dragão que habita em nós - conversas sobre vida de fé e religião*; Léa Carvalho, professora, autora da *Coleção Família Legal*; Nathalia Ramiro, autora do romance *Aposta*; Heloíza Rosa, autora do romance *Histórias e violações de Anna Perner*; Marcos Soares, bibliotecário, autor do romance *O CaFuÇu*.

4.3. Editora Malagueta

A Editora Malagueta (Edições Brejeira-Malagueta) surgiu em 2008, capitaneada pela experiente Laura Bacellar que já trabalhara na criação das Edições GLS e com vasta atuação no meio LGBTTT. Sobre a origem da editora, Laura Bacellar reflete sobre este começo na página do site da editora Malagueta:

...este é um projeto essencialmente comunitário. Não temos nenhum capital imenso (além de nossa incrível inteligência, criatividade e bom humor brejeiro...), portanto vamos depender muitíssimo da reação das leitoras. Se muitas mulheres gostarem de nossas obras, comprarem nossos livros, recomendarem-nos às amigas e namoradas e ex-esposas, grande! Vamos sobreviver e continuar a publicar muitas autoras mais. Se as leitoras não se arriscarem, não comprarem, não gostarem de nada, isso vai querer dizer que nosso projeto não está em sintonia com o público e vamos voltar às nossas atividades anteriores.³²

³² Disponível em: <http://www.editoramalagueta.com.br/editora2/quem-somos.html> (Acessado em 19/12/2012).

Ainda sobre esse começo Laura Bacellar relembra de ter utilizado o termo L2L, que em inglês significa de lésbicas para lésbicas. E apesar de a editora ter surgido para o mercado das lésbicas, ela afirma que:

Vamos deixar explícito o que está implícito em publicar livros: eles são democráticos, lê quem quer. Isso em qualquer editora de qualquer lugar do mundo é a beleza de se trabalhar com um produto cultural que se baseia tanto, para ser consumido, na vontade de cada indivíduo. A gente foca nas lésbicas leitoras para não ficar explicando o básico, mas claro que heterossexuais, pansexuais, seres avessos a rótulos, homens de todas as orientações, marianos e venusianas são muito bem-vindos para ler as obras da Malagueta!³³

A editora Malagueta tem 10 títulos, um já em segunda impressão, com tiragens de 1.000 exemplares para cada livro. Em anexo, o catálogo de autoras e livros (Anexo 4).

4.4. Editora Escândalo

Segundo o site da editora, esta surgiu entre uma conversa de amigos escritores. Sobre isso a mentora da Editora, Giselle Jacques, rememora: “Se eu tivesse uma editora, o seu livro seria o primeiro a ser publicado”, comentou ela com o piauiense radicado em Brasília Roberto Muniz Dias no começo de 2011.³⁴

Ainda de acordo com a jornalista, na matéria sobre a origem da editora, divulgada no seu site:

Tinham se conhecido graças ao tema em comum de seus escritos: histórias com foco na homossexualidade masculina. E compartilhavam também de uma vontade: encontrar uma editora em que os autores não fossem tratados como produtos, tendo que bancar os livros do próprio bolso como se fossem independentes.³⁵

³³ Disponível em: <http://www.editoramalagueta.com.br/editora2/quem-somos.html> (Acessado em 19/12/2012).

³⁴ Disponível em: <http://editoraescandalo.com/site/category/1/>

³⁵ Disponível em: <http://editoraescandalo.com/site/materia-de-aniversario-da-escandalo/>

A Editora conta com um ano no mercado editorial voltado para publicação de títulos que privilegiam uma literatura de qualidade, focando a literatura de ficção e não ficção de cunho LGBTTT. Em agosto de 2011 nascia oficialmente a Editora Escândalo, com a proposta de, além de publicar apenas ficção e não-ficção de cunho homoafetivo, de publicar livros de temática infantil e acadêmicos. Recentemente publicou um livro de teor acadêmico intitulado *O Arco-íris revisitado*, que constitui uma coletânea de artigos de professores mestres e doutores de diversas universidades do país, organizado pelos professores Adailson Moreira, Carlos E. Bezerra e Telma M. da Silva, que abordam desde a exposição da luta do movimento homossexual no Brasil, até a análise de textos literários cujas temáticas tocam, de um modo direto ou indireto, na questão da homossexualidade.

Atualmente a Editora Escândalo conta com um catálogo de 15 títulos, a saber: *Adeus a Aleto*, de Roberto Muniz Dias (2011), *Homossilábicas - Seleta de Autores LGBT* (2011); *A casa da montanha*, de Giselle Jacques (2012); *Variáveis vias do desejo*, de Thiago Thomazini (2012); *O sexo de Judas*, de José Valdemar de Oliveira (2012); *Liberdade para Clarice*, de Marli Porto (2012); *Homossilábicas Vol. 2*, coletânea de contos (2012); *O conhecimento liberta*, de Rita de Cássia (2012); *Cidade do Anjo*, de Rafael Nova (2012); *Um Buquê Improvisado*, de Roberto Muniz Dias (2012); *O príncipe, o mocinho ou o herói podem ser gays*, de Roberto Muniz Dias (2013), *Loveless*, coletânea de contos (2013), *O livro de Alexia*, de Giselle Jacques (2013) e *Arco-Íris Revisitado* (2013), organizado pelos professores Adailson Moreira, Carlos Eduardo Bezerra e Telma Maciel da Silva.

5. PANORAMA DE AUTORES E/OU OBRAS DE CUNHO HOMOAFETIVO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

5.1 Fabrício Viana

Este autor também envereda pela produção independente. Os processos de produção e distribuição são igualmente expedientes deste jovem escritor. Sua iniciação na literatura deu-se, como para a maioria de jovens autores gays, pela internet. Por ter formação em Psicologia, sua escritura se centrava em responder sobre homossexualidade. Tantos questionamentos e dúvidas respondidas redundaram em vários materiais. Por conta de artigos e projetos idealizados para o público LGBTTT nasceu a ideia de publicar o primeiro livro. Desta forma, surgiu *O Armário*, em 2006, que está na sua terceira edição.

Sobre a atuação de escritor independente e de uma literatura gay, Fabrício Viana desabafa:

Claro que o futuro é incerto. Escritor com poucos livros sofre tato quanto um ator em início de carreira. Mas este é um terreno que pretendo me aperfeiçoar, me METER e APROFUNDAR cada vez mais. Dando tempo ao tempo. Por isso agradeço, sempre que possível todos aqueles que acompanham minha história, carreira e me motivam, também sempre que possível, a nunca desistir de meus sonhos e objetivos.³⁶

Fabrício Viana é um empreendedor de seu trabalho como escritor, assume as funções de autor e comercializador de sua própria obra. *O Armário* consiste numa exitosa tentativa de dividir com a sociedade toda a problemática que envolve o assumir-se gay. O blogue que serve como forma de divulgação e vendas também é um ótimo amplificador da obra do autor, que está em constante diálogo com seu leitor. A importância do trabalho de Viana vai além do puro registro, ele auxilia muitos a se expurgar da culpa de serem gays e ajuda famílias e a sociedade para que enfrentem a homofobia presente hoje em dia.

O Armário, Vida e pensamento do desejo proibido tem tom confessional e propedêutico. Nesta parte confessional, o autor revela como descobriu sua homossexuali-

³⁶ Disponível em: <http://fabricioviana.com/oescritor>. (Acessado em 19/10/2012)

dade, encarando todos os conflitos internos e interpessoais. Da segunda parte em diante, Viana vai teorizando por meio de sua formação e sua práxis como psicólogo, “o motivo pelo qual a *homossexualidade* é mal vista pela sociedade graças a sua condenação histórica”.³⁷ Segundo o próprio autor, em sua página no facebook: <http://www.facebook.com/FabricioViana.Escritor> “o armário torna-se um símbolo importantíssimo pra representar o local de nossa personalidade em que escondemos e trancamos para que os outros não possam ver nossos desejos homossexuais”.³⁸

Como obra independente, o livro *O Armário* não é vendido em livrarias convencionais. O próprio autor recebe os pedidos por e-mail e os encaminha pelo correio. A obra de Viana é um sucesso de vendas, tendo vendido mais de 1800 exemplares. O livro também tematiza relações familiares, o papel da religião, o pessimismo sobre o homossexual, a homofobia internalizada. No último capítulo ele desvenda um dos maiores causadores do preconceito contra homossexuais, mulheres, passivos, *drag queens*, travestis e transexuais. Uma verdadeira introdução que, segundo ele, todos deveriam conhecer: a crise de identidade do masculino.

O Armário tornou-se uma obra para todos aqueles que desejam conhecer um pouco mais sobre a homossexualidade, tanto para o autoconhecimento quanto para o público em geral como professores, estudantes, universitários, pesquisadores, pais, mães e curiosos:

Se a leitura é excelente para quem não é homossexual, imagine para quem é ou acha que é? Afinal, ‘sair do armário’, se aceitar e se assumir, não são tarefa fácil pra ninguém. Porém, mesmo que se consiga fazer isso, ainda não é suficiente. Precisamos também nos livrar do negativismo homossexual e da homofobia internalizada que introjetamos em nosso inconsciente desde pequenos. Por isso a leitura do meu livro serve também para quem é gay e assumido. Sendo quase que “obrigatória” a todos os homossexuais.³⁹

Interessante esta injunção do leitor não levado apenas por curiosidade, o que leva a pensar que apenas pessoas que não da comunidade LGBTTT se interessariam pelo livro de Fabrício. Ao contrário, o autor faz uma chamada para a própria comunidade gay que se leia suas obras, conheça-se a si mesmo, parafraseando o filósofo; tal é a dimensão da importância de seu trabalho como escritor e psicólogo, que afirma seu trabalho no intuito de sedimentar uma identidade ciente de seu pertencimento. Aliás, ele pretende com seu livro dinamitar a homofobia internalizada que a muitos da comunidade LGBTTT pode ainda promover danos.

³⁷ Disponível em: <http://www.oarmario.com/> (Acessado em 19/10/2012)

³⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/FabricioViana.Escritor?fref=ts>

³⁹ Disponível em: <http://www.oarmario.com/> (Acessado em 19/10/2012)

5.2 Plínio Camilo

Este autor foi finalista de Concurso literário promovido pelo ProAC - Edital nº 32/2011 que selecionou projetos que propusessem a promoção das manifestações culturais com temática LGBTTT no Estado de São Paulo. O projeto livro deveria contemplar algumas características, segundo o edital, tais como: LGBTTT compreende-se por lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais; Projetos de promoção das manifestações culturais com temática LGBTTT são propostas que favoreçam as condições de reprodução, promoção do conhecimento e do reconhecimento da importância dessas manifestações no processo de construção da sociedade paulista e brasileira. Por esta razão estas iniciativas são importantes para promoção da cultura e divulgação da literatura LGBTTT.

O namorado do papai ronca é um livro de linguagem dramatúrgica com narrativa ficcional, direcionado ao público jovem. A estória faz o apanhado da vida do jovem Dante no contato com o pai, separado da mãe no momento da narrativa. A linguagem do livro tenta se aproximar da linguagem internáutica da qual os jovens atualmente se utilizam – usada nas mídias sociais, ferramentas de bate-papo eletrônico e *e-mails*.

A mãe, distante por causa de uma viagem, comunica-me através de ferramentas como *Messenger* e *Skype*, revelando as relações mecanizadas e distanciadas, apenas aproximadas pela modernidade, mas vazias do carinho e presença necessários ao desenvolvimento do jovem personagem.

Segundo Helena Martins, *O namorado do papai ronca* consegue com maestria reescrever o linguajar próprio dos jovens conectados a internet:

...mais do que a questão vocabular, o uso de expressões coloquiais ou comuns na internet (cf. p.81, a mais marcante nesse aspecto), chama a atenção o modo como Camillo desenvolve o diálogo-relato, vivo e rápido, mas suficientemente denso e sugestivo para se conhecer o perfil do protagonista e sua constelação familiar e de amigos, sua sensibilidade e processo de amadurecimento.⁴⁰

⁴⁰ http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=1074 (Acessado em 26/10/2012)

Camilo, em entrevista a Nanete Neves, fala de sua reação ao saber que foi contemplado com a premiação em um concurso literário:

Foi muito bom! Imagine: escrevi o livro em um surto de quatro meses. Escrevi do jeito que queria e no tempo que queria. Enviei apenas três capítulos para a seleção. E um grupo de pessoas, por mim desconhecidas, aprovou! Percebi que o que eu tinha produzido possuía um valor. Fiquei orgulhoso. Fiquei contente, comprometido. Tentei fazer o melhor livro possível, pois, além de ser um prêmio, era um prêmio com o dinheiro público.⁴¹

5.3 Gladstone Machado Menezes

Nascido em Brasília, em 1962, fez licenciatura em artes cênicas na UnB, mas abandonou o curso no último semestre. Distribuía, na plataforma superior da Rodoviária de Brasília, *Estado de Coma*, seu primeiro livro, mimeografado e xerocado, de poesia e desenhos. Em 2005, após 20 anos, saiu da gaveta e foi publicado o divertidíssimo romance *Rapunzel* (versão atualizada e contemporânea do conto de fadas dos irmãos Grimm).

Seu livro *Histórias desagradáveis* teve patrocínio do Fundo de Arte e Cultura-FAC da Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal. O livro é uma reunião de contos com forte teor homoafetivo, além de apresentar alguns com temática fantástica e surrealista, como *Os ovos* no qual o narrador vê brotarem ovos em suas entranhas: “eles brotavam, brancos, eu me perguntava, algas marinhas florescem, estou misturando, não era sobre algas e águas marinhas que deveria falar” (MENEZES, 2010, p.105). O autor revela personagens comuns, mas que se veem envolvidos de alguma forma com o inusitado, com o olhar homoafetivo ou o olhar do outro sobre estas condições. Sobre o livro o autor registra em seu blogue:

O título surgiu não me lembro mais como. É sonoro, irônico, direto, atrai e repele ao mesmo tempo. Da *Família das Histórias Hediondas*, das *Histórias Extraordinárias*, de Glauco Mattoso e Poe. Combinou com o clima dos contos, com a imagem da capa, até com a fonte escolhida por Gladstone.⁴²

⁴¹ Disponível em: <http://escritablog.blogspot.com.br/2012/09/entrevista.html> (Acessado em 26/10/2012)

⁴² Disponível em: <http://historiasdesagradaveis.blogspot.com.br/2010/07/sobre-o-titulo-historias-desagradaveis.html> (Acessado em 17/12/2012)

Mas não é sobre o fantástico na obra de Gladstone que quero tematizar. Novamente, dor, separações e desgastes são temas presentes na narrativa de *As férias inesquecíveis*, e novamente a solidão é um cronotopos também recorrente na homotextualidade do autor. Os personagens do conto se separam, dão um tempo à relação, que está desgastada. Iuri e Miguel concordam. No entanto, este último não se convence e sofre com isso:

Despediram-se no estacionamento do aeroporto, enquanto Miguel tirava a mala do bagageiro. Um abraço desajeitado. Iuri estava com pressa, o carro parado em lugar proibido, o guarda. Miguel emocionou-se, mas não deixou transparecer. Iuri acelerou o carro e nem viu Miguel que acenava para ele, até desaparecer no espelho do retrovisor. The End escrito em itálico no meio da tela do filme B da sessão da tarde. (MENEZES, 2010, p.85)

Já em *Toni* o ponto de vista é de um menino de sete anos que vive a separação de seus pais e vive entre as casas deles. O pai é homossexual e tem um namorado, Hugo, que convive com eles. Gladstone usa um tom delicado e aborda com cuidado o fato de o menino não entender a dinâmica da separação; por que os pais discutiam, e Hugo dormia na mesma cama de seu pai. Este tenta explicar:

(...) o amor era o mais importante de tudo para qualquer pessoa do mundo. (...) papai perguntou se eu gostava do Hugo. Eu gostava. Hugo vivia lá em casa, brincava comigo, me ensinava dicas para passar de nível no videogame, me dava presente legais. Papai gostava de Hugo. Hugo gostava de nós dois. Eles eram namorados. Perguntou se eu achava bom Hugo morar com a gente. Eu falei no meu quarto cabia outra cama. Papai riu. Eu me senti bobo. Eu entendi por que papai tinha sorrido. Hugo já dormia junto com ele na cama de casal. Hugo era namorado o papai. Foi isso que papai disse. (...) Eles se amavam. (MENEZES, 2010, p. 22-23)

Gladstone vai construindo neste conto, uma dinâmica lúdica, como se o próprio menino narrasse a história para si mesmo. A forma simples e direta parece uma conversa prosaica. Ao término o menino se pergunta quando irá crescer e tornar-se um adulto, tendo um amigo igual a Hugo.

Nos contos *Daniel na cova dos leões* e *Ciclope* a temática da discussão das relações afetivas se repete como tema central. Personagens alternam entre o hedonismo e a fidelidade. Os relacionamentos se desgastam na cobrança por atenção de um lado e uma inércia de uma individualidade compulsória. Em *Ciclope*, a narrativa é dividida num dia no qual cada hora representa uma trama da narrativa. Cada ação é recortada

como em *Ulisses*, de James Joyce – Ulisses é o nome de um dos protagonistas do conto. Tiago na outra ponta encena pequenos jogos de amor, para no final, ambos terminarem sozinhos e apartados, apesar de seus verdadeiros sentimentos. Ainda a solidão e uma dispersão do emprego do amor parecem tecer o mote de vários autores na representação da homotextualidade.

5.4 Roque Neto

Nascido em Esperantina, no Piauí, Roque Neto, desde cedo, trazia dentro de si o desejo pelo conhecimento, demonstrando especial interesse pela leitura e escrita. Ainda bem jovem, aos 13 anos, teve seu primeiro texto publicado em uma revista, passando então a escrever e publicar seus artigos com regularidade. Mas não bastava... Em busca de dar continuidade aos seus estudos, mudou-se para São Paulo três anos depois. Todavia, sua jornada não pararia pelas terras paulistas: logo seguiu para Porto Alegre e depois para Brasília, de onde retornou para São Paulo.⁴³

Seu livro *Porque eu ameí*, publicado pela Editora Dracaena, tematiza os conflitos de um jovem seminarista envolvido na dúvida de continuar seus estudos ou revelar a sua família sua orientação sexual. Segundo o site do autor:

Porque eu ameí é uma parábola sobre a necessidade de fazer escolhas, assumir consequências e, finalmente, se tornar aquilo que sempre sonhou ser. Em sua segunda obra literária, Roque Neto lança a patamares ainda mais altos sua habilidade de surpreender leitores e fazê-los famintos daquilo que está por vir. Publicado pela editora Dracaena, “Porque eu ameí” tem o Prefácio escrito pelo autor americano Lev Raphael.⁴⁴

...Hoje vi você chorar.
Suas lágrimas contam uma verdade
Que não consegui compreender
Desculpe-me, também chorei!
Pelo que podemos ser Apesar dos segredos que escondemos...
(NETO, 2011, p. 140).

Conforme a resenha abaixo que realizei a pedido do autor sobre seu livro *Por que eu ameí*.⁴⁵

⁴³ Disponível em: http://www.roqueneto.com.br/site/?page_id=52 (Acessado em 12/12/2012)

⁴⁴ Disponível em: http://www.roqueneto.com.br/site/?page_id=142 Acessado em 12/12/2012)

⁴⁵ <http://euleioseulivro.wordpress.com/2012/04/03/porque-eu-amei-de-roque-neto/>

“Ainda estou de olhos sujos – expressão metaforicamente usada pelo escritor –, ainda atordoado com toda a trajetória de José Lucas. E este nome ficou me perturbando constantemente, vez que sua personagem se desdobrava para viver duas pessoas diferentes.

Desisti ao longo da leitura de quem nomear José, quem nomear Lucas. Mas essa incapacidade não me impediu de sentir toda a sorte de desventuras que este personagem sofreu ao longo de sua trajetória. *Porque eu amei*, para um título, é mais do que adequado para este livro do escritor piauiense Roque Neto. A justificativa fica mais do que clara quando lemos o epílogo – a epístola confessional de Thomas, amante de José Lucas. Tudo parece ter sentido quando se busca o amor, ou quando se busca a vida!

Thomas é mais do que o objeto do desejo, do amor de José Lucas, ou melhor, do Padre José Lucas. Esta dualidade, esta máscara que José parece usar nada mais é do que uma armadura que a sociedade preconceituosa, que nos oprime, obriga a usar. Os papéis sociais ainda são determinados por contratos sociais que fazemos diariamente, e forçosamente, em nome de promessas alheias às nossas. E aí reside todo o drama de nosso protagonista.

O livro é propositadamente entrecortado com passagens entre o presente e o passado, onde essas instâncias parecem provar que sempre José esteve nesta miscelânea, o tempo todo na convivência dialética desses tempos. A família, nordestina, pernambucana, é apenas um lugar. Ainda que exista um preconceito declaradamente generalizado, é mais contundente sua versão disfarçada. O passado é influência presente na vida de José, ou Padre José Lucas. A primeira experiência sexual, numa manobra chantagista; a confissão de sua sexualidade; a vontade de sua mãe; seu destino; o mister para com Deus, parecem coisas substancialmente presentes.

O amor é vivido em diversas formas: o amor pelo sacerdócio; o amor por Duduca; o amor pelo avô; o amor pela coragem de sua mãe; o amor quase paternal de Dom Castelleti; o amor pela busca e ausência do pai; o amor, em sua essência: Eros e Tânatos, por Thomas. Enfim, ainda reforço que *Porque eu amei* é um título por demais apropriado. Parece que em todos os momentos da vida do Padre José Lucas, sempre havia algum motivo nobre, mesmo quando em sua versão maquiavélica que tentava se desvencilhar das ameaças do Padre Wilson. Este resumia toda a hipocrisia existente nas religiões que apregoam a misericórdia e a retidão como pontos basilares de uma formação humanística e redentora; mas que no fundo se revelam na podridão do ser humano, mesmo debaixo de uma batina.

No entanto, dentro da trama de Roque Neto, esses detalhes da hipocrisia e do preconceito são sutilmente revelados, bem como todo seu hercúleo trabalho para enfrentá-los é demonstrado de uma forma altruística e humana. Não parece existir mal em José. Talvez por isso nos enfileirássemos – digo os leitores deste livro – num alinhamento que

nos remete à questão da culpa. Aqui esta parece ser um ponto nevrálgico nesta impressionante obra do autor. Culpa e medo andam juntos. A culpa cristã, revelada nas primeiras e únicas conversas que José teve com Deus – o momento de desespero sempre parece oportuno para estas conversas íntimas. “Por que comigo?” não é nada mais do que uma assunção de nossos próprios erros, mesmo que em nome de algo nobre; seja em nome do amor por Thomas, seja em nome pelo amor a Deus. E em momentos de desgraça sempre nos perguntamos onde estaria este Deus que não nos olhou o caminho.

As últimas páginas de *Por que eu ameí* nos deixam numa antecipação catastrófica, como se pudéssemos adivinhar o que poderia acontecer com um Padre que se desvirtua de seus primados. Somos, instintivamente, levados por nossos preconceitos internalizados, a acreditar que o final é trágico, que o remédio para todo seu tormento e escolha feita é a morte.

Roque Neto nos prende pela emoção, mesmo que a antecipação seja, por um momento, uma garantia de nossas verdades assumidas. Pegamo-nos longe de uma verdade real. O que importa antes das palavras finais, no espaço entre a conversa com a psicóloga e o epílogo, é que sempre houve uma intenção do amor e uma intenção para a vida.

Estas portas, tanto para o amor, tanto para vida, estão sempre abertas para quem acredita que além de tudo possa existir alegria. Ler *Por que eu ameí* é uma experiência suja, porque ainda me encontro com os olhos todos sujos; é uma experiência de epifania, porque onde há morte há um desejo inalienável de viver.

A primeira e última confissão feita por Padre José Lucas, cômico de sua escolha, nos deixa triste porque revela o peso da culpa assumida. Mas nos deixa pensar que mais vale a pena viver nossas vidas, em nome de uma verdade egoísta e libertadora, do que viver a realidade dos outros de forma completamente contemplativa.”

Famílias é o primeiro livro de Roque Neto dedicado ao público Infantil. O livro mostra de uma forma leve e divertida os vários exemplos de famílias que podem existir. E o pequeno leitor entende, a cada página virada, que o que realmente importa não é a cor da pele, o número de irmãos ou as preferências dos pais, mas sim o amor que todos sentem uns pelos outros. Este último livro saiu pelo selo da editora Metanoia.

5.5 Valdeck Almeida de Jesus

Além de escritor, Valdeck Almeida de Jesus é jornalista e funcionário público federal. No entanto, é difícil classificá-lo por causa de suas atitudes vinculadas à literatura.

É idealizador de concursos literários, saraus e intervenções. Acresce-se ainda que seu trabalho é um dos mais premiados na literatura LGBTTT. Recebeu os seguintes prêmios: Destaque no XII Concurso de Poesias, Contos e Crônicas realizado pela ALPAS XXI (2007); Classificação no concurso literário realizado pelo Sindjufe-Bahia (2007); Classificação no concurso literário Bahia de Todas as Letras (2007); Menção Honrosa (1990) no concurso Oswald de Andrade de Poesia, promovido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Menção Honrosa (1989) no 1º concurso nacional de poesias – Porto Alegre/RS.

Nasceu a 15 de fevereiro de 1966 em Jequié-BA, onde viveu até aos seis anos de idade, quando foi residir na Fazenda Turmalina (região de Itagibá-BA). Lá continuou a estudar em escola pública até os 12 anos de idade. Aluno exemplar, retornou a Jequié-BA para se matricular na 5ª série do primeiro grau, em escola pública. Ingressou nas Faculdades de Enfermagem e de Letras, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em 1990; na Faculdade de Turismo, na Faculdade São Salvador, não concluindo os cursos. Reside em Salvador, desde fevereiro de 1993.

Valdeck tem uma lista longa de livros editados de forma independente, apesar de ter publicados seus livros em diversas editoras estrangeiras e alguns livros publicadas com o suporte de “publicação por demanda”. Isto faz que seu trabalho, mesmo que por detrás de uma editora, ainda tenha de forma independente a distribuição e divulgação. Suas obras estão listadas, a saber: *Heartache Poems. A Brazilian Gay Man Coming Out from the Closet*, iUniverse, New York, USA, 2004; Este livro reúne poemas de desabafo, muitos deles dedicados a mulheres, quando na verdade o escritor falava de seus amores secretos, namorados homens; *Feitço Contra o Feiticeiro*, Scortecci, São Paulo-SP, 2005; livro de poemas; *Memorial do Inferno. A Saga da Família Almeida no Jardim do Éden*, Scortecci, São Paulo-SP, 2005, conta a história da família do escritor Valdeck Almeida de Jesus, que enfrentou a fome e a miséria por mais de vinte anos e venceu. 100% da renda do livro foi doada às Obras Sociais Irmã Dulce; *30 Anos de Poesia*, Câmara Brasileira do Jovem Escritor, Rio de Janeiro-RJ, 2008; *Memories from Brazilian Hell: The Saga of Almeida Family in the Garden of Éden*, iUniverse, Nova York (USA), 2008; *Poemas de amor e outros temas*, Blurb, Nova York (USA), 2009; *Poemas DiVersos*, Corpos, Lisboa, Portugal, 2009; *Armadilha – a verdadeira poesia brasileira*, Clube de Autores, São Paulo-SP, 2009; *30 Anos de Poesia*, Virtual Books, Pará de Minas-MG, 2009; *Minha alma nua* (Série Notáveis Poetas Brasileiros), Real Academia de Letras, Porto Alegre -RS, 2009; *Recortes de uma vida: Reflexões e pensamentos*, Clube de Autores, São Paulo, 2010; *Amor e Paixão*, Coleção Scrivere, São Paulo: Madio Editorial, 2010; *A Kombi de prosa e poesia*, Pará de Minas- MG: Virtual Books, 2010; *Yes, I am gay. So, what? – Alice in Wonderland*, New York: iUniverse, 2010.

5.6 Myriam Campelo

Myriam Campelo é escritora e tradutora nascida no Rio de Janeiro. Foi premiada com o Fernando Chinaglia II em 1972 pela publicação do romance *Cerimônia da noite*, seu livro de estreia. É também autora dos romances: *Sortilegiu*, *São Sebastião blues* de 1983, *Sons e outros frutos* e de *Como esquecer* de 2003, livro este que virou filme dirigido por Malu de Martino.

São Sebastião blues é um livro sobre relacionamentos, com seus encontros e desencontros. Aliás, relacionamento é uma palavra que define bem este romance. Não por acaso todas as personagens têm suas histórias mal resolvidas.

O jornalista Elias Fajardo descreve bem essa cena de relacionamentos interpessoais:

São Sebastião blues coloca em cena intelectuais da Zona Sul do Rio que levam suas vidas quase sem respirar, na medida em que cada momento estica mais uma corda sobre um abismo ao longo do tempo, tratado pela romancista como um deus sacana e demolidor. Laura é uma autora sofisticada cujo brilho pessoal esconde uma angústia intensa. David teve uma origem humilde, mas tornou-se rico e famoso, colecionando amantes e prêmios literários. Aurora escreve histórias infantis e vive um romance sem esperanças com Zé Luís, um homem muito diferente dela. Julia é uma escritora insegura e talentosa. Ceno trabalha como editor e compensa com o excesso de comida as suas frustrações amorosas. Leonora, a jovem filha de David, volta de Nova York para o Rio e bota mais lenha na fogueira das relações entre os personagens.⁴⁶

5.7 Cintia Moscovich

A escritora gaúcha é contista de mão cheia. Nascida em 15 de março de 1958 na cidade de Porto Alegre, Cíntia Moscovich mantém oficinas de criação literária especificamente para contistas. É autora premiada, tendo em seu currículo prêmios como: primeiro lugar no Concurso de Contos Guimarães Rosa, instituído pelo Departamento de Línguas Ibéricas da Radio *France Internationale*; o Prêmio Açorianos de Literatura em 1999 e

⁴⁶ <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2012/12/22/resenha-de-sao-sebastiao-blues-de-myriam-campello-479632.asp>

2000; terceiro lugar em contos no prêmio Jabuti, além da indicação para o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira e o Prêmio instituído pela Revista Bravo. A condição feminina e o judaísmo são temáticas em suas narrativas explicitadas.

No entanto, Cintia também envereda pela ficção homoafetiva. Por exemplo, *Duas Iguais* é um romance que narra a história de duas garotas de uma escola judaica que acabaram se envolvendo emocionalmente. O clima fica centrado na questão das convenções sociais de uma Porto Alegre ambientada na década de 70, fato que atormenta o relacionamento das duas, mas que não impede a aproximação, o carinho e a descoberta do amor entre elas. Sobre essa questão da constituição do feminino sob a égide de um romance de formação, segundo SCHWANTES:

a narrativização do processo de formação de uma protagonista feminina será, portanto, muito mais tortuosa que a protagonista masculino personagem feminino. As formas como as escritoras irão enfrentar os problemas colocados pelo romance de formação da protagonista feminina serão várias: a inclusão dos elementos do gótico, ou de personagens, geralmente secundários, loucos ou aleijados, respondem pelos numerosos percalços que a tentativa de alcançar independência de uma protagonista feminina encontrará.⁴⁷

Duas Iguais perfaz um caminho tortuoso na formação das personagens que vem seus conflitos existenciais permeados pela culpa e separação, tendo como parte dessa formação as exigências do traçado cultural a que o feminino deve se submeter. Ainda que exista a subversão, a assunção da relação homoafetiva; a separação é inevitável. Clara, uma das protagonistas do romance casa-se, cumprindo assim seu papel social. Ana viaja para Paris. A estratégia da distância como elemento formador e apaziguador dos desejos é mera tecnologia do convencionalismo. A perda também é uma forma de aprendizagem, mas revela a impossibilidade do amor:

Olhei: os nossos pés, os dois, do mesmo tamanho, Ana, e me dizias que sempre havia sido assim, e que nós sempre havíamos sido tão iguais, eu olhasse só, tínhamos as duas um par de seios, as mãos também quase do mesmo tamanho, e colocamos palma contra palma – já havíamos feito isso uma vez antes, no passado – e rimos que os dedos terminavam à mesma altura, as polpas se encontrando no mesmo lugar, as impressões se encaixando como um quebra-cabeça que cansamos de montar (MOSCOVICH, 1998, p. 105/6).

⁴⁷ SCHWANTES, 2002, <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num2/ass05/pag01.html>

O Reino das Cebolas é o livro de estreia de Cíntia Moscovich na literatura. O livro traz uma coletânea de contos, que retratam as relações humanas de forma delicada, apurada, às vezes insólita e ainda com uma linguagem simples e contundente:

(...) Estes textos possuem o dom de transfigurar uma história banal num momento de perplexidade e descoberta. É claro que isso não se alcança numa leitura apressada: mais do que as linhas, devemos ler suas entrelinhas, pois a simplicidade aparente sempre encerra uma perturbadora revelação. Desde que razões profissionais me deram o privilégio de conhecer os textos de Cíntia Moscovich, soube que ali estava uma escritora extraordinária. Este volume surge num momento em que alguns começam a duvidar do conto como forma de expressão narrativa. Por suas qualidades superiores, *O Reino das Cebolas* prova que o gênero vive – e viverá – enquanto alguém souber narrá-lo.⁴⁸

Destaque para o conto *Mi Buenos Aires querido* em que a descrição de um caso de amor por uma diva de tango é narrada de forma sutil e quase despercebida por uma voz sem marcadores de gênero. Isto nos faz refletir no traçado das entrelinhas, na busca pela voz do narrador que deixa escapar algo de proibido, inatingível:

Mais do que nunca em minha vida, amei Buenos Aires e aquelas cercanias desesperadas, com a certeza de que a cidade e seus pontos cardeais ensandecidos eram o centro de algum universo, aquele que só então eu descobria. Na esquina onde as duas avenidas se beijam, lá estava ela, hermosa, os cabelos revoando na sudestada, o corpo oculto por um tapado gris. Ela correu para mim e reprisamos o beijo que se dão as duas avenidas de meus encantos (MOSCOVICH, 2002, p.98).

Já em *Memórias de coisas afastadas* temos um título forte para desenvolver a ideia de que as experiências sexuais “desviantes” devem ser vistas como fatalidades. Culpas e permissões se alternam para compor o tracejado da linha da vida. Mas as experiências transmutam sensações e indivíduos:

De noite, tudo de novo. O jantar, o vinho. O marido devorado pelo próprio bocejo. O quarto e o coração em alvoroço. Sem muita conversa, só uma premência, só. Deitou-se ao lado da moça e aceitou e ofereceu, amaram-se, prazer, prazer, e não mais se sabia se era coisa de homem ou de mulher. Era coisa de paixão. Fatalidade, pois. (MOSCOVICH, 2002, p.102)

⁴⁸ Introdução de Luiz Antônio de Assis Brasil.

A fatalidade que não é apenas do amor em si; de se entregar a uma paixão proibida. Uma aventura? Marilina era casada, mas se entregou a uma paixão lésbica em Paris. Nunca contara ao marido, apenas a uma amiga que prometera segredo. E se algo acontecesse a Marilina, que avisasse à amante. E assim fatalidade e amor se conjugam como sempre se deve esperar de um amor proibido. Neste conto Moscovich trata do amor como redenção e liberdade ao mesmo tempo: “Sim, sim, era um amor esquisito, como é que as duas faziam? Nunca tivera coragem de perguntar. Será que era como? Não importava; Marilina inquietara-se, picada da flecha, o mal pernicioso”. (MOSCOVICH, 2002, p. 103)

No final, em consonância com a promessa da amiga, a amante aparece para retirar da fatalidade a impossibilidade do amor:

Então, a moça afastou o lençol e a bata. O corpo lacerado apareceu. Mas a moça, ali parada, contendo na sua a mão da que se ia, olhou para o corpo como se visse, dentro do corpo, outro corpo, como corpos que se contêm e que guardam o duplo dentro deles mesmos; o outro corpo que existia, o que era seu no direito e no fato, o corpo que se havia moldado à intimidade e que se entregara no alvoroço da alma, que não era o mesmo corpo, aquele de uma mulher de meia-idade, nem era o mesmo corpo, aquele que agora estava maculado de vergões profundos e de flores roxas. Todos viram. E a moça falou: — Amor da minha vida. (MOSCOVICH, 2002, p. 107)

5.8 Betti Brown

Betti Brown é o pseudônimo adotado pela escritora e feminista curitibana Bebêti do Amaral Gurgel. Bebêti formou-se em Comunicação Social em 1979. Seu primeiro livro foi uma coletânea de poemas intitulado *Coisas* (Ed. Grafpar – 1975). Foi proprietária da primeira livraria especializada em assuntos femininos do Brasil, a “Lilith”. Seus livros tematizam a questão feminina e a sexualidade numa abordagem que atinge tanto o público adulto como infanto-juvenil.

Pecados Safados foi publicado pela Rosa dos Tempos em 1995, depois pela Record. Tem como protagonista/ narradora, Isabel, que passa sua infância numa família curitibana preconceituosa e em meio às agruras do regime militar de 1960. As questões iniciais do livro tratam da descoberta, logo cedo, da sua homossexualidade e os problemas próprios desta identificação.

O ambiente familiar é descrito como claramente heteronormativo, nos moldes de um pai autoritário e uma mãe displicente e superficial, preocupada com a importância de

manter as aparências sociais. Para Adriana Lopes de Araújo, estas identificações de gênero foram reforçadas nas gerações, com impacto na protagonista:

A protagonista é moldada desde a infância a uma educação heterossexual e patriarcalista. Tal ideologia é transmitida principalmente pelas mulheres de sua família, que reproduzem tais preceitos. Para sua avó as meninas deveriam “brincar e gostar de bonecas” (BROWN, 1995, p. 24) a fim de despertar o “milagre biológico”. Durante muito tempo, a diferença entre homem e mulher foi considerada um fator biológico. A superioridade masculina diante do ser feminino foi pensada como sendo natural, embora não seja. É na verdade, imposta à mulher por seus educadores e pela sociedade. A mãe da protagonista, por sua vez, queria que sua filha estivesse sempre bonita e que desfilasse com objetos caros.⁴⁹

Sobre o livro *Pecados Safados* a escritora, intelectual e feminista Rose Marie Muraro escreveu na contracapa do livro:

Sou uma heterossexual assumida. Quando li *Pecados safados* tive uma surpresa. Confesso que conhecia muito pouco da vida sexual das lésbicas brasileiras e por isso mesmo da condição de mulher. Logo eu, uma feminista inteiramente dedicada a luta contra a opressão! Sem falar que como editora publiquei mais de 1500 livros e já li mais de 10 mil originais durante a minha vida! O livro é genial, humorístico, incomum, engajado, e ao mesmo tempo profundo enquanto revela as articulações concretas entre gênero e a sociedade (MURARO, 1995).

5.9 Mário Rudolf

Mário Rudolf envereda pelo campo do testemunho. Em 1987, escreveu o livro *De agosto em agosto com muito gosto*, no qual conta a história de sua homossexualidade e sua soropositividade. O livro tem edição publicada pelo próprio autor em 1990.

Nascido em Brusque, Santa Catarina, no dia 17 de agosto de 1958, Mário teve forte influência da igreja católica, tanto que isto o orientou que inicializasse os estudos em Teologia. Abandonando o voto de castidade, relacionou-se com um rapaz que dizia ser o grande amor de sua vida:

⁴⁹ http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/1901_arq_1.pdf (Acessado em 20/01/2013)

Abandonei o voto de obediência. Sobrou apenas o voto de pobreza e parece que Deus ainda não me dispensou desse voto. Em 1987, descobri que estava portador do HIV. As dificuldades foram muitas, mas eu não me escondi. Em 1990, resolvi escrever o *De Agosto em Agosto com muito gosto*. Foi um dos primeiros livros, no Brasil, alguém contando, mesmo em terceira pessoa, a sua história de HIV positivo e da sua homossexualidade. Em muitos lugares, a AIDS não assustava, assustava a minha homossexualidade assumida e declarada. Tive sempre o carinho de diferentes seguimentos da sociedade. As pessoas sabiam que eu lutava pela dignidade humana e por um Brasil mais democrático, mais feliz.⁵⁰

Já em *Gosto de vida* publicado pela Noovha América, Rudolf conta a história de Marcos, um rapaz que passa pela descoberta da sexualidade, a tirania do pai, a religião e a soropositividade. Fatos que nos remetem, claramente, à própria história do autor, da ficção. *Gosto de vida* é descrito, no site da editora, da seguinte maneira:

Há momentos em nossas vidas em que tudo parece dar um nó. E, às vezes, não apenas parece, mas de fato isso acontece. *Gosto de vida* apresenta ao leitor vários desses nós ocorridos na vida de seu protagonista: a pobreza na infância, o medo de seu tirânico pai, o desabrochar da (homo) sexualidade em um ambiente religioso e repressor, a descoberta da soropositividade em uma década em que esse diagnóstico era sinônimo de atestado de óbito e os preconceitos enfrentados a partir daí, entre tantas outras coisas. Porém, engana-se quem pensa que este livro é uma areia movediça de problemas e lamentações. No meio de tudo isso também há espaço para a esperança, a fé, a paixão, o amor e a felicidade.⁵¹

Ainda pela Editora Noovha América Rudolf lançou outros livros, entre eles: *Do lusco-fusco ao alvorecer* e *Belmiro* que narra três histórias distintas que se entrelaçam no final. Há um relato de dois amantes homossexuais, Belmiro e Valmir, que são também acometidos pelo espectro da AIDS; Catarina e Fidélis que vivem um amor impossível, numa época em que existiam os casamentos de conveniência, e um coveiro. Histórias que se misturam para contar sobre os papéis do homem na sociedade, seja numa relação homoafetiva ou numa relação convencional.

⁵⁰ <http://www.ggb.org.br/educacao2.pdf> (Acessado em 20/01/2013)

⁵¹ http://www.noovhaamerica.com.br/lojanoovha/product.php?id_product=125

5.10 João W. Nery

Conforme minha resenha publicada no site da revista eletrônica História Agora: “A revista História Agora tem por objetivo abrir um espaço para que intelectuais, pesquisadores e estudantes, possam debater, divulgar e entender as questões que se encontram em aberto nesse início de milênio.”⁵²

Segue abaixo parte da resenha:⁵³

Estes percorreres por aí à balda,
nestes saudosos antigos eus.
Qual deles deixei no meio da estrada e em que sombra,
me perseguem até onde sou?
(Do poema “Corte em mim”, João W. Nery)

“Não julgueis um livro pela capa!” É quase um corolário não julgar. É quase silenciadora a linha divisória que separa os reflexos opostos de João e Joana na capa do livro *Viagem Solitária – memórias de um transexual trinta anos depois*, de João W. Nery, pela Editora Leya.

Não julgue o livro como apenas um testemunho comum, pois ele é pura fantasia. É a fantasia de Joana sentindo-se Zeca, ou quando já o homem formado, João, fantasia o mundo real – vez que o constructo do mundo real é fantasia plasmada num artefato que nunca será nosso. Estamos sempre nos encaixando no mundo dos Outros. João tentou escapar da fantasia. E em busca por uma comunidade imaginada, o tempo soube, inteligentemente, decantar sua alma na realidade que sempre lhe fora real.

Viagem Solitária está além do testemunho porque não fica no eu diegético conspiratório de sua sorte. Ele entra na poesia; nas epígrafes iluminadoras; nas mulheres salva-vidas; na coragem do não-anonimato; na delicadeza do ser. Quiseram ficcionado seu relato como se fosse uma experiência fantasticamente única, isolada; e somente na criação quixotesca de seu sonho ele poderia sobreviver. Mas foi além, além do que se pode gendrar no resumo ontológico de uma condição masculina; nem mesmo na centralização falo-imaginada, pois seu sexo estava além do

⁵² <http://www.historiagora.com/editorial-revista>

⁵³ <http://www.historiagora.com/revistas-antiores/historia-agora-no12/64-resenha/303-trinta-anos-depois>

corpóreo, do imagético.

E como é libertador encontrar-se fora do exigido e fazer disso um primado teleológico de sua vida. A experiência de ser um leitor deste testemunho é poder enxergar a si além do que pretendíamos sempre ser. E que sempre estaremos incompletos. Mas ler *Viagem Solitária* é adentrar num mundo de incompletudes até saber-se que sempre seremos uma lacuna personificada. No entanto, João W. Nery vai preenchendo sua vagina desconstruída com o conhecimento de si e da negação do que não entendia o porquê:

Devido a esta absurda defasagem entre minha autoimagem e a que faziam de mim, descobri, quase que instintivamente, que na fantasia estaria a gratificação de ser reconhecido. Considero essa solução a balsa salva-vidas com a qual consegui sobreviver a tantos desencontros. Delineadas pelas minhas necessidades vitais, moldei-a de uma forma que podia adaptá-la à realidade. (NERY, 2011, p.35-36.)

A infância é sempre uma fonte de descobertas e fantasias e assim, a priori, por meio dessas pequenas mitologias internas é que João se salvava dos perigos do gênero imposto. A consciência e externalização da representatividade Maria-homem o assustava. Tinha a Maria (Joana), mas o homem João ainda era um devir. A leitura se perfaz num constante desconstruir e construir, erigindo uma imagem metamorfoseada. Apenas o tempo e a paternidade – mais tarde, em certo ponto, infelizmente, a velhice – tornariam João no verdadeiro homem que inventamos.

Não queria falar de sofrimentos, tampouco de como fui instigado a ler o livro para descobrir como se construiu o falo mágico de João – a estatização do ser homem. Pura fantasia minha, eis que o homem em João, sempre houve, sempre existiu. Decepcionei-me comigo mesmo. Mas de forma alguma essa curiosidade ofuscou o brilhantismo na poética-testemunho de João W. Nery. A alma do poeta não poderia se desvencilhar do narrador.

O eu narrativo escolheu o masculino. Estava convencido, em todos os momentos, de que nunca existira a Joana – senão na memória afetiva dos outros – e não soava provocativo, ou revanchista, tampouco autoafirmativo. Era uma voz de escritura singular, de um homem construído no desejo de ser o que queria ser. Eu não mais procurava o famigerado falo mágico. Demovi-me da experiência da curiosidade para adentrar o mundo dele; assumir o papel do Outro, dele mesmo.

Outra leitura, assim, recomeça. A leitura de um homem João, que ultrapassou minhas expectativas como leitor medíocre, buscando uma fórmula para entender, final-

mente, o desejo dele. Deparei-me com um homem maduro e que coincidiu com a última parte do livro: Paternidade. Mas não convém atribuir os papéis sociais já construídos pela nossa sociedade heteronormativa-judaica-cristã. A forçosa ideia a que somos conduzidos para confeccionar o homem sob os pressupostos do imperialismo dos gêneros, do binarismo, do maniqueísmo suicida.

Pai aqui tem conotação outra, sob o esteio de uma psicologia inclusiva, aberta; de um olhar menos parental, sanguíneo ou genético. A adoção do seu filho tem ares de redenção, de reconhecimento, mas acima de tudo, o sentido heroico e materno de ser pai.

Enfim, a leitura de *Viagem Solitária* de João W. Nery nos permite concluir que não é uma viagem solitária: não viajamos sós, não estamos sós. Há nesse nosso tortuoso jeito de ser, uma legião de indivíduos ou comunidades mais do que imaginadas que possuem os mesmos anseios apagados; os mesmos medos avolumados; os mesmos sonhos não acalentados; a mesma incompreensão cristã. Porém, no final, todos resistem sempre por existirem histórias de perseverança e, sobretudo, coragem de permanecer lutando.

5.11 Daniel Caldeira

O Caderno de David é o livro de estreia do escritor Daniel Caldeira na literatura. Este livro é parte de uma empreitada que tem continuação e, segundo o autor, personagens desta estória voltarão em novo livro. Registro, logo abaixo, resenha que realizei após a leitura de seu livro:⁵⁴

“Podemos nos livrar de nossas tragédias internas, apenas fugindo da contingência espaço-temporal? Ou apenas deixar-se esquecer de seu verdadeiro destino? Essas perguntas se formulam o tempo todo dentro da cabeça de Léo: ou enquanto se lembra de David, ou quando intenta seu suicídio, ou quando se envolve em novos braços do amor.

E o mote: Sara que era casada com Léo, que amou David, que amara Leonel, este ultimo ama Júnior, que é filho de Léo, que ama Pedro, que tem HIV- que não morreu de AIDS - e que mora com Alice, que é mãe de David e que abrigou Léo, este não aceita as vicissitudes da vida-; poderia facilmente resumir o fio condutor da história: a tragédia. Mas parece ser o amor – ou a falta dele – que ronda a tragédia pessoal de Léo. Talvez seja

⁵⁴ <http://euleioseulivro.wordpress.com/2011/01/14/o-caderno-de-david/>

sobre a herança e o legado deixado ao filho. Talvez a resposta para os problemas de Léo esteja no Caderno de David.

O Caderno de David empresta o título ao primeiro livro do escritor Daniel Caldeira (Editora Lexia, São Paulo, 2010, 314 páginas) e relata a história de Léo e sua problemática em aceitar sua sexualidade. No caderno, David deixa um legado de pensamentos sobre homossexualidade, família, religiosidade e amor ao próximo, tudo na intenção de ajudar o namorado a aceitar sua sexualidade. Tarefa difícil para ele que se vê humilhado pela família, abandonado, num desterro de sua própria dignidade. A nova pátria seria sua consciência e assunção de seus erros; os pequenos erros sobre amor.

Por meio dos capítulos elaborados na essência dos acontecimentos, Daniel Caldeira enreda os fatos numa linguagem atual e realista; as ideias contidas antecipam para o leitor o desencadeamento da história, que a cada página intensifica os fatos da tragédia de Léo – uma sequência plausível e tocante. Os diálogos são transparentes e repletos de dramaticidade. Ao final, no capítulo O Recomeço, Daniel encerra o pensamento que poderia funcionar como a moral da história, num clichê epifânico: “O mais mágico da vida é que sempre poderemos recomeçar, quantas vezes forem necessárias (2010, p, 307)”. Mas o verdadeiro cerne está além. O recomeço – e a dor sublimada; e por que não o Caderno de David? – transformara Léo num escritor renomado. As perdas e os ganhos que a vida promove, repercutiram, reverberaram dentro dele, ao ponto de transformá-lo num homem mais maduro, mais consciente.

A leitura de *Caderno de David*, numa linguagem metalinguística, leva-nos a confrontar nossos medos e inseguranças que se apresentam em nossa vida, mas não deixando que um legado póstumo seja a resolução para o entendimento final. A resolução de nossos problemas está na condição que assumimos no enfrentamento diário de nossos problemas. David legou a Léo sua experiência além do caráter pedagógico; além do caráter altruísta, permitindo que apenas o seu amor pudesse encontrar o verdadeiro objetivo do seu epitáfio.

Não há um epílogo em si para o livro de Daniel Caldeira. A sugestão é de que se deve sentir cada página na sua essência disciplinar, reafirmando os compromissos e as ausências que promovemos diante de nós e dos outros. Abraçar o filho; dar o beijo de boa noite no filho, amante, parceiro ou amigo; dizer que ama; sentir-se no papel do outro, são conclusões simplórias para um provável final feliz. Mas a felicidade está nos cadernos de David – cadernos de Henrique – que abrimos em certa página de nossas vidas.”

5.12 James Macsil

Segundo seu site, o anglo-brasileiro James Macsil:

é fundador e diretor executivo da McSill Ltd, Assessoramento Literário, Londres; Yorkshire Studio, Mentoring, Coaching e Treinamentos à distância para autores e da McSill Agency. É um dos consultores literários mais bem-sucedidos do mundo; seu trabalho abrange Europa, América Latina e América do Norte. É reconhecido por suas atividades pioneiras na indústria do livro. Linguista por formação, impulsionou metodologias como *Task-based Learning*, mudando o cenário do ensino de idiomas estrangeiros no mundo. Neste ano, acrescenta aos seus desafios o de diretor de agência literária (Brasil), representante para a América Latina e Península Ibérica do prestigiado *BritWriters' Awards* (Inglaterra), bem como a ampliação de seu bem-sucedido sistema de treinamento remoto para jovens autores: *Book in a Box*. James é mentor certificado pelo Institute of Enterprise and Entrepreneurs (IOEE).⁵⁵

Apresento aqui a primeira resenha realizada para confecção de meu site com análise e resumos de obras de cunho homoafetivo. Disponibilizo aqui na íntegra, resenha que fiz do livro *Interlúdio*, de James Macsil.⁵⁶

“*Interlúdio* quer dizer trecho musical entre dois atos, duas cenas, numa peça dramática. Quer dizer, também, intervalos. E são as vozes de Dennis e de Lázaro que se intercalam em seus dramas particulares. E assim se revezam estas vozes dos protagonistas que se assemelham aos jovens protagonistas de *Romeo & Julieta* de Shakespeare. Famílias diferentes, histórias diferentes, religiões diferentes. E, em *Interlúdio*, romance do escritor James Macsill, a religião é um forte elemento que conduz a caminhos opostos a vida dos dois jovens apaixonados. Mas não é a religião que conduz a Deus, é a religião fundamentalista que estigmatiza, que discrimina, que segrega. O pano de fundo para essa história de amor, diferentemente de Shakespeare que se concentra nas paisagens de Verona, dá-se em diversos lugares, como no Brasil, na Europa, nos EUA, e principalmente nos espaços das almas apartadas.

A cada página do livro de Macsill conhecemos, com riqueza de detalhes, a história de Lázaro e Dennis, unidos pelo acaso proposital de um postal misterioso. Lázaro se anunciava professor de Inglês e acompanhante. Então, são unidos pela famigerada ligação do algoz de suas vidas, o comandante Betts – pai de Dennis. É com a ajuda dos

⁵⁵ <http://www.mcsill.com/>

⁵⁶ <http://euleioseulivro.wordpress.com/2010/11/12/interludio/>

amigos que eles contam para viver clandestinamente o romance proibido.

A história é alinhavada, a cada página, pelo intrincado jogo de pequenos interlúdios dentro própria história; pequenos crimes são revelados; pequenos dramas são desvendados pelos personagens. Tudo se condensa numa narrativa densa, instigante e dramática. Os personagens ganham vida a cada reconstituição do passado. A memória é um grande recurso utilizado pelo escritor para revelar os desejos e sonhos dos protagonistas. O tempo é outro elemento utilizado, no qual os pensamentos são revelados na constância das reminiscências e da realidade.

A história em si é perturbadora nas passagens em que o pai de Dennis, John, inflige ao filho seu fundamentalismo radical contrário à homossexualidade do filho revelada no amor incondicional por Lázaro. O abuso sexual, o prego que atravessa os olhinhos de Joãozinho, são cenas inesquecíveis. Os recursos utilizados pelo pai pra distanciar os amantes são quase inimagináveis, levando a práticas obsoletas de psiquiatria, como a lobotomia, para fazer com que o filho esquecesse o amor latente. Dennis sofre nas mãos do pai. Lázaro sofre com a distância. Os dois sofrem com as informações truncadas; com corações vinculados.

Cada voz do livro é ouvida com amplidão, com um eco dentro da alma. Reverberam dentro de nós leitores as vozes dos protagonistas que tentam se ver livres de um passado, ao mesmo tempo, feliz e opressor. Nas entrelinhas observa-se o antever de uma grande história de amor. Colocamo-nos a postos para antever a vitória do amor, em que pese os percalços típicos das grandes histórias de amor. E mais uma vez o amor não tem sexo; não tem religião. As determinações maniqueístas revelam que no embate o bem, racional, sempre vencerá no final. E ainda sobre a história das vozes, intercalas nesse interessante interlúdio, o tempo é o grande ator. O tempo passa, muitos anos se passam, e o amor parece ainda intacto. Lázaro, a certa altura, pondera: “Que mundo era aquele em que vivia que acabava e recomeçava sem aviso?” Mas sabiamente, o escritor conduz a história para que o aviso do final feliz estivesse mais perto do que ele podia imaginar. Lázaro, como que renascido de suas chagas reencontra o amor. E mesmo que sua outra metade, Dennis, se recusasse a lembrar de tudo que havia acontecido, devido à lobotomia, o amor e a lembrança estavam guardados na memória emotiva.

Interlúdio é, na minha opinião, um romance épico que reconstrói a história de dois homens unidos pelo amor e separados pelo preconceito. São gigantes como Atlas, carregando o fardo da culpa e da dor sobre as costas, sopesando cada dor como aprendizado. É uma oportunidade para refletir que a justiça de Deus não tarda. E ainda, que o Deus, sempre benevolente, perdoa aqueles que nunca entenderam o amor. As almas se repartem para que, depois dos embates emocionais, depois das lutas diárias com a vida; a reconfortante e redentora força do amor prevaleça.”

5.13 Thiago Thomazini

Thiago Thomazini, em *Variáveis vias do desejo*, Editora Escândalo, flerta com o desejo, o sexo e o amor. Não necessariamente nesta ordem. É uma via de mão múltipla. Não tem uma via certa. Aliás, Thomazini deixa bem claro nesse livro de contos que não há regra para o desejo. Tampouco para o sexo e para o amor. Mas o amor permeia tudo quanto o autor quer esconder ou revelar. Uma alternativa para essas vias é o viés da boêmia. O samba, o bêbado, a lascívia dos corpos tudo é pano de fundo para o autor. Ele recria uma magia pansexual numa atmosfera aqui acolá nostálgica de uma decadência elegante. Thomazini recria – ou inventa pra si – uma carioquice particular. Faz-nos invadir um mundo perdido na eterna boemia da vida, entrecortada com os lances de realidade que esta mesma vida tenta nos obrigar a seguir. Como vemos no conto *Poesia para a solidão*:

Vagueou a esmo pela cidade abarrotada e agora se encontrava ali, naquele boteco imundo. E ele adorava botecos imundos, pois sempre via poesia na imundície do mundo. Estava lá, sentado numa das mesinhas espalhadas pela calçada, donde exalava um insuportável e ao mesmo tempo inebriante fedor de urina, cachaça e lágrimas anônimas (THOMAZINI, 2012, p. 27).

Este submundo é sempre utilizado por Thomazini, pois é nele que se encontra a poesia do mundo. A boemia é o lugar que une estes amantes a procura de uma conversa, um alento ou uma esperança. A contradição do insuportável e sedutor é a contradição que anima os corpos.

Por vezes saímos de nossa cômoda situação de segurança do desejo. Ao ler este livro, entramos num jogo de sensualidade e realidade nua, crua. Despudorada. Às vezes, pegamos alguns de seus personagens – marginais por uma excelência de estilo – a beira de um existencialismo edipiano quase cúmplice de nossas verdades. No conto *Michê: mon amour*, Thomazini nos resgata e devolve todos os personagens à realidade fatídica, onírica, escatológica ou simplória de suas essências:

Os primeiros raios de sol invadiram a cortina vermelho-empoeirada da janela aberta do quarto 32 da velha, famosa e, agora, decadente Pensão Marina no final da rua. O corpo do jovem tingiu-se então de uma tonalidade rosada, quase sagrada e imaculada, deixando-o ainda mais belo. A leve brisa da manhã que adentrava, tímida e convidativa, o ambiente, eriçou-lhe os pelos das nádegas descobertas. Nádegas estas conhecidas das noites ocultas, apalpadadas, explora-

das e pagas por seres perdidos, personagens efêmeros das madrugadas regadas à sacanagem, drogas e melodias aleatórias. [...] Mas aí sempre se lembrava do pai. Que era sempre noite nas suas recordações (“Acho que é por isso que só durmo com o dia amanhecendo.”). A repulsa! As mãos grossas que o apalpavam de madrugada, a penetração forçada, seca. O medo de contar. Segredo marcado na carne como uma tatuagem invisível, mal feita. “E se eu falar para a mamãe? Medo. Tenho medo! Mamãe o ama tanto... mais do que a própria vida!” (THOMAZINI, 2012, P.33-35).

É angustiantemente sedutor esse universo criado pelo autor. Mas quando pensamos que vamos concluir pela decadência do homem Thomaziano, encontramos tantos outros entretidos com um último rastilho de humanidade, em diálogos que não nos parecem apropriados, mas que certamente nos ameaçam com certa proximidade. No conto *Inês ainda é viva (declaração de amor)* é assim que nos vemos em cada personagem de Thomazini: numa constante percepção de que, de alguma forma, suas histórias nos tocam suave ou contundentemente:

Suas pernas inquietas, roçantes tal brisa, contra e entre as minhas... E no leito dos amores que ainda adormecem, a estranha e deliciosa sensação de reconhecimento mútuo. E não posso tomar-lhe os lábios em público para um beijo desvairado e prensá-lo em meu peito. E muito me aflige as dores que sinto quando teus olhos afagam os meus e nada posso fazer. Oh! Quão malditas são a ignorância e a intolerância de uma sociedade que adoece e define. (THOMAZINI, 2012, p. 65)

Thomazini nos confronta com histórias doces e sádicas; leves e pesadas, mas sempre nos preparando a alma para algum desfecho insólito, inabitável, inexplorado ou apenas ignorado. O autor mistura bem pudores e suores; gozos sonhados ou aqueles com textura. Em *Boy*, enxergamos essas sensações:

Ato consumado, consumidos, corpos entrelaçados, coxas macias, suadas, a brisa que o mar de Copacabana lhes trazia como que extensão das carícias momentaneamente cessadas após o gozo visceral, o mútuo arrepio, o abraço que normalizava, aos poucos e sem pressa, as respirações afogues. (THOMAZINI, 2012, p.56)

Aqui, neste livro de estreia, Thiago Thomazini mostrou que estilo se aperfeiçoa com caneta e boemia, sobre mesas ou camas, variando as vias de seu desejo quase inefável pelo sexo como amor – pode ser o amor no sexo também.

5.14 Mário Faustino

Soneto Antigo

Esse estoque de amor que acumulei
Ninguém veio comprar a preço justo
Preparei meu castelo para um rei
Que mal me olhou, passando, e a quanto custo...

Mário Faustino integra o grupo daqueles escritores que tiveram sua sexualidade obscurecida pela crítica literária. Novamente a questão da sexualidade e da homotextualidade se alinham para repensar o fazer poético de grandes nomes da literatura. Aqui fica o registro de um dos maiores críticos literários do Brasil.

A poesia de Mário Faustino é um repositório de referências aos poetas gregos, inclusive com registros na língua grega. O contato com uma literatura diversificada permitia que ele criasse poemas de difícil acesso. Mas isso não tornava sua poesia menos deliciosa. *O Homem e sua hora* representa este rebuscamento poético influenciado por sua compulsão literária pelos clássicos. O livro foi publicado em 1955, divide-se em três partes: “Disjecta Membra” (do latim, membros dispersos), “Sete Sonetos de Amor e Morte” e “O Homem e Sua Hora”.

O homoerotismo – bem com a tríade vida-amor-morte – é frequente na obra do poeta. Em sua mais célebre obra, *O homem e sua hora*, Faustino vai desfilar um conjunto de poemas que usam da metáfora para revelar dores e amores impossíveis, como no poema Romance:

Para as Festas da Agonia
Vi-te chegar, como havia
Sonhado já que chegasses:
Vinha teu vulto tão belo
Em teu cavalo amarelo,
Anjo meu, que, se me amasses:
Em teu cavalo eu partira
Sem saudade, pena ou ira;
Teu cavalo, que amarraras
Ao tronco de minha glória
E pastava-me a memória,
Feno de ouro, gramas raras.
Era tão cálido o peito
Angélico, onde meu leito
Me deixaste então fazer,
Que pude esquecer a cor
Dos olhos da Vida e a dor
Que o Sono vinha trazer

Tão celeste foi a Festa,
 Tão fino o Anjo, e a Besta
 Onde montei tão serena
 Que posso, Damas, dizer-vos
 E a vós, Senhores, tão servo
 De outra Festa mais Terrena –
 Não morri de mala sorte,
 Morri de amor pela Morte.
 (FAUSTINO, 2009, p.69)

Como visto antes, alguns estilemas, temas ou marcas textuais de homotextualidade são comuns em autores que versam sobre sua sexualidade de forma camuflada. Vida e morte se alternam na impossibilidade de viver de forma completa seu amor.

Mas podemos falar também do outro lado de Mário Faustino: sua verve como crítico literário, como responsável por uma coluna no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, na qual discutia a produção e a crítica literária. Em *Mário Faustino De Anchieta aos Concretos*, a organizadora Maria Eugenia Boaventura faz um apanhado documental de todas as publicações do suplemento. Sob a epígrafe de *Poesia-Experiência*, Faustino construiu uma maneira própria de realizar a crítica literária. Ele criticava até mesmo o trabalho de poetas consagrados como Manuel Bandeira; este em represália escreveu um poema indecoroso que deveras enlameou o oponente. A crítica feita a Bandeira compilada por Maria Eugênia Boaventura dos trabalhos de Mário Faustino:

Um de nossos melhores tradutores (salvo o mau gosto de certas escolhas: Langston Hughes (?), etc.). Promove poesia. Encarna-se entre nós. Mas tomou (e dificilmente poderá ter sido de outra maneira: os Hugos são raros), já há bastantes anos, uma vereda lateral. Publica de quando em quando um poema engraçado, até mesmo para variar um bom poema a sua moda. E de quando em quando um poema lamentável. (FAUSTINO, apud BOAVENTURA, 2003, p.472)

E a resposta de Bandeira:

MÁRIO FAUSTINO
 [Manuel Bandeira]

Mário Faustino de Veras
 Se és deveras veado
 Por que não assinas logo
 Pra quem dás ou pra quem deras
 Ou darás, Faustino amado:
 Em vez de Mário Faustino,
 Mário de Veras Veado? (BUENA, 2004, p. 230)

Mas Mário conseguiu se firmar como intelectual e crítico respeitável. O suplemento contemplava poetas renomados bem como os novos poetas, na coluna “Poeta Novo”.

Neste livro, Boaventura faz uma organização das críticas obedecendo a um cronograma dos movimentos literários que se observaram no Brasil. Sua crítica abrangeu os poemas do período colonial; entre os escritores representativos destaca-se José de Anchieta. Adentrou os poemas modernistas, revelando seu verdadeiro apreço por Cecília Meireles e João Cabral de Melo Neto. Ele era claro em suas depreciações, não medindo palavras para registrá-las. Passou então pela Geração de 45, a qual repudiou alguns trabalhos e deblaterou acerca da falta de profissionalismo de alguns representantes desse período. Na coluna “Poetas Novos” deu espaço aos poetas desconhecidos, de cuja era entusiasta. Quanto ao Concretismo, o qual anunciou como o acontecimento necessário para livrar a Literatura do “marasmo discursivo sentimental”, abraçou com todas as forças a produção de Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos.

Enfim, para aqueles – e não somente estes – que promovem a análise e crítica literárias, a leitura deste compêndio histórico empreende um apanhado minucioso do trabalho de um jovem piauiense que soube bem apurar de forma lúcida as contribuições da poesia em sua época. A compilação da organizadora traz à tona a memória de um dos mais importantes críticos brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de uma plateia, numa feira que se intitulava a 1ª Feira LGBTTT do Brasil, na qual se discutia autores e editores de literatura gay, várias questões antecederam a minha fala. Teorizar sobre uma estética assumidamente gay, sobretudo diante um público leitor, é teorizar sobre mim mesmo; sobre a experiência de ser gay; ser escritor de literatura gay e – como diria Bourdieu – ser agenciador (editor) de um produto cultural.

Uma tarefa um tanto quanto fácil, pois advogar uma literatura gay é tomar de empréstimo as contribuições dos estudos culturais; dos discursos pós-colonialistas e, especialmente da crítica literária feminista. Seria deveras fácil convencer, ou pelo menos, discutir sem acaloradas manifestações acerca da existência de uma escritura própria, verbalizada numa tropologia de pessoas, lugares, situações, experiências, anseios, direitos e amores compartilhados. Tarefa difícil seria convencer um historicismo presente que rechaçou por muito tempo uma experiência literária gay de forma autêntica e independente.

O desafio se iniciou, por incrível que pareça, com o colega de mesa, ao meu lado, que se insurgiu contra a compartimentalização de uma literatura denominada gay. Então, o que parecia fácil de argumentar tornou ainda mais preocupante minha tentativa de convencimento.

Por esta razão, a proposta aqui nessa dissertação de mestrado é discutir, e não somente registrar, a literatura gay como possibilidade. O intuito se enverga sobre a existência de uma escrita própria, ou uma *homographesis*, como alcunhada por Lee Elderman; e por um mercado de consumidores, que segundo a teoria do sistema literário de Even-Zohar, assumem seus papéis numa cadeia ontológica.

Sem corpus delimitado, senão uma teia tecida de empréstimos e leituras absorvidas durante anos, e, principalmente, durante o primeiro semestre do mestrado, delimitei esta pesquisa priorizando os estudos contemporâneos sobre uma grafia gay; uma autoria gay; e um desejo homosocial (Sedgwick, 1995). Ademais, foram usados como fio condutor teórico os trabalhos do Professor Antônio de Pádua Dias da Silva por se debruçar em Literatura e Estudos de Gênero. Por esta razão, o título/tema desta pesquisa utiliza as “narrativas do eu”: porque foi teorizando o testemunho, o autobiográfico, a autorrepresentação; e, sobretudo, o somatório semântico destas, que se pretendeu atingir a composição de uma narrativa de cunho homoafetivo. Permaneceo cômico de que uma Literatura Gay exige leitura política, inclusiva, pois problematiza questões intrínsecas e exteriores a um postulado homoafetivo.

Para tanto, trabalhei no capítulo inicial, a postura de nossa Literatura tida como universal, canonizada pelas mãos de homens (escritores, agenciadores, críticos literários) que escreveram esta história literária. O contraponto por si só se estabelece diante dos fatos elencados pelos detentores do poder econômico e, por conseguinte, controladores dos bens culturais.

Numa segunda parte, nos infiltramos pelos meandros de uma ocultada literatura gay, trazida à tona como elemento de prova contra uma conduta não aceita, tal qual aconteceu com Oscar Wilde, cuja condenação foi fundamentada sobre, entre outras provas, seu livro *O retrato de Dorian Gray*. No entanto, o resgate histórico serve para ilustrar a existência pela persistência, a priori, da procriação filosófica com base na cultura helênica, para a posteriori, se firmar como uma literatura que ousou dizer seu nome.

Apropria-se, ainda este estudo, das contribuições de Foucault em relação à teorização de sua subjetividade. Suas narrativas de si servem para ultradimensionar uma postura individual com vistas a alcançar o subjetivismo de uma comunidade inteira, partindo de uma necessidade de compreensão interior para filosofar sobre uma questão maior de identidade sexual homossexual.

Tais identificações agregam grupos e pensamentos. As narrativas de si são o esteio para o reflexo de uma escrita específica; de uma homotextualidade (LOPES, 2002) que estrutura temas, lugares, experiências gays e lésbicas.

Por fim, a presente pesquisa registra as editoras e seus autores, que publicaram suas obras sob a égide de uma postura política de ratificar uma Literatura Gay. Esse mapeamento de obras e autores, entre blogues e sites pessoais, comprova uma existência teleológica para um considerado mero nicho gay mercadológico. Serve para retificar o historicismo heteronormativo, e serve para confirmar a presença de uma literatura gay profícua e de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ALÓS, Anselmo Peres. *Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer*. In Estudos feministas/Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. -v.7,n.1-2,(199), p. 837 a 864. Florianópolis: UFSC, 1999.

ARAÚJO, Ana. *A personagem do romance contemporâneo de autoria feminina: vozes paranaenses*. 2º CIELLI, 2012. Disponível em http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/1901_arq_1.pdf. Acesso em 20/01/2013

ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BORDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BROWN, Betti. *Pecados safados*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1995.

BUENO, Alexei. *Antologia pornográfica: de Gregório de Matos a Glauco Mattoso*. Nova Fronteira, 2004.

CAPUCHO, Luis. http://luiscapucho.blogspot.com.br/2007_01_01_archive.html, acessado em 12/09/2012)

COUTINHO, Fernanda. *Pierre Bourdieu e a gênese do campo literário*. Rev. de Letras - N. 25 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2003 p.53. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art09.pdf> . Acesso em: 28 set. 2012.

COSTA, Rafael Martins. Disponível em: <http://www.joaogilbertonoll.com.br/ResenhaA-cenosEafagos.pdf>. Acesso em 12/07/2012

COSTA, Maurício Alves Da. Teoria do Polissistema: do folhetim ao Blog, o polissistema literário brasileiro sob a interferência da Internet. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, 2007.

De OLIVEIRA, Ubiratan. *O polissistema Literário Proposto por Even-Zohar*. Capa v. 10, n. 24 (1996). UFR- GS. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/28688>. Acessado em 17/12/2012).

DIAS, Roberto Muniz. <http://www.historiagora.com/revistas-anteriores/historia-agora-no12/64-resenha/303-trinta-anos-depois>. Acesso em 18/04/2012

_____, Roberto Muniz. <http://www.euleioseulivro.wordpress.com>. Acesso em 12/06/2012.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Walternsir Dutra; 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

EVEN-ZOHAR, Tamar. *Poetics Today: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*. Polysystem Studies. 1990,1997.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*; tradução de Procópio Abreu; editor José Nazar. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FAJARDO, Elias. *Resenha de São Sebastião Blues*. <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2012/12/22/resenha-de-sao-sebastiao-blues-de-myriam-campello-479632.asp>

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento e prisão*; tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREITAS, Mirian. *A Literatura da era digital*. In: Revista Literatura. São Paulo, n.28, p. 24-29,2010.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. EdUSP. São Paulo,1985.

HEE, Carlos. *A via crucis do escritor gay*. Revista Cult, São Paulo, v.1, p. Março. 2003. <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-via-crucis-do-escritor-gay/>

HOLLANDA, Heloisa. <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/sexualidades-pos-modernas/>, acessado em 12/09/2012

http://www.noovhaamerica.com.br/autores/mario_rudolf.htm

http://pt.wikipedia.org/wiki/Gregory_Woods, acessado em 18/0/2012

(<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/sexualidades-pos-modernas/>, acessado em 12/09/2012

LEAL, Virgínia Maria. *As escritoras contemporâneas e o campo Literário Brasileiro: Uma relação de gênero*. Brasília. UnB, 2008. 27 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, 2008.

_____, Virgínia Maria. Editora Malagueta: *Campo literário e Identidade Lésbica*. In Revista Cerrados. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Palavra e Po-

der: representações na literatura feminina (II). N.32. UnB. 2011.

LOBATO, Eliane, in: <http://www.joaogilbertonoll.com.br/res19.htm>. Acessado em 17/12/2012.

LOPES, Denílson. *No coração do mundo: paisagens transculturais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

_____, Denílson. *O Homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MENEZES, Gladstone Machado de. *Histórias Desagradáveis*. Brasília. LGE, 2010.

MOSCOVICH, Cíntia. *Duas iguais*. Porto Alegre, L&PM, 1998.

_____, Cíntia. *O reino das cebolas*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

MOTT, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Ed. Record, São Paulo. 2003

NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. *Bourdieu & a educação*. Belo Horizonte. Autêntica. 2004.

OLIVEIRA, Gean. *Livro Aberto: já são quatro editoras no Brasil dedicadas aos livros de temática homossexual*. Revista Junior. Ano 5, ed. 41, julho de 2012.

OLIVEIRA, Marcos de Jesus. *Lugares e entre-lugares do desejo: Literatura e experiência homoerótica em João Gilberto Noll*. Brasília, UnB, 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, 2008.

Retratos da Leitura do livro no Brasil: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>.

RICH, Adrienne. *Compulsory heterosexuality and lesbian existence*. Disponível em: <<http://www.terry.uga.edu/~dawndba/4500compulsoryhet.htm>. Acesso em 12/12/2009.

SCHWANTES, Cintia. *O autoritarismo em Duas Iguais*. Disponível em: http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/5023/1/ARTIGO_AutoritarismoDuasIguais.pdf. Acessado em 20/01/2013.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SEDGWICK, Eve. *A Epstemiologia do Armário*. In: Cadernos de Pagu.(Dossiê: Sexualidades Disparatadas Local: UNICAMP, 2007, p. 19-54.

SILVA, A. P. D. (Org.) ; CAMARGO, Flávio Pereira (Org.) . *Configurações homoeróticas na literatura*. 1. ed. São Carlos - São Paulo: ClaraLuz, 2009.

SILVA, A. P. D. *Especulação sobre uma literatura de temática gay*. In:_____ (Org.). Aspectos da literatura gay. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008, p.25-50.

SILVA, A. P. D. (Org.) *Literatura Contemporânea e Homoafetividade*. Realize Editora. João Pessoa, UFPB, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros (consulta: 28/07/10)

SIPRIANO Moa. <http://editoraescandalo.com/site/entrevista-moa-sipriano/>, acessado em 12/09/2012)

THOMAZINI, Thiago. *Variáveis vias do desejo*. Porto Alegre: Editora Escândalo. 2012

TREVISAN, João Silvério. *Para além do gueto*. Revista Cult, São Paulo, v.1, n.66, p. 32-33 Março. <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-via-crucis-do-escritor-gay/>

TÓIBÍN, Colm. *Amor em tempos sombrios*. Trad. Cordélia Magalhães. São Paul: Arx, 2004.

WEEKS, Jeffrey. *Introduction to Guy Hocquengham's Homosexual Desire*. In: RIVIKIN, Julie and RYAN, Michel (eds). *Theory of Literature: an Anthology*. Oxford: Blackwell, 1998 p.692-693.

WERNECK, Humberto. *Entre os dois Andrades houve amor e desunião*, Folha de São Paulo, 26.9.93 p.7.

VIANA, Fabrício. *O Armário: vida e pensamento do desejo proibido*. Editora Fabrício Darlan Viana. São Paulo. 2007

ANEXO 1

mercado
em expansão

LIVRO ABERTO

Já são quatro as editoras no Brasil dedicadas aos livros de temática homossexual

Editoras segmentadas no público LGBT chegaram ao mercado para ficar e prometem diversificação de títulos e autores

O livro "Bom-Criado", escrito por Adolfo Caminha, em 1895, foi a primeira publicação de toda a história ocidental a retratar um personagem homossexual. Ignorado pela crítica da época, o livro tornou-se um fenômeno de sucesso graças ao seu conteúdo erótico e ao seu ambiente social, com direito a descrição de sexo e erotismo.

De lá para cá, a mesma história se repete, o mercado editorial brasileiro cresceu e contabiliza 409 editoras, totalizando R\$4,5 bilhões anuais, de acordo com o último censo do Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Mas esse crescimento ocorreu pouco receptividade a autores e títulos de temática LGBT.

Atualmente, nesse processo, editoras segmentadas começaram a surgir, o que levou a um boom nos últimos cinco anos. Hoje, quatro nomes são destaque por levar a diversidade ao mercado: Edição GLS, Metamorfo, Beldade e Beldade Mágica.

Mais do que se tratar de uma nova tendência, as quatro editoras estão cada vez mais preocupadas em oferecer novas publicações, oportunidade para novos escritores e a partir da demanda crescente de leitores, gays, lésbicas, travestis e transgêneros que desejam ler sua cultura refletida nos livros e conhecida pelos leitores.

(EDIÇÃO GLS)

O site foi criado em 1998 pela Grupo Editorial Sarmiento de referência LGBT, que procurava obras que abordassem seus problemas, dilemas e conquistas. A Edição GLS se tornou o primeiro espaço para dar voz aos autores que se propunham a escrever ficção com temática trans, bi ou travestida. Em seu aniversário de 10 anos, a editora celebra uma reflexão em sua trajetória e passou a investir em mais autores nacionais, produzindo livros que agradam tanto aos gays quanto aos heteros.

"Nossa política é bem definida, sem poder de coturno e sem o que quer. Com certeza não são apenas gays, lésbicas, transgêneros ou travestidos que se interessam pelos livros da Edição GLS. Afinal, a ideia que dá nome à editora significa gays, lésbicas e simpatizantes. Qualquer um pode ser simpático: pais, amigos, parentes e os próprios leitores que prestam apoio à diversidade sexual", conta a editora Sônia Cruz.

A Edição GLS conta com mais de 60 obras publicadas, títulos que incluem a autobiografia "A Florada e a Segredos da Identidade: Por um

www.grupommo.com.br/edg

seu primeiro livro publicado por uma editora de temática gay. "O site sempre enfrentou muito preconceito e que sempre enfrentou a censura até no próprio site. Mas duas grêmios lésbicas do que a GLS pensou, decidiu-se que havia uma proposta de uma e uma vez mais para que se tornasse a que, no futuro, se tornasse por alguns pontos. Isso exemplo de trabalho de preconceito, todos os livros são vendidos mais na internet do que nos pontos físicos", explica Sônia.

De todos os de nome e que de todos a lista de autores e biografias. "Um dos livros de maior sucesso é O que é a vida real sobre a vida e sexualidade, de David Hume e de Entre os livros vendidos estão: Tempo transverso, Apartamento 41, Tempo afirmativo e No presente e o próprio, conta a editora. A GLS ainda tem quatro títulos planejados em e-book, da série O que é a vida, Por duas semanas que mais amor. Um abraço ao meu e No presente. A lista é dependente de toda a catalogação a final de 2013.

76 | JORNAL



[METANIA] www.metaniasdicielo.com

Segredista em suas páginas críticas, a editora Metania nasceu em novembro de 2008, a partir do desejo brasileiro de atrair leitores e ampliar o debate político para LGBT. “Um dos nossos objetivos é desafiar a leitura habitual criada por os gays, lésbicas e bissexuais — julgo de suas famílias, com valores religiosos e valores por contato um falso discurso religioso”, explica Lúcia Carvalho, editora e fundadora da Metania.

“Metania é uma publicação que quer criar um espaço para uma forma de pensar que se chama de ser completo”. Entre os títulos que marcaram a trajetória de editora estão *Crônicas de um Páster Gay*, *Barquinhos do Exaltado*, *Podre e Bêbado*, *Quê? Proibido Amar* e *Atos Caladinos de Amor* — título de um comediante de rito. “A realidade com respeito em nossa cultura religiosa é fundamentalmente errada e por isso a necessidade de uma que possa mostrar o quanto os fatos discorrem das realidades fundamentalistas”, explica ela sobre a importância do trabalho de Metania.

Lúcia aponta também a falta de editores LGBT não é um segredo que sempre entendi, e sei que houve um tempo em que considero no mercado por não ter vindo de estudar uma discussão e se autodeclarar como lésbica ou gay, como os *Salvos da Diversidade*, promovido pela editora Regina Malageta, que tinha com a participação dos autores informacionais.

[ESCÂNDALO] www.editoraescandalo.com

A situação de escândalo de publicações nos grandes meios que gerou nos últimos anos, a editora Escândalo, fundada por Roberto Horta e Sandra a editora Escândalo em 2011. “Trabalhamos de editores independentes com uma perspectiva sempre em meio público e digital”, conta Sandra. “Mas também um foco de tematização mais amplo. Geralmente temos editores independentes pouco conhecidos, já tem um espaço dedicado à literatura LGBT, assim como a literatura religiosa e política”, acrescenta.

Para completar um ano, Sandra, que trabalha com romances, contos, poemas, ensaios e ficção infantil, encontra-se em meio de um projeto de criação de grandes obras de literatura, como a *Trilogia de São Paulo* da Escândalo, a publicação de como *Relatos de Escândalo* em uma série de livros após dois meses de lançamento. “Por isso, precisamos a necessidade que a publicação de uma obra tenha um público leitorado, e não seja só para o público LGBT”, conta Sandra. Com a sua editora, ela prepara um espaço de trabalho com o público de novos conteúdos. “A Escândalo busca se desenvolver e colaborar com o público de leitores. Temos a *Casa de Mariana*, e as obras *Relatos de São Paulo*, de Sérgio de Souza, e *Adieu a Rita*, de Roberto Horta. Em agosto lançamos a *Escândalo* LGBT, com novos títulos de livros de literatura.

[MALAGUETA] www.editoramalageta.com.br

De Petrópolis para Petrópolis, a editora Regina Malageta nasceu de formação da editora Lúcia Carvalho e de sua companheira Maria Tereza, de uma experiência de trabalho e relacionamento com a comunidade LGBTQ. “Um dos nossos objetivos é desafiar a leitura habitual criada por os gays, lésbicas e bissexuais — julgo de suas famílias, com valores religiosos e valores por contato um falso discurso religioso”, explica ela sobre a importância do trabalho de Metania.

Entre os títulos que marcaram a trajetória de editora estão *Crônicas de um Páster Gay*, *Barquinhos do Exaltado*, *Podre e Bêbado*, *Quê? Proibido Amar* e *Atos Caladinos de Amor* — título de um comediante de rito. “A realidade com respeito em nossa cultura religiosa é fundamentalmente errada e por isso a necessidade de uma que possa mostrar o quanto os fatos discorrem das realidades fundamentalistas”, explica ela sobre a importância do trabalho de Metania.

Lúcia aponta também a falta de editores LGBT não é um segredo que sempre entendi, e sei que houve um tempo em que considero no mercado por não ter vindo de estudar uma discussão e se autodeclarar como lésbica ou gay, como os *Salvos da Diversidade*, promovido pela editora Regina Malageta, que tinha com a participação dos autores informacionais.

ANEXO 2

Informações retiradas do site da editora GLS:

<http://www.gruposummus.com.br/edgls/historia>

As Edições GLS têm orgulho de participar desse movimento de respeito à pessoa – não importando sua orientação sexual, suas crenças religiosas, sua etnia, sua nacionalidade – que tem caracterizado os países mais avançados do planeta.

Temos orgulho de publicar livros dirigidos a minorias sexuais incentivando a autoestima, a liberdade interna, a expressão da identidade legítima e natural de cada um. E ficamos honrados em receber de tantos familiares, amigos, professores e terapeutas de homossexuais e transgêneros o apoio por terem encontrado informações claras e não discriminatórias a respeito das pessoas que amam.

Temos orgulho de defender, com insistência, a convivência pacífica e tolerante entre todos os grupos, facções, tendências e preferências de nossa rica e variada sociedade.

catálogo

ATUALIZADO EM MARÇO DE 2012

OS PREÇOS SUGERIDOS PARA MONTA AO PÚBLICO ESTÃO EM VIGOR DESDE 1/3/2012, PODENDO SER ALTERADOS SEM PRÉVIO AVISO.

GLS 2012

As Edições GLS fazem parte de algo muito novo no Brasil: o movimento de igualdade para minorias sexuais. Pela primeira vez em nossa história, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais estão indo – as centenas de milhares – às ruas para se expor, para se afirmar como visível minoria, para exigir ser tratados como quaisquer outros cidadãos brasileiros. Pela primeira vez, abre-se espaço em nossa cultura para que cineastas, escritores, jornalistas, sociólogos produzam e veiculem obras livres de preconceito contra as minorias.

As Edições GLS têm orgulho de participar desse movimento de respeito à pessoa – não importando sua orientação sexual, suas crenças religiosas, sua etnia, sua nacionalidade – que tem caracterizado os países mais avançados do planeta. Temos orgulho de publicar livros dirigidos a minorias sexuais incentivando a autoestima, a liberdade interna, a expressão da identidade legítima e natural de cada um. E ficamos honrados em receber o apoio de tantos familiares, amigos, professores e terapeutas de homossexuais e transgêneros por terem encontrado informações claras e não discriminatórias a respeito das pessoas que amam. Temos orgulho de defender, com insistência, a convivência pacífica e tolerante entre todos os grupos, facções, tendências e preferências de nossa rica e variada sociedade.

44 | GLS

edições GLS

ADEUS, MARIDOS

MULHERES QUE ESCOLHEM AMIGOS
Deborah Albee e Ellen Foster (ed.)

Muitas mulheres se casam com homens, têm filhos e, de repente, se descobrem apaixonadas por outra mulher, abandonando tudo para viver conforme a paixão. Este livro reúne relatos verdadeiros, inclusive o da conselheira Carmen Meyer, sobre a firme amizade em dúvida.

R\$ 32,00 R\$ 37,50

ISBN 85-88755-03-4



AS AVENTURAS DE UM GAROTO DE PROGRAMA

Phil Anshel

Escrito por um professor de literatura após uma vida de atividades casuais — até mesmo fazer viagens em maternários —, estas histórias contam os encontros casuais e amorosos de Phil, um homem inteligente e bondoso que faz uso de sua sensibilidade mediterrânea para ganhar a vida.

R\$ 32,00 R\$ 37,50

ISBN 85-88755-04-0



ANATOMIA DA NOITE

Mário Diádi

"A noite tem uma dinâmica própria, uma anatomia", afirma o protagonista desta narrativa cujo outro personagem central é justamente ela, a noite, com suas promessas de prazer, sua ganância de encontros e descobertas, e seu uso capcioso no qual sempre saltemos com a expectativa da novidade. Penetraramos as suas e acabamos de abrir a primeira janela, pontualmente às 12h. Mas não sabemos da presença Mário Diádi.

R\$ 32,00 R\$ 38,00

ISBN 85-88755-05-1



BALADA PARA AS MENINAS PERDIDAS

Vagner Leonel

Imagine se Peter Pan, Wendy e Tinkerbell fossem lobos e a noite se tornasse uma metrópole, e a fênix do Brasil uma boate de moda cheia de meninas perdidas? Nesta divertida releitura da clássica história, o novo livro de Vagner Leonel retrata a vida-diária de jovens lobos modernos com toques de romance, música eletrônica, ficção, fantasia e muito, muito mais. Impossível.

R\$ 32,00 R\$ 38,00

ISBN 85-88755-07-0



APARTAMENTO 48

Rafael Luz de Carvalho

Depois de quinze anos de casamento, Leonardo decide sacrificar sua vida inteira a fim de descobrir novos sentimentos e uma identidade verdadeira. Excluído dos padrões estabelecidos pela sociedade, o personagem deve enfrentar conflitos comuns a todos nós — Como encontrar "novos parceiros" que sejam frequentes? —, acurados pelo preconceito e pela falta do contato diário com o filho de cinco anos.

R\$ 32,00 R\$ 38,00

ISBN 85-88755-04-4



CACATIZES E TATUAGENS

Felipe Albor

Fábio é um garoto incomum que leva uma vida comum. Não porque não lhe foi imposta, mas porque é confortável. Mas porque é possível. Tem 4 best-friends, dois amigos, dois colegas. Mas o amor e leva a procurar caminhos que podem, entre outras complicações, mudar sua visão do mundo. Fábido, amigado, sofrimento e mais amor quase adolescente mostram que a vida pode parecer muito diferente.

R\$ 32,00 R\$ 38,00

ISBN 85-88755-07-1



ACOSTUMANDO OS UNICÓRNIOS

Carmen Gays

Lorenice Solimé

De um dos maiores gays mais famosos nos EUA, histórias de homens que fazem não só sexo como amor com seus parceiros, que tornam de maneira quente e sensual mas também se apaixonam e moram juntos. Finalmente um relato do que realmente ocorre nas grandes cidades fora das ruas e portas de peçoço.

R\$ 32,00 R\$ 38,00

ISBN 85-88755-08-4



CINE ARCO-ÍRIS

COM NÓS DE CINEMA LGBT NAS FILAS BRASILEIRAS

Steven Leitch

Estude com os filmes em que a maioria fica com a maioria. Cin que a maioria é mas e o menino é bom? Das está longe da sua realidade? Seus dias de filmes chatos acabaram? Neste pequeno guia, os meninos chegam e falam com os meninos, os meninos ouvem e falam nos meninos, homens e mulheres acabam juntos. E, além também nos filmes de história, catálogos de filmes e muito mais.

R\$ 32,00 R\$ 38,00

ISBN 85-88755-08-4



ASTROLOGIA PARA GAYS E LÉSBICAS

Um Guia Divertido

Estela Bette Leite, com ilustrações de Márcio Bonaldi

Finalmente um guia dos signos para quem não é hetero! Agora você não precisa fazer malabarismos de interpretação ao ler como o homem de Áries se entende com a mulher de Leão: agora pode descobrir a identidade com outros catálogos de Márcio Bonaldi, o homem de Áries se junta ao homem de Leão, e a mulher de Aquário com a mulher de Libra. Prepare-se para ler e entender a sua alma.

R\$ 32,00 R\$ 40,00

ISBN 85-88755-07-6



COMO ACABAR UM MARIDO

Versão gay

Patrick Piny, com ilustrações de Márcio Bonaldi

Tudo gay dia que vem com o príncipe encantado, mas aí não precisa ter os lugares mais impressionantes de tal um relacionamento sério, como seives e beijos. Nesta livro-humorado história do comportamento gay urbano, o autor dá dicas para como encontrar — e manter — um marido gay.

R\$ 32,00 R\$ 40,00

ISBN 85-88755-08-5



AUTO-ESTIMA PARA HOMOSSEXUAIS

Um Guia Para o Amor Próprio

Gerson R. Harrell

Homens e mulheres homossexuais, acostumados ao não, precisam fazer um esforço extra para sua autoestima para compensar as mensagens negativas recebidas ao longo de anos, da sociedade, da escola e da família. Este guia ajuda cada um a responder a sua alma.

R\$ 32,00 R\$ 40,00

ISBN 85-88755-07-4



DA VIDA DOS PÁSSAROS

Amador Riboni

Linhas designadas, alguns jovens são como os pássaros: presos de no seu amor próprio e um amor. Este livro conta a história de dois jovens, um norte-americano e um brasileiro, e suas descobertas na América do Sul dos anos 1970: o amor, a arte, as drogas e a amizade. Um dia de passagem na melhor estilo "on the road".

R\$ 32,00 R\$ 40,00

ISBN 85-88755-08-7



edições GLS



DESCLANDESTINIDADE

Um homossexual, recluso contra sua história
Pedro Vinícius

Um rapaz conta como descobriu sua sexualidade e assumiu o amor por outro homem, enfrentando inclusive o preconceito da instituição religiosa onde trabalhava.

R\$ 20,02 R\$ 30,00 ISBN 85-86755-17-1



AS HEROÍNAS SAEM DO ARMÁRIO

LITERATURA LÉSBICA CONTEMPORÂNEA
Júlio Picon

Os romances lésbicos produzidos atualmente não são fruto de subliteratura, mas de penitência: costumam ser ignorados tanto pela crítica quanto pelo mercado. Para preencher essa lacuna, Júlio Picon analisa cinco romances escritos por e dirigidos a lésbicas. Seu objetivo é lembrar um romance, na forma de cartas que a personagem envia a amigos e professores sobre sua orientação sexual.

R\$ 30,08 R\$ 40,40 ISBN 85-86755-00-9



DIFERENTES DESEJOS

ACOLHIMENTOS HOMOSSEXUAIS
Cláudio Picon

O autor, psicólogo com especialização em sexualidade, tira as dúvidas mais comuns que já ouviu, dá exemplos práticos de acolhimento e aponta o que é preconceito do que é não problema. São suas experiências, de quem acredita que todos, e não a maioria, têm direito à felicidade, não importa a forma.

R\$ 30,00 R\$ 40,00 ISBN 85-86755-29-5



JULIETA E JULIETA

Pótema Mesquita

A primeira paixão com o calor da paixão e gosto de rum. Uma menina descobre a vida nos bares e boates na companhia de uma colega assumida. Duas mulheres contemporâneas descrevem suas jornadas românticas entre lésbicas, com saber de pele de quanto falta, dizem e muita mais.

R\$ 30,13 R\$ 35,40 ISBN 85-86755-13-5



ENTRE MULHERES

DEPOIMENTOS HOMOSSEXUAIS
Júlio Picon

Este livro traz depoimentos de mulheres lésbicas e bissexuais de várias idades, profissões e classes sociais. Os temas são variados: relações familiares, parentais, religiosas, trabalho e preconceito. Trata-se de relatos vivos da experiência de cada uma dessas mulheres, que deixam todo o conforto emocional do mundo convencional para viver a dura vida de homossexual em um país tipicamente machista.

R\$ 30,00 R\$ 44,00 ISBN 85-86755-52-1



LADO B

HEROÍNAS DE MULHERES
Júlio Picon

"Eu vi o melhor de si e vi, tinha andando com um colega, completamente machista. A roupa colando no corpo, mas não era tão vi. Foi a mesma pessoa, mas cabelos curtos, lisa e negra, fios de água que escorriam lentamente pelo rosto [...] histórias sensuais, interessantes, de mulheres que vivem suas amores por outras mulheres, sem medo, sem culpa."

R\$ 30,00 R\$ 35,40 ISBN 85-86755-59-1



ERA UMA VEZ...

CONTOS GÊNIS DA CRIANÇA
Márcio D'Almeida

É se quando estiverem em busca de histórias que perdem um pouco da sua fé? Se Magi estiverem procurando na internet um amor, talvez saibam do que é que tem na vida? E se alguém nunca fez um amor, talvez não saiba o que é o amor. Este livro traz histórias de amor de sete autores aqui você vai encontrar contos de amor como nunca viu na escola, sensuais, sensuais, modernos.

R\$ 30,00 R\$ 35,40 ISBN 85-86755-29-5



AS LÉSBICAS

Mitos e Verdades
Silvana de Azevedo

Este livro destrói as ideias preconcebidas sobre lésbicas que circulam em nossa cultura e sociedade à luz de informações recentes e atuais. Os temas são de preconceitos sobre identidade até concepções sociais. A autora aborda ainda a história da comunidade lésbica, as causas para que tenham se difundido, exemplos históricos e o que se vê hoje a respeito de lésbicas.

R\$ 30,00 R\$ 35,40 ISBN 85-86755-54-5



FAZ DUAS SEMANAS QUE HOU AMOR

E OUTROS CONTOS PARA MULHERES
Ana Paula D'Almeida

Prosa direta, sensível, sensível, primeiro de inteligência e bom humor. Assim se define o livro de Ana Paula D'Almeida. Em contos curtos e interessantes, a autora fala do cotidiano de mulheres que amam, desistem-se, tentam, perdem-se, descobrem-se, sentem-se, divertem-se, buscam-se. Livro quente.

R\$ 30,00 R\$ 35,40 ISBN 85-86755-44-0



A LITERATURA DA ESCURVA

E OUTROS CONTOS DE MULHERES
Márcio D'Almeida

O Rio de Janeiro é fascinante, na calor (devido entre outras em uma ficção ou na realidade) na neve em uma ficção mágica, personagens de variados estilos e ideias vivem o amor com naturalidade e sensualidade. Ao longo dos dois contos, que compõem este livro, mulheres desvotadas e se vão identificar, seja na TPM, seja nas dúvidas e tribulações, seja na paixão.

R\$ 30,00 R\$ 35,40 ISBN 85-86755-40-8



GRRRLS

GABRIEL RABAS
Pingo de Amor

A história conta, composta e autora da obra. A série de Grrrls conta aqui, com muita e muita compreensão de Grrrls, os variados aspectos da vida, da cultura e dos relacionamentos das lésbicas modernas.

R\$ 30,00 R\$ 35,40 ISBN 85-86755-27-3



VISITE NOSSO SITE
www.edgls.com.br

46 | GLS

edições GLS

LÔNCA CARTA PARA MILA

Andréa Diamond

"Agora estou finalmente para a boca de Paula, uma boca carnuda e feminina como a minha, que se aproximava cada vez mais e mais... Pô, tá não delicadamente na minha boca, com os dedos entre os meus cabelos, a mim mesmo. Novas línguas se movem e se movem de novo. É o melhor gosto que eu já senti na vida!"
Neste livro, Andréa Diamond conta a história fascinante de luta, autoconhecimento e amor própria vivida pela feminista GLS, uma mulher com tantas outras, com dilemas e sonhos.

R\$ 32,20

ISBN 85-86755-88-2



NÃO CALOR DE ZARZIBAR

Sexo gay na África

Alto von Meier

Jack Muller é um agente enviado em uma complicada missão para Zaribar, país em que a homossexualidade é rigorosamente proibida. No meio do império de los encontros ardentes durante suas aventuras, ele conhece o policial Konko Fawel, um negro belíssimo que o surpreende com o melhor sexo de sua agitada vida. Aventura é lá (e lá meo, bem gay, com muito sexo – sempre seguro! – em cada página).
R\$ 20,00 R\$ 34,20 ISBN 85-86755-38-1



LUA DE PRATA

Quando a paixão reconhece entre mulheres

Roberta Mello Souza

Assi Maria entra em choque ao descobrir a traição de sua mulher. No mesmo tempo, sua colega Mirella está se voltando com uma difícil separação de seu violento marido. As duas mulheres foram amigas e juntas tiveram suas primeiras paixões, o amor, o prazer e a felicidade.

R\$ 32,00 R\$ 42,30

ISBN 85-86755-23-4



NÃO PRESENTE

Mário El-Jail

Neste livro, o autor apresenta a história de um relacionamento com uma ligada igual, intensa e muito sensível, embora o maior desafio de sua vida: aceitar e entender a própria sexualidade. Acompanhada pelas histórias de outros jovens: a história de um jovem que, em grupo, o modo de se vestir, a "festa" contra os homens em destaque -, o livro faz descobertas-chave também compensadoras. Ideal também para pais e educadores.
R\$ 30,00 R\$ 38,40 ISBN 85-86755-31-4



MATERIA BÁSICA

Mário El-Jail

"Eu, 40 anos, ex-comitente de muitos grupos políticos, jornalista experiente, atriz cantando, colecionador de histórias, um Grande Amor desde que me conheci. Muitas aventuras imprevistas, viagens, viagens, agora apenas a distância como a um ponto seguro supremo. Eu, encantada a ponto de sentir a barreira de desconfiança por um menino de 23 anos, candidato a estagiário, com sonhos e olhos castanhos. Lamentável!" Assim se define o protagonista deste romance gay e inteligente. Letura imperdível.
R\$ 30,00 R\$ 38,40 ISBN 85-86755-42-2



MEU PRIMEIRO AMOR

A paixão entre duas mulheres

Lindsay Elder (ed.)

Mulheres contam como foi seu primeiro amor com outra mulher, em relatos sinceros e emotivos, despretensos e românticos. Desde adolescentes até mulheres de meia-idade, contadas com a melhor amiga. O livro especial da primeira história permite toda a página, através da linguagem em quem se lê.

R\$ 30,00 R\$ 38,40

ISBN 85-86755-13-0



OLHARES DE CLAUDIA WUNDER

Crônicas e outras histórias

Claudia Wunder

O livro da multimídia Claudia Wunder reúne textos, crônicas e histórias publicadas na mídia nacional. O compêndio apresenta o mundo criado e lido por ela, com, cinema, música, cultura e diversidade, mostrando a sofisticada diversidade criativa e crítica de uma leitura de mundo que cresce e evolui no mercado editorial brasileiro.
R\$ 20,00 R\$ 48,20 ISBN 85-86755-47-7



NA COMPANHIA DOS HOMENS

Rosendo Gar na cinco estações

Alexandre Ribeiro

Quanto começa a contar sua história que onde muitos outros brasileiros homens: na vida após a morte. Os homens aqui contam, vivem, trabalham e sofrem enquanto vivem intensamente a vida. De Rosendo Rosendo para ser ao longo da vida, suas memórias e experiências se entrelaçam com a presença de uma personagem-chave e pelo amor de Rosendo de homens por homens.

R\$ 30,00 R\$ 32,20

ISBN 85-86755-14-1



PAPAI, MAMÃE, SOU GAY

Um pai e uma mãe compreendem a orientação sexual dos filhos

Anna Rosenthal

Escrito por uma psicóloga e terapeuta com longa experiência em lidar com pais e filhos, este livro responde as inúmeras questões dos familiares de homossexuais. Repleto de exemplos e diálogos reais, o guia é essencial para o entendimento do preconceito, da sexualidade e da importância dos relacionamentos familiares.
R\$ 30,00 R\$ 32,20 ISBN 85-86755-11-1



NICOLA

Um romance transgênero

Daniel Aguiar

Um professor universitário studa, casado e com filhos, tem uma vida serena quando se encontra no espelho, vê uma mulher vagabunda e eventualmente apaixonado para se manifestar. Primeiro romance brasileiro a explorar a fluidez de gênero, Nicola acompanha um personagem que se transforma em uma linguagem vibrante e nada vulgar.
R\$ 30,00 R\$ 41,30 ISBN 85-86755-18-3



PARA A SUA JEREBÓ

Mário El-Jail

1998. O esticadote Caco está na vitrine de praça vestível, mas não sabe para que serve. Também está cheio de sua homossexualidade, mas não tem ideia de que fazer com ela. Diante dos homens em abalo, ele já não consegue mais diferenciar. Na duarte-folia de sua vida, com um tanto de culpa, um tanto de medo e muita verdade, os poucos Caco criou uma matemática própria para resolver suas questões.
R\$ 30,00 R\$ 41,30 ISBN 85-86755-34-4



POSTAL DE ALICE SPRINGS

Um romance entre mulheres

Oliver Simonetti

Judy Johnson, jovem cantora country em sua bela Austrália, sofre um acidente e tem de passar alguns dias em uma pousada no meio do deserto. Lá ela conhece Grace, uma italiana belíssima que trabalha com a família enquanto recupera de um casamento desastroso. As duas experimentam uma atração que pode mudar sua vida. O livro mostra que o amor entre mulheres também pode ter final feliz.

R\$ 5,00 15 38,40

ISBN 85-86755-15-4



A PRIMEIRA DANÇA

Horizonte de amor entre mulheres

José Carlos e Christine Cassidy

Uma mulher se envolve com uma guarda noturna, a recebe nos braços de uma dançarina e dança com sua colega, um amigo em uma festa em um encontro picante. Escrito por mulheres para mulheres, 25 histórias de romance, paixão e envolvimento entre mulheres.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-08-7



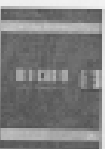
RELICÁRIO

Polpa Greco

Relicário reúne textos que mergulham no universo da arte homoerótica. O livro é, sobretudo, uma coletânea de contos de vários. Os textos apresentam o universo homoerótico masculino, mas não se restringem a isso: mostram uma vida, não-falsa, também a partir da visão de outras (do mesmo sexo ou não), se desliza por elas, compartilhando fantasias, desejos e projetos de vida.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-13-8



RETRATO EM BRANCO E PRETO

Ilustrações para pais e filhos

Angelo Pessaro

Com apresentação do doutor São Dantas, juiz de Primeira Instância de Juiz de Fora, e Juiz de Direito do Rio de Janeiro, e prefácio do doutor Eduardo Jardim, juiz de 1ª Instância de Juiz de Fora, o livro retrata de maneira atualizada Pedro Paulo. Uma grande história de amor de um gay que teve a coragem de formar uma família pouco convencional.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-13-8



SEIO ENTRE MULHERES

Um caso extraordinário

Sarah Bright

Quando se formam relações íntimas entre duas mulheres, há uma conexão. Sarah escreve com honestidade e sem medo sobre suas experiências e fantasias eróticas de mulheres. É quase impossível ler este livro sem aprender alguma coisa de útil e sem dar bons risos.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-05-2



SEIO MISTÉRIO

Três mulheres de São Paulo

Cláudia Rosset, com a colaboração de Eduardo Dittmann, Roberto Augusto e Alexandre R. Araújo

O autor aborda temas difíceis de sexualidade: papéis sociais, homo e bissexualidade, gostos de pessoas, travestis, drogas e por aí vai. O livro é uma obra de arte para quem gosta de explorar a sexualidade humana e também para quem gosta de ler histórias.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-16-8



TERAPIA AFIRMATIVA

Uma introdução à psicologia e à psicoterapia

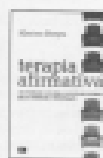
ORIGEM A CARL LÉVINSON E BRUCE L. BURGESS

Richard A. Jay

Para a psicologia afirmativa, a identidade, e não a homossexualidade, é a principal responsável pelos conflitos vivenciados por homossexuais. Por isso, os psicólogos que adotam a abordagem afirmativa oferecem a seus pacientes absoluto respeito por sua sexualidade, cultura e estilo de vida. Para gays, psicólogos e todos os que querem se instrumentalizar para trabalhar e crescer.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-05-2



O TERCEIRO TRAVESSINHO

Nelson Luiz de Carvalho

Baseado em fatos reais, este romance desafia tabus e hipocrisias, mostrando o mundo real de Marcelo, um jovem estudante de engenharia paulista. Com o melhor amigo Renato, descobre o amor e compreende que os dois precisam encontrar o equilíbrio entre o que sentem e o que a família e a sociedade esperam deles, até que um terceiro personagem aparece.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-03-9



TIRANDO A TIRDA

Resumo de São Paulo, São Paulo

Steven Chaback

O desejo entre homens pode ser mais forte que qualquer limite. Esta obra reúne relatos verdadeiros de encontros locais - algumas eróticos e explícitos - entre homens, incluindo relatos, memórias e análises, por escrito, amando quantos, sem medo.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-11-8



TOMAS AS CORES DO HUMOR

Contos de humor

Marcelo Bonafé - obra de humor

O humor mais politicamente correto da década, que já contribuiu com seu humor para os outros títulos das GLS, agora aqui com contos de humor e com o melhor do humor de humoristas, contos, histórias e mais de 100 páginas de humor e de humoristas, entre muitos outros personagens.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-02-6



TORNAR-SE GAY

O caminho da autoaceitação

Richard A. Jay

Um psicólogo explica o que é ser gay e como se tornar gay. Quando se é homossexual, pode ter uma vida amorosa de uma pessoa. De exemplos de seus pacientes, de sua própria vida e de sua experiência de seu colega que consideram a homossexualidade um desafio.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-01-4



TRANSEXUAIS

Pessoas e histórias

Carla Ramalho

O que são transexuais? Por que desejam mudar de sexo? Qual a diferença entre transexuais, travestis e homossexuais? O autor, psicólogo que faz parte de uma equipe de reabilitação sexual, responde as perguntas de milhares de transexuais, e também de transexuais e transexuais.

R\$ 5,00 15 32,40

ISBN 85-86755-02-6



GLS

edições GLS

TRÊS GALANTES, FANCHONOS MILITANTES ROMANCEIRAS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Anelise Tereza Aíbo

"O livro é essencial. No formato escolhido, as narrativas crescem de forma e ritmo, na busca de instantâneos, na seleção dos personagens, na interpretação histórica da temática. E, além disso, é um livro muito mais bem escrito, elegante e cuidadoso" declara o professor e historiador Ronaldo Tiamba na apresentação.

R\$ 39,90 R\$ 11,50

ISBN 978-85-86755-34-9



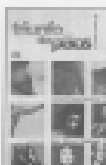
TRUFADES PÊLOS E OUTROS CONTOS GLS

Antonio Mar, T. Soares, Amy Castro e outros

O primeiro concurso de literatura das GLS teve quinze ganhadores brasileiros, quando o livro foi lançado. A história ganhou vida ao longo da vida, quando os ganhadores se tornaram uma mulher que um dia acordou transformada em homem e se apaixonando pelo marido. Prefácio de João Saldanha Teixeira, um dos selecionadores do concurso.

R\$ 39,90 R\$ 11,50

ISBN 978-85-86755-34-9



UMA QUESTÃO DE AMOR ROMANCE ENTRE MULHERES

Sara Dantas

Hoje somos Pamela, sua especialidade professor na universidade. Mas nem tudo são flores, e ela veio para avaliar a relação. Em uma cidadezinha da interior, casais felizes, amor de consolo partido. Simpatia e bem-humorada romance erótica, com relacionamentos entre mulheres.

R\$ 39,90 R\$ 11,50

ISBN 978-85-86755-34-9



UMA VIDA DE SUCESSO COMO UMA ROMANCEIRA BRASILEIRA SE TORNAR NA MEXICANA

Sara Dantas

Sempre sempre foi uma a cometa. Brasileira, deixou o marido e foi para os Estados Unidos com sua namorada. Lá, mesmo sendo mulher, latina e brasileira, conseguiu atrair a atenção de um cara e desenvolver um projeto de sucesso na empresa mais competitiva do mundo. Um relato biográfico autêntico e inspirador.

R\$ 39,90 R\$ 11,50

ISBN 978-85-86755-34-9



A TV NO ARMÁRIO A IDENTIDADE GAY NOS PROGRAMAS E TELEJORNAL BRASILEIROS

Jesua Ramon Ribeiro

Sei pouco sobre TV, os meios de comunicação ainda atendem as diferenças de gênero de forma preconceituosa - tanto no noticiário como nos programas e em outros programas de entretenimento. Faltam de ampla representação e cobertura dada pela TV à questão homossexual, essa obra abre caminhos para problematizarmos o mundo popular como o conhecido LGBT e retratado na mídia. Prefácio de Carlos Eduardo Lima da Silva.

R\$ 39,90 R\$ 11,50

ISBN 978-85-86755-34-9



O ÚLTIMO DIA DO OUTONO QUANDO O AMOR ACABOU ENTRE CARLOS

Roberta Abeli Bello

Quando o estudante é se prepara para o vestibular. Tem muitos amigos, briga com a mãe, ama um namorado, faz um estágio. Sua vida será muito comum se não fosse a atração que sente por Maria, sua melhor amiga. E se descoberto que não amor não para a sua vida. De uma nova e diferente maneira escrita.

R\$ 39,90 R\$ 11,50

ISBN 978-85-86755-34-9



UM ESTRANHO EM MIM ROMANCE GAY

Roberta Abeli Bello

Este romance nos conta a história de Eduardo, um homossexual brasileiro de meia idade, e do seu amor por Alexandre, um jovem de 17 anos. O livro é longo e cheio de momentos tradicionais. Um encontro em mim é um momento na vida, no momento, no momento e na vida de quem é apaixonado o que é amor - e a vida.

R\$ 39,90 R\$ 11,50

ISBN 978-85-86755-34-9



UMA OUTRA VERDADE PARCERIA E RESPOSTAS PARA PAIS E EDUCADORES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Claudia Piccoli

A adolescência é, por si só, uma fase complexa. Porém, quando a jovem se descobre homossexual ou bissexual, as complicações aumentam. Especialista em atendimento de saúde pública, Claudia Piccoli aborda o assunto a partir de experiências vividas por adolescentes LGBT e aponta soluções baseadas na ética e na respeito da dignidade.

R\$ 39,90 R\$ 11,50

ISBN 978-85-86755-34-9



A história do homem que foi perseguido pelo nazismo por ser homossexual, sobreviveu ao campo de concentração de Buchenwald e se transformou num símbolo da luta pelos direitos humanos.

Rudolf Brazda, autor do livro *Relatório rosa*, nasceu em abril de 2011, aos 87 anos, a medalha de Grande Nacional da Legião de Honra, mais alta condecoração da França. A distinção foi entregue por Marie-Josée de Dombart-Lauze, sobrevivente de Ravensbrück e presidente da Fundação para a memória da deportação. Rudolf mora na cidade de Mulhouse, na França, desde 1945, quando foi libertado do campo de concentração de Buchenwald.

A obra foi destaque nos seguintes veículos: O Estado de S. Paulo, O Dia, Jornal da Manhã, Info, Época Online, entre outros.



mescla
LITÉRARIAS

R\$ 39,90

R\$ 11,50

ISBN 978-85-86755-34-9

ANEXO 3

Entrevista à editora e autora Léa Carvalho no documentário “Palavras no Armário” que está em fase de finalização e foi financiado pelo PROAC-SP e tem direção de Carmen Thiago, disponibilizado no final desta entrevista.

1) Quando surgiu a Metanóia? Qual era a proposta editorial?

Metanoia é uma palavra grega que significa mudança de pensamento ou uma nova forma de pensar. É uma palavra muito utilizada no meio cristão para significar “conversão” ou uma nova crença. Bem, eu e minha mulher MaLu Santos, que é designer gráfico, além de lésbicas somos cristãs e frequentamos uma comunidade de fé. Como todos os homossexuais, buscamos referências, instituições, literatura, pessoas que nos representem e no Brasil não havia literatura cristã inclusiva que pudéssemos utilizar em nossa comunidade que é liderada por um excelente teólogo e historiador o Rev. Marcio Retamero. Foi então que no final de 2009 surgiu Metanoia Editora, com a intenção inicial de produzir literatura cristã que disseminasse a informação de que “Deus não faz acepção de pessoas” e de se contrapor a essa onda de fundamentalismo religioso que assola nosso país e cujo discurso motiva a violência contra a comunidade LGBTTT.

Iniciamos então nossa jornada com a proposta de produzir literatura cristã inclusiva e já temos 6 títulos sendo um a tradução de um livro de grande sucesso nos EUA.

2) Quem são os autores?

Marcio Retamero, teólogo e historiador, autor dos livros: Banquete dos Excluídos, Pode a Bíblia incluir?, Crônicas de um Pastor Gay e Você tem fome de quê?; Davy Rodrigues, teólogo, autor do romance Proibido Amor. Alexandre Feitosa, professor linguista, autor do livro Bíblia e Homossexualidade verdade e mitos; Alexandre Calladinni, autor dos livros autobiográficos Jeito Calladinni de Voar - diário de um comissário de voo e Por Favor, me ajude!; Derval Dasílio, teólogo, autor do livro O Dragão que habita em nós - conversas sobre vida de fé e religião. Léa Carvalho, professora, autora da Coleção Família Legal; Nathalia Ramiro, autora do romance Aposta; Heloíza Rosa, autora do romance Histórias e Violações de Anna Perner; Marcos Soares, bibliotecário, autor do romance O CaFuÇu. Reynaldo Araújo, autor do romance Scarlet. Ed Machado, advogado, autor da biografia Mãe Agripina - uma história no candomblé do Brasil; Nancy Wilson, teóloga, autora do livro Nossa Tribo.

3) Quantidade de títulos/ exemplares por título editado

17 títulos, 500 unidades por título.

4) Qual a distribuição?

Distribuímos para livrarias independentes e uma grande rede de livrarias e comércio- lizamos nossos livros por um site.

5) Qual o tempo de atividade?

2 anos e 7 meses.

6) Como nasceu a Metanoia Editora?

A Metanoia Editora nasceu de um sonho. Um sonho de dois casais, que são gays, um casal masculino e um casal feminino. O casal feminino sou eu e minha esposa Maria Luiza. E que víamos um vácuo na questão da literatura LGBTTT. Nós, como leitores vorazes de literatura geral, não encontrávamos na literatura algo que nos representasse. Além disso, faz parte da nossa identidade sermos gays e cristãos. E aí mesmo é que a gente não encontrava uma literatura cristã que nos representasse. O que a gente encontra, infelizmente, dentro do cristianismo tradicional, é a exclusão. E não é o que a gente sente, muito menos o que a gente vive. A partir daí, dentro da nossa comunidade religiosa, a gente fez contato com o reverendo Marcio Retamero, que é historiador e é um teólogo de mão cheia, (...) então ele contextualiza as escrituras e traz pra gente, na contemporaneidade, aquilo que nos edifica. (...) É essa a mensagem que Metanoia quer disseminar: que Deus ama todas as pessoas e que ninguém precisa ficar triste, ou muitas vezes até chegar a se suicidar, porque pensa que Deus não ama, que as pessoas não amam, que ela é uma aberração no mundo. Muito pelo contrário. Metanoia Editora, ela quer disseminar inclusão. Quer disseminar literatura onde todas as pessoas e seguimentos se sintam ali contemplados, principalmente a nossa comunidade LGBTTT.

7) Quais as linhas editoriais da Metanoia?

Nossa principal linha editorial é a comunidade LGBTTT, então nós lançamos os nossos livros para dialogar, para conversar com a nossa comunidade. É claro que não é a única linha editorial. Temos recebido outras propostas que ampliaram os nossos horizontes. Uma das nossas causas, uma das nossas bandeiras, apesar de sermos cristãos, é também a diversidade religiosa. Nós entendemos que o Brasil é um país laico, então todos têm direito de crer no que quiserem e até de não crer em nada. Esse é um direito de todo cidadão do Brasil. E nós como gays e cristãos, queremos que o Brasil seja um país laico. Então nos defendemos até a morte a crença de outras pessoas, que não seja a nossa crença. Neste sentido, a Metanoia já lançou uma biografia de Mãe Agripina, que foi uma das grandes vozes, no início do século XX, do Candomblé no Brasil. Então, uma outra defesa de Metanoia Editora é a defesa da liberdade religiosa.

(Aqui ela fala dos livros do Caladdinini)

Então, a partir desses relatos do Caladdinini, nós estamos abertos, sim, a relatos de pessoas que não vêm ao mundo a passeio, que têm o que dizer, que podem ser exemplo

em várias áreas, e que podem fortalecer outras pessoas com as suas histórias.

8) Quais os critérios e processos de publicação da Metanoia?

Metanoia ela tem uma missão, que é disseminar literatura inclusiva, literatura que represente todos os segmentos da sociedade brasileira. Então, se vier com algum escrito que exclua alguma pessoa pela cor, pela raça, pela religião, pela orientação sexual, pela condição econômica, pela sua condição física, já não serve pra Metanoia. Uma boa história é aquela história onde todos podem se ver ali dentro. Inclusividade é o nosso principal valor. A partir daí, a gente tem um conselho editorial que vai ler esse manuscrito, até pra gente ter opiniões (...). Essa história aqui, ela tem uma abrangência e tem inclusive um apelo comercial, que a gente tem que pensar nisso, na autossustentabilidade da editora que ainda é muito nova. São só dois anos. Mas a gente precisa pensar também nisso: comercialmente esse livro vai dar um retorno positivo? Então a gente faz um estudo mercadológico pra também ver se vai ter uma aceitação boa, que valha a pena ter uma edição. E, enfim, que esteja dentro desses nossos padrões. Principalmente essas duas vertentes: diversidade sexual, diversidade religiosa.

9) Como é a receptividade do público?

O público em geral, o público pra quem a gente escreve, tem recebido muito bem os livros da Metanoia. A gente tem aí uma vertente que é a teologia inclusiva, que é o foco exclusivamente para cristãos, e se é um cristão de verdade (...) ele recebe muito bem a nossa literatura. Porque a nossa literatura não é tendenciosa, a gente vai às mesmas fontes teológicas que qualquer cristão no mundo vai. A gente não inventou uma nova teologia, isso não saiu da cabeça de ninguém. (...) Agora, aqueles cristãos fundamentalistas, centrados na exclusão (...) desses a gente tem recebido críticas, mas eles não nos interessam, eles não são nosso público-alvo. (...)

10) Sobre associar literatura gay à pornografia:

Isso é um erro e é um estereótipo. Quando você fala em gay, em homossexualidade, por conta do fundamentalismo religioso cristão que é verborrágico e mentiroso em

nosso país, as pessoas associam promiscuidade à homossexualidade. Isso é uma mentira crassa, e a gente tem que desmistificar isso em todos os âmbitos, inclusive na literatura. Existe literatura heterossexual altamente erótica, e existe também literatura erótica homossexual. Existe uma literatura mais formal heterossexual e existe uma literatura mais formal LGBTTT. Existe, inclusive, literatura religiosa na comunidade LGBTTT. Então, na realidade, você tem um leque pra os vários desejos da pessoa. (...)

11) A literatura infantil tem lugar dentro do LGBTTT?

Com certeza. Um dos nossos focos é a literatura infantil focada na diversidade religiosa e na diversidade sexual. A gente crê que, se as nossas crianças desde pequenas forem ensinadas, elas tiverem contato com o respeito à diversidade, seja ela qual for, que elas aprendam a coexistir respeitosamente com quem é diferente delas, (...) vão ser seres humanos fantásticos, vão ser adultos maravilhosos. Adultos que vão (...) ler o mundo de uma forma mais leve. (...) É por isso que Metanoia Editora está investindo em literatura infanto-juvenil. (aqui ela fala do livro Toda Família é Legal)

12) Sobre críticas e preconceitos:

A gente ouve algumas críticas, mas eu não encaro crítica como preconceito. Até porque a gente tem que ser aberto a críticas. (...) Temos apenas dois anos e alguns meses de existência, ainda não veio nenhum preconceito pesado, não. Mas eu espero que venha, porque quando vier, significa que a gente vai incomodar aquele seguimento mais tacanho da nossa sociedade.

13) Existe o gênero Literatura Gay?

Ah, existe. E se não existe, nós Metanoia, Escândalo, Malagueta, vamos instituir no Brasil. Porque é um nicho crescente. O que eu percebo com os nossos livros é que tem uma demanda. Então, têm muitas histórias ainda pra serem contadas, em muita coisa pra se escrever ainda sobre a comunidade LGBTTT, tem muita coisa já escrita que está no âmbito das teses nas universidades e que ainda não virou livro, então ainda não alcançou a grande população. Acho que existem sim, esses gêneros literários, literatura LGBTTT, mas não

com um foco só, não só o romance. Vamos abrir esse leque. (...) Mais material tem que ser produzido e eu acho que cabe nesse guarda-chuva chamado literatura LGBTTTT.

14) Literatura gay pode ser moda?

Eu não acredito que a visibilidade LGBTTTT seja moda. Na realidade, é uma conquista. (Aqui, ela fala da causa, não da literatura) A literatura faz parte disso. Uma vez que as pessoas começaram a sair do armário e começaram a aparecer, as suas demandas também começaram a aparecer. A economia já está atenta a isso. (...) Já existem dados do poder, do potencial de consumo da comunidade LGBTTTT. E nesse sentido, é uma comunidade que tem um alto nível de escolaridade, que tem uma grande capilaridade em todas as classes (...). Pelo IBGE no último censo, já são mais de 60 mil famílias homoafetivas que se declararam. Então, existe um nicho crescente de pessoas LGBTTTT, e aí eu incluo os seus parentes, os seus filhos, os seus amigos (...) as pessoas que estão no mundo deles. Esse nicho é um nicho econômico enorme, inclusive pra literatura.

15) Como é a inclusão no mercado da literatura LGBTTTT?

Lamentavelmente, as grandes redes ainda não acordaram para esse segmento LGBTTTT. Nós, as pequenas editoras, eu acho que o maior problema que a gente enfrenta é esse, é chegar às grandes redes. A gente vem fazendo um trabalho de formiguinha, de venda direta via site, ou então dialogando com as livrarias independentes que abrem as portas pra gente, que são os nossos grandes parceiros. Mas as grandes redes ainda não acordaram. Talvez porque elas revendam os livros do fundamentalismo cristão, que vendem muito, como água, e elas não queiram se indispor com relação a isso. A gente precisa, na realidade, de empresários corajosos que queiram mudar esse paradigma em nome dos direitos humanos, em nome da dignidade da pessoa humana.

16) Você acha que o mercado editorial é homofóbico?

Eu acho que o mercado é tão homofóbico quanto a nossa sociedade. A nossa sociedade é homofóbica por conta das perniciosas raízes religiosas, mas também é homofóbica porque ainda não se deu ao trabalho de olhar ao redor. (...) Não existe uma família que

não tenha um gay. (...) A partir do momento em que a nossa sociedade começar a se abrir e quebrar mesmo os preconceitos de associar a homossexualidade com promiscuidade.

ANEXO 4

<http://www.editoramalagueta.com.br/editora2/malagueta-na-midia.html?start=66>

A Malagueta é um empreendimento de lésbicas para lésbicas. Este é o mote da única editora da América do Sul que publica livros voltados só para mulheres homossexuais. Após um ano de existência do negócio, as sócias Laura Bacellar e Hanna Korich se prepararam para lançar este mês o quarto título e comemorar o resultado dessa empreitada.

“Já participamos de várias feiras do livro, fizemos encontros literários em muitos estados, firmamos parcerias com livrarias independentes e, o mais importante, estamos contribuindo para a ampliação da cultura lésbica, que é uma maneira de erradicar o preconceito”, avisa Laura, de 49 anos, respeitada profissional do mercado editorial, com passagens pelas principais editoras do País. Foi ela que lançou o selo GLS, criado dentro da Summus, e o primeiro do País dedicado às minorias sexuais.

Quando Laura fala em “ampliar a cultura lésbica” significa aumentar a visibilidade das homossexuais para que essas mulheres possam ser aceitas cada vez mais pela sociedade e por elas próprias. “Ao contrário dos homens gays, fomos ensinadas a ficar quietas”, ressalta. “Mas a nova geração já começa a mudar isso, tornando-se menos invisível. Mesmo assim, tudo o que é produzido na nossa cultura só é pensado para as mulheres heterossexuais, apesar de pesquisas do porte do Relatório Kinsey revelarem que 10% das mulheres são lésbicas.”

Um exemplo dessa disparidade está no próprio mercado editorial do Brasil, que comporta entre 20 mil e 50 mil títulos por ano. No entanto, de tudo o que está nas prateleiras das livrarias apenas 75 abordam a temática lésbica, conforme levantamento realizado

por Laura Bacellar. E como esses poucos títulos não são divulgados, a Malagueta comercializa também livros de outras editoras que tratam do tema lesbianismo e costumam passar despercebidos entre as pilhas de lançamentos.

Os três livros editados pela Malagueta já fizeram a alegria de autoras brasileiras que encontraram um canal de divulgação e comercialização de seus romances. O primeiro foi *As Guardiãs da Magia*, de Lúcia Facco. Depois vieram *Amores Cruzados*, de Fátima Mesquita e *Shangrilá*, de Marina Portecelis. Este mês, vai entrar na lista o *Aqueles Dias Junto ao Mar*, escrito por Karina Dias, que se tornou um frisson na internet e agora chega à versão impressa, reescrita e com um novo final.

(...) Em todas as publicações, as histórias falam de amor e sexo entre mulheres. As sócias avisam: “Os textos são um pouco apimentados, mas não trabalhamos com pornografia.” Outra particularidade do selo Malagueta é o formato de bolso dos livros, que recebem contracapas lilás (cor que representa os homossexuais), para que suas leitoras tenham privacidade na hora de ler em lugares públicos. Mais uma curiosidade: o símbolo da editora são duas sapinhas, o que dá um toque de humor (para quem não sabe: “sapa” é um apelido popular para lésbica).

Happy End (Final Feliz)

Diferentemente de romances lésbicos publicados no passado, os livros lançados pela Malagueta têm direito a final feliz, embora isso não seja um requisito para a sua publicação. Para se ter uma ideia, as personagens da escritora Cassandra Rios, uma das precursoras da literatura lésbica no Brasil em plena repressão dos anos de 1970, eram amargas, bebiam muito e sofriam com o amor impossível.

Apenas em 1999, surgiu o primeiro livro brasileiro que falava do amor entre duas mulheres com final feliz. Foi *Julieta e Julieta*, escrito pela mineira Fátima Mesquita, que atualmente mora no Canadá. Apesar do estigma, as poucas publicações que tratam da homossexualidade feminina ajudam a entender e a aceitar a condição sexual de muitas que enfrentam barreiras na sociedade. Foi o que aconteceu com a própria Hanna, de 52 anos, que, junto com Laura, inaugurou a Malagueta.

“Os livros são fundamentais para tirar dúvidas, fazer as pessoas conhecerem o uni- verso homo de uma forma serena” acredita Hanna. “Eu tive dificuldades para me aceitar, porque vivia em um universo profissional cheio de preconceitos, que era o de advogados, além do ambiente familiar. Foram os livros que me ajudaram a ter compreensão de mim mesma. Pensando na minha trajetória, entrei nesse projeto para que outras tenham

a mesma oportunidade que eu tive.”

Depois de várias décadas, Hanna assumiu publicamente sua homossexualidade e seu relacionamento de cinco anos com Laura, sua sócia.

A escritora Karina Dias, autora do quarto título da Malagueta, não sofreu preconceito quando assumiu sua condição sexual aos 18 anos. Porém, a maioria de suas leitoras lésbicas, que acompanha suas histórias publicadas na web, sente muita dificuldade para lidar com a sexualidade.

“Várias só conseguem viver o amor delas na internet, lendo os romances e contos que escrevo”, conta a carioca Karina, de 30 anos, que estuda Jornalismo e se mudou para São Paulo, com o objetivo de morar com sua companheira paulistana. “Uma editora específica para esse nicho é importante, pois mostra, por meio de suas publicações, que é possível ser feliz. Além disso, a partir do momento em que se conhece mais sobre esse assunto, os estigmas e preconceitos vão se diluindo naturalmente.”

Além das leitoras, muitas autoras também não se sentem à vontade para se expor. Por isso, acabam usando pseudônimos, como observa a carioca Lúcia Facco. Ela está finalizando a segunda parte do seu livro *As Guardiãs da Magia*, lançado pela Malagueta. Mas bem antes desse título, publicou outros com temática lésbica.

“Quanto mais se fala, mais se desmistifica o tema”, ressalta Lúcia, que é mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. “É importante que as pessoas saibam que não vivemos em gueto, que não ficamos fazendo sexo 24 horas por dia. Tem sexo sim, mas também há muita afetividade. Aliás, é o tipo de literatura que não é preciso ser lésbica para ler. Do mesmo jeito que não é necessário ser polícia para ler uma história policial.”

Catálogo de Livros

- Shangrilá
- Aquele dia junto ao mar
- Os caminhos de Lumia
- As guardiãs da magia
- Amores cruzados

- Lésbicas na TV: The L Word
- Depois daquele beijo
- Frente e verso

As autoras da Editora Malagueta:

Rafaella Vieira

Rafaella Vieira, antes de se dedicar inteiramente à literatura teen, trabalhou como advogada por seis anos. Ela nasceu e mora em Recife, mas gostaria de morar em um dos seus livros. Atualmente ela escreve sem parar. O seu primeiro romance a ser publicado é Depois daquele beijo, da Brejeira Malagueta, uma história de amor entre garotas que estudam no mesmo colégio em Recife.

Drikka Silva

Adriana Pereira da Silva, nascida na cidade de Mauá em 25 de junho de 1984, foi criada entre São Paulo e Paraná. Escreve sob o pseudônimo de Drikka Silva e é autora de três romances de temática lésbica na internet, um dos quais em parceria, incluindo uma versão anterior de Glamour, publicada em 2009. Atualmente posta textos no site Livre Arbítrio. Começou a escrever em 2007, quando foi apresentada a um site de histórias lésbicas, e desde então não parou mais. “Escrever é uma forma de me expressar através da diversão.” Seu e-mail é drikka_silva@hotmail.com.

Adriana Agostini

Adriana Agostini nasceu em Juiz de Fora e vive em Belo Horizonte desde 1992

junto de sua companheira inseparável, a schnauzer: Frida. Jornalista, atuou como repórter da área econômica dos principais jornais de Minas, na sucursal da Gazeta Mercantil, além de ter trabalhado como free lancer para a revista Vogue e o jornal O Estado de S. Paulo. Participou das coberturas internacionais do Gay Games V e VII, que aconteceram em Amsterdam e Chicago. Graduada em Comunicação Social e em Direito, a escritora é especialista em Comunicação e Semiótica, pela PUC Minas, e Mestre em Comunicação Social pela UFMG. Atualmente, é funcionária pública da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Na área acadêmica, dedica-se a pesquisar temas relativos à lesbianidade e séries de TV. Seu primeiro livro publicado é *Lésbicas na TV: The L Word*, pela Editora Malagueta.

Lara Orlow

Lara Orlow vive no interior de São Paulo, em uma pequena chácara, com seu amor, sua filha humana Gabriela, sua filha felina Cassandra e sua filha ave Luanary. Dedica-se ao plantio de mudas de eucalipto para reflorestamento nas horas vagas e dá aulas de dança cigana para meninas da região.

De origem cigana, moldovana por parte de pai e kalin por parte de mãe, já realizou diversas ações sociais para a inclusão e o reconhecimento do seu povo na sociedade gadje. Atualmente trabalha em acampamentos de ciganos nômades junto à CERCÍ (Centro de Estudos e Resgate da Cultura Cigana), como palestrante e multiplicadora. Os caminhos de Lumia é seu primeiro livro, mas pretende lançar muitas outras obras. É estudante de Letras na Universidade Norte do Paraná e seu email é orlow@ig.com.br.

Karina Dias

Eliana Natividade Carlos escreve sob o pseudônimo Karina Dias desde 2006. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 9 de setembro de 1979, mas hoje reside em São Paulo, onde cursa Jornalismo na Universidade Católica São Judas Tadeu. É autora de nove romances e um conto de temática lésbica postados na internet. O romance publicado pela Malagueta, *Aquele dia junto ao mar*, saiu em versão um tanto diferente como “No ritmo do amor” em 2008, e é um dos favoritos das leitoras.

Karina Dias publicou ainda *Diário de uma garota atrevida*, que tem recebido críticas muito calorosas.

Marina Porteclis

Marina Porteclis é a autora do fantástico *Shangrilá*, primeiro romance com temática lésbica de fora do eixo Rio-São Paulo. Ela nasceu no dia 26 de agosto de 1978 em Brasília, onde morou apenas durante os primeiros anos de vida. Ainda criança, foi trazida para o Nordeste, onde sedimentou suas raízes e cresceu. Morou em Maceió até os 23 anos quando, concluindo a faculdade de Direito, mudou-se para Recife, cidade em que vive até hoje. Mora com a companheira, com a qual divide mais do que a casa: a vida, em sua inteireza. É funcionária pública federal durante os dias e escritora durante as noites. Nas madrugadas abandona “o avesso da tela” e migra para dentro dela, onde se sente genuinamente viva. Mantém um blog (marinaportecelis.blogspot.com), onde publica poesias, crônicas e contos eróticos femininos. Pretende continuar, como diria Clarice Lispector, escrevendo distraidamente, “ao correr da máquina”, não por profissão: apenas por instinto.

Fátima Mesquita

Fátima Mesquita escreveu o delicioso *Amores Cruzados*, da Editora Malagueta.

Ela é mineira de Belo Horizonte, mas passou a maior parte da sua vida adulta em São Paulo onde escreveu e produziu para jornal, rádio, TV, vídeo, evento e campanha política. Também trabalhou para o BBC World Service Trust e o UNICEF em Angola depois de passar uma temporada na Inglaterra. Hoje Fátima mora em Toronto, Canadá. Por lá ela escreveu e dirigiu um documentário para TV, traduziu websites, games e filmes para DVD, editou revistas e jornais, trabalhou para o Discovery Channel e ainda na equipe do Brazil Film Fest. Em 2006, a escritora recebeu uma bolsa do Toronto Arts Council para escrever este livro, que é o sétimo publicado pela autora que também escreve para o público infanto-juvenil. Fátima é autora da primeira obra lésbica com final feliz publicada no Brasil, *Julieta e Julieta* (São Paulo, GLS, 1999).

Lúcia Facco

Lúcia Facco é carioca, graduada em Letras (Português-Francês), especialista e mestre em Literatura Brasileira, doutora em Literatura Comparada pela UERJ, crítica

literária e escritora. Durante todo o seu trajeto como pesquisadora, vem buscando compreender as manifestações do homoerotismo na literatura. Em sua escrita podemos identificar essa pesquisa, bem como perceber a sua preocupação em naturalizar as relações homoeróticas (especialmente as femininas), tirando-lhes o caráter de “coisa excêntrica”, trazendo-as para o cotidiano. É autora de:

- As guardiãs da magia, publicado pela Editora Malagueta em 2008;•
- Era uma vez um casal diferente, sua tese de doutorado sobre homofobia na literatura infantil, publicada pela Summus em 2009;
- O conto “Diário”, publicado na coletânea de contos Todos os sentidos: contos eróticos de mulheres, CL Edições Autorais, 2003, ganhador do Prêmio Alejandro Cabassa da União Brasileira de Escritores de melhor livro de contos do ano;
- As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea, publicado em 2004 pelas Edições GLS, ganhador do Prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos na categoria Cultura-Literatura;
- Lado B: histórias de mulheres livro de contos publicado em 2006 pelas Edições GLS;
- O conto “São Tomé das Letras”, publicado na coletânea de contos Elas contam, publicada em 2006 pela Editora Corações e Mentos, tendo sido também organizadora deste livro.

Organizou ainda o livro Victória Alada de Lara Lunna, publicado em 2007 pela Editora Corações e Mentos, e tem vários artigos e ensaios publicados em periódicos técnico- científicos.

ANEXO 5

www.editoraescandalo.com

A Editora Escândalo destina-se a publicar e projetar no mercado editorial brasileiro obras de ficção e não-ficção exclusivamente de cunho LGBTTT, contando com autores que versem sobre esse foco nos mais distintos aspectos e colocando-os ao alcance do grande público.

Nossa linha editorial destina-se exclusivamente a publicações com ênfase em homoafetividade, homossexualidade e inclusão. Dentre os projetos de ficção, encontram-se romance, conto, poesia, ensaio e literatura infantil. Nos projetos de não-ficção estão psicologia, autoajuda, religião, ciência, direito e política. Há também projetos especiais que incluem HQs e periódicos, além de publicações virtuais e audiobooks.

Pela linha inclusiva e pela qualidade das obras, nosso público alvo abrange, não somente a comunidade homossexual, mas diversos grupos sociais, culturais, de classe e gênero. Nosso objetivo é publicar obras com alta qualidade literária, informação e livres de pornografia.

Nossa Missão

“Levar a literatura LGBTTT ao maior numero de leitores, primando pela liberdade de expressão, pela igualdade e pela inclusão social, promovendo cultura sem fronteiras.”

Nossos Objetivos

- Publicar obras exclusivamente voltadas à cultura LGBTTTT.
- Projetar a literatura LGBTTTT no cenário literário brasileiro.
- Promover novos autores do gênero.
- Investir esforços para vencer barreiras em prol da dignidade.

Matéria sobre um ano de atividades da Editora Escândalo, Por Jeane Bordignon:

<http://editoraescondalo.com/site/materia-de-aniversario-da-escandalo/>

“Se eu tivesse uma editora, o seu livro seria o primeiro a ser publicado”, comentou a gaúcha Giselle Jacques com o piauiense radicado em Brasília Roberto Muniz Dias no começo de 2011. Tinham se conhecido graças ao tema em comum de seus escritos: histórias com foco na homossexualidade masculina. E compartilhavam também de uma vontade: encontrar uma editora em que os autores não fossem tratados como produtos, tendo que bancar os livros do próprio bolso como se fossem independentes.

De conversa em conversa, foi surgindo a proposta de lançar uma nova editora, para preencher uma lacuna que existia justamente no segmento no qual se enquadravam os textos de Giselle e Roberto. Já havia a editora Malagueta, direcionada apenas a publicações voltadas à homossexualidade feminina, a Metanoia, voltada à diversidade e à inclusão religiosa, e o selo GLS da Summus, com edições mais didáticas.

Em agosto de 2011 nascia oficialmente a Editora Escândalo, com a proposta de, além de publicar apenas ficção e não-ficção de cunho LGBTTTT, tratar os autores com o máximo de respeito. A editora assume quase todos os custos, que se pagam posteriormente com a venda dos livros. Para poder trabalhar desta forma, é feita uma seleção muito rigorosa de novas obras, buscando histórias que sejam originais e de muita qualidade, com boas perspectivas de vendas.

O nome foi sugestão do escritor Paulo D’Bram, já imaginando que a editora “seria um escândalo”. E a novidade se espalhou rápido. “O primeiro livro foi lançado em dezembro, mas em outubro já havia gente falando de uma nova editora. Até sites de outros países espalharam a notícia”, lembra Giselle.

A primeira coletânea Homossilábicas foi concebida como uma apresentação da editora, com contos de sete escritores (além de Giselle, Roberto e Paulo, participam Moa Sipriano, Thiago Thomazini, Ricardo Feitosa e Marli Porto), que abriram mão dos seus 10% de direitos autorais para ajudar a colocar a Escândalo no mercado. Superou todas as expectativas: em seis meses, a primeira edição já estava esgotada.

Em seguida, Giselle cumpriu a promessa feita a Roberto: Adeus a Aleto foi o primeiro romance publicado pela Escândalo. Comemorando um ano, a editora já tem nove livros publicados e mais dois para serem lançados até setembro.

As demais editoras do ramo, como atingem nichos diferentes, acabaram se tornando parceiras, participando juntas dos eventos, encaminhando autores umas às outras de acordo com a especificidade. “Unimos-nos numa força conjunta para levar a literatura gay além, para fora do armário”, resume Giselle.

E a Escândalo, que já passou por eventos em Piauí, Brasília e Salvador, comemorou o primeiro aniversário em São Paulo: nos dias 10 e 11, com lançamentos e sessões de autógrafos da Expo Business LGBT MERCOSUL, e no dia 12 com um Encontro de Escritores na 22ª Bienal Internacional do Livro. Um encontro para celebrar o sucesso crescente de uma editora que tem como missão promover cultura sem fronteiras, buscando atingir o maior número de leitores, não somente da comunidade homossexual, mas dos diversos grupos sociais, culturais, de classe e de gênero. Por isso a preocupação em trabalhar literatura de qualidade e bom gosto.

Uma das provas de que a Escândalo está no caminho certo é a grande procura pelo romance *Cidade do Anjo*, de Rafael Nova, um dos lançamentos do dia 11, mas colocado em pré-venda algumas semanas antes. A história de um adolescente que está buscando se encontrar não traz nem cena de beijo, mas conquista os leitores com sua forma singela. Um livro que pode ser lido por adolescentes de qualquer sexo.

Leitores ainda mais jovens estão nos planos da Escândalo, que estuda propostas de livros infantis. A editora também está aberta a projetos de quadrinhos. Por enquanto, estão saindo no próximo mês as duas primeiras publicações de não ficção: *O conhecimento liberta* reúne vários estudos sobre homofobia, e *Arco-Íris Revisitado* traz artigos acadêmicos de diferentes universidades do país, todos tratando sobre diversidade.

Também para comemorar o primeiro ano foi lançado no começo do mês o livro *Homossilábicas Vol. 2*, fruto do primeiro Concurso de Contos da Editora Escândalo. Além dos cinco vencedores, a coletânea traz dois autores convidados: Valdeck Almeida de Jesus e Alexandre Melo. E um novo volume da série deve sair a cada aniversário da editora, apresentando novos contistas. Um ano de sucesso e perspectivas para muitos mais: essa é a Escândalo.



Roberto Mura
fundador da editora
Escândalo, plantou a
semente gay

minha

É UM ESCÂNDALO

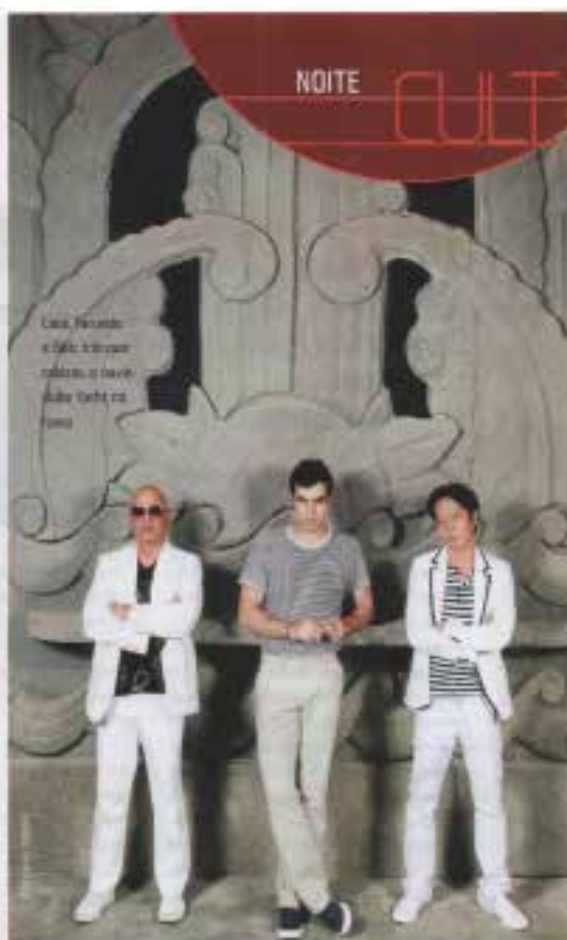
Literatura gay brasileira já tem uma editora para chamar de sua

No segundo semestre de 2013 foi lançada no Brasil de forma discreta a editora Escândalo, voltada a livros e autores que trabalham com a temática gay. Fruto de uma parceria entre os escritores Roberto Mura e Gisele Jacques, a editora chegou ao mercado com o objetivo de publicar obras de ficção e não ficção que tratem de homossexualidade, homossexualidade e inclusão.

Nem com editores já especializados em atender o público gay, a dupla de escritores decidiu comprar junta a ideia de abrir o próprio negócio depois de terem recebido diversos "insus". "A idealização da Escândalo nasceu quase como uma destina. Uma forma de bater de frente com um mercado editorial que não possui camisas de fora e de sua elite, principalmente em se tratando de temáticas polêmicas ou muito restritas a grupos específicos", diz Roberto e Gisele, sócios na empreitada. Os primeiros livros do selo começaram a sair e de um jeito ou outro, ainda que a distribuição das tiradas seja, por hora, alternativa. "A Escândalo, desde seu lançamento, conta já com uma rede de distribuição online, ou seja, disponibilizamos nossos livros nos catálogos dos sites de grandes redes e livrarias parceiras na Internet, além de lojas no Facebook e no site da Editora. Já existe o planejamento para distribuição física de exemplares por grandes redes como Cultura, Saraiva e Foyou, etc., a partir de março de 2014", explicam os sócios.

A editora inovadora, em especial, uma nova geração de escritores que estavam com suas obras paradas no fundo do armário por falta de interesse das redes tradicionais. "Existem uma profusão de escritores de literatura gay, li de qualidade", indicam. (MC)

ed@escandalopublishing.com



Luiz, Ricardo e Gisele Jacques, autores e fundadores da editora Escândalo

CLUBE DE NAVEGAÇÃO

Clube Yacht, em São Paulo, abre cheio de hype

After hour é uma coisa, club é outra. Qual é a diferença? Olha, o after tradicional começa quando o sol está ficando no chão e a gente vai para o clube; já as noites entendidas funcionam para os clientes que já estão na casa ou aqueles que dormem até metade da madrugada, além daqueles que esticam nos esquemas entre amigos mas querem um clube para fechar a noite. Trazendo em mindos: é um after mais final, menos pesado, por assim dizer.



Para esse conceito é o principal da noite mais gay do Yacht, clube que abriu as portas no dia 12 de janeiro. Será dar certo? Vai saber. Quem comanda a pista de quatro horas em dança é o DJ João Neto.

Yacht
Rua Thales de Mello, 101 - Bixiga

EXISTE UMA ESTÉTICA HOMOSSEXUAL?

A comparação entre uma série de obras literárias, às quais se soma o inédito "O Pombo-Torcaz", de **André Gide**, põe em dúvida o argumento - POR JOSÉ CASTELLO

Assim como a homossexualidade não existe – o “homossexual” é só um personagem inventado pela psiquiatria do século 19 –, é no mínimo temerário falar de uma estética homossexual. Se existem apenas as relações homossexuais, e não os personagens imaginários que o senso comum encaixa no clichê do “terceiro sexo”, preferir as relações com o mesmo sexo não define ninguém. Essa impossibilidade se realimenta na leitura de *O Pombo-Torcaz*, delicado conto que o francês André Gide escreveu na verão 1907 e que só reapareceu um século depois. No texto, publicado agora no Brasil, Gide conta a noite memorável que passou com um jovem chamado Ferdinand Postac, em Baghom-de-Grenade, perto de Toulouse. O “pombo” do título é Ferdinand, apelidado assim por “arrulhar” quando fazia amor.

Com sua ética protestante e seus conflitos interiores, André Gide (1869-1952) se esforça para produzir uma explicação “natural” para a homossexualidade, da qual nunca afastou seus ideais religiosos. Em um livro como *Corydon* (1924), ele apresenta a pederastia no sentido grego, de amor entre um homem mais velho e um jovem como um rito da pedagogia e a homossexualidade como um fenômeno biológico. O esforço para tornar aceitável o amor homossexual levou-o a fundar uma ética naturalista e biológica, que percorre todo o seu escrito. Ética segundo a qual o amor (seja ele qual for) é, antes de tudo, uma manifestação da natureza. Ética que banha de pena o desejo e a subjetividade, e que está presente também no conto que agora se publica.

Menos dogmático que Gide, o furioso Oscar Wilde (1854-1900) lutou sua vida sexual com o verniz do desafio, do vício e da decadência. Ao mostrar quão efêmera é a beleza, um relato como *O Retrato de Dorian Gray* realimenta um vínculo entre a homossexualidade e o “estilo” – seja ele nobre ou doente. O amor homossexual não passaria, nesse caso, de uma afeição, como o esnobismo ou o pedantismo – que estão sempre presentes nos escritos do inglês. Em carta ao ami-

go Robert Ross, escrita dois anos antes de morrer, ele se arrepende dessa posição. Mas, em vez de avançar rumo à aceitação de si, recua. Escreve: “Eu teria alterado a minha vida se admitisse que o amor uranista era ignóbil”. De fato, uma sombra negra percorre toda a obra de Wilde – sinal do vínculo entre a homossexualidade e o vício, que nunca conseguiu desfazer.

Eleitos e estéticas muito diferentes foram obtidos no século 20 pelos autores da literatura *beat* americana, sobretudo por William Burroughs (1914-1997), autor de *Almoço Nu*, livro inspirado na temporada de sexo livre que passou em Tânger, no Marrocos. Ao lado de poetas como Allen Ginsberg e Jack Kerouac, Burroughs trata a homossexualidade não como uma questão biológica, tampouco como uma afeição, mas sim como uma perigosa e excitante viagem interior. Perilizada pela contracultura, essa viagem se tornou não só marginal, mas contestadora. Por isso, em seus olhos, a estética homossexual assume tons violentos, de grande força política, atitude que o leva para uma espécie de “parsexualismo”.

Antes dele, um autor como Marcel Proust (1871-1922) via as práticas homossexuais como uma espécie de maldição. Algo que, de alguma forma, se ligava à alma que, desde cedo, o infernizou. Em uma reversão, Proust fez da homossexualidade uma versão mundana da elevação espiritual, que ele anorou com sua vida reclusa. Repetiu, de certa forma, a herança dos poetas franceses Arthur Rimbaud (1854-1891) e Paul Verlaine (1844-1896), para quem a paixão homossexual que os uniu se os separou foi, sempre, um tráfegar à beira do abismo: posição que se reflete na poesia que escreveram.

UMA FORMA DE VIOÊNCIA

No século 20, um autor como o brasileiro Lúcio Cardoso (1913-1968) tratou a homossexualidade como um doloroso atestado de incompreensão. “Médicos, professores do futuro; exponho-me nu aos vossos olhos de certeza”, escreveu, sintetizando sua posição de rejeitado. Místico e autodestrutivo, Cardoso via a

homossexualidade não como uma realidade biológica, tampouco como uma ética; nem como afecção, ou uma "viagem", mas como uma forma de violência.

Visão que aproxima de dois outros artistas do mesmo século, o escritor cubano Reinaldo Arenas (1943-1990) e o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975). Para Arenas, a homossexualidade – vivida sempre às escuras, nos parques, nas vielas – se torna uma bandeira política contra Fidel Castro. Nas mãos de Pasolini, ela se transforma em uma afirmação de desejos anárquicos (e "populares") e de uma verdade que nem sempre é saborosa. Ao morrer assassinado brutalmente em uma praia da Cúria, com o rosto desfigurado e a postura de um santo, Pasolini, de alguma forma, fechou uma estética de revolta e de luta, na qual o homossexual aparece como uma espécie de anjo do futuro.

Hoje, nas telenovelas, a estética homossexual se afasta também da doença (o que é positivo), mas se aproxima do modismo – o que, de fato, corresponde à forte expansão da indústria gay. As narrativas homossexuais ganham no vídeo, assim, um ar um tanto chique – como uma nova grife. Muitas estéticas são construídas em torno das relações homoeróticas; todas tentam enquadrar e disciplinar o estereótipo do desejo, que, em vez disso, é sempre singular e inquebrável.

Suportar que o amor homossexual é sempre o mesmo é tão ingênuo quanto imaginar que as relações heterossexuais, só porque se repetem entre parceiros de sexos opostos, se equivalem. Todos sabemos que, sob a estética oficial do vestido de noiva, do casal perfeito e dos filhos saudáveis, esconde-se uma infinidade de variações do amor. É que é nessas particularidades, nesses desvios do singular, que as relações amorosas são sempre vividas.

Por isso – e o livro de Gide é só mais uma prova dessa impossibilidade – se torna cada vez mais difícil pensar em uma estética homossexual. Os amores, homossexuais ou heterossexuais, não comportam modelos. É na singularidade e na invenção, e não na repetição de fórmulas eróticas e estéticas, que eles revelam sua potência. ■

JOSE CASTELLO é jornalista e escritor, autor de *A Literatura na Poltrona*, entre outros.

O LIVRO

O Pombal-Feraz, de André Gide. Tradução de Mauro Pinheiro. Estação Liberdade, preço a definir.



André Gide em 1900.
Conte inédito
O Pombal-Feraz se
baseia num amante
que, segundo o
escritor, "arrastava
quando fazia amor".



CONTINUAÇÃO DA CAPA

Tradição literária para autores gays

SALE CONTIVO

Muitos dos novos escritores GLS iniciam as carreiras publicando textos no universo virtual. Sites especializados oferecem aos autores as internet. Escritor paulista radicado em Brasília, Roberto Mariz Dias, 34 anos, trabalha entre as duas cidades. As obras dele são encontradas no site Clube de Leitores L.G., o internetista encorajou os textos que serão impressos e enviados para os corretores. Formado em direito e letras, Mariz começou sua pesquisa antes de começar a publicar livros. Com esse processo, o autor começa a tradição literária homossexual.

"Todo mundo entende que existe uma linha característica entre os escritores de contos homossexuais. Existe uma linha de tradição literária também para os autores gays", responde o autor e pesquisador. Sem preconceitos, Mariz escreve a respeito da poesia Brasil negro — Poemas gays raciais.



DA VIDA DOS PASSAROS

de Alexandre Riboni
Depois GLS 21 3500

em casa. Mariz para o exco-
to do calor das longas noites é
para. Além de Alito. Em O prin-
cipe, a história de o herói po-
der ser gay. Roberto teve aná-
lise de discurso de textos infan-
tizados no cinema.

"Não calmo dizer que sou
um escritor gay. Sou regionalis-
ta sexual. Nunca me reconhe-
ço. Eu quero escrever sobre a
experiência homossexual. Não
a diversidade sexual. Não de
escrever sobre o que acontece. É
a homossexualidade é um tema
que conheço, entendo e que me

Roberto Mariz Dias, 34 anos



Alexandre Riboni, ator, diretor e dramaturgo 'Histórias humanas'

comove". define-se ator, dire-
tor e dramaturgo da Cia. Flávia
de Souza. Alexandre Riboni, 57
anos, dois livros publicados,
personagens por personagens
que experimentam rela-
ções homossexuais.

"Não considero a vida de
passarinho lançado pela Edições
GLS um livro sobre homosse-

xualidade. É uma história de
aventuras de um jovem em busca
da América do Sul, que acaba
encontrando o amor tanto de
mulheres quanto de homens",
explica o escritor sobre a obra
carregada de contradições. Ri-
boni também publicou o livro
de contos Na companhia dos
homens, em 1999.

ESTANTE

De livro. Para sempre —
Poesia gay racista. Mariz
compreende por os autores,
de Alito. O grupo, o nome
do livro, porém gay e Alito e
Alito de Souza de Roberto Mariz
Dias, para ser publicado na pla-
taforma de leitores online.

Casal de marleneiros

Os escritores brasileiros são
considerados os primeiros autores
brasileiros a abordar a
homossexualidade na literatura.
Em 1984, entre o grupo de
personagens de cidade imaginária
de O grupo de Alito e Alito
está um casal de marleneiros. Mas o
primeiro romance a abordar
exclusivamente de homossexual
entre gays é O casal de Alito e Alito
publicado em 1999. O livro
trata sobre o casal de Alito e Alito
que é o casal de marleneiros. O
casal gay marleneiro, então pelo
escritor é formado por um, um
negro e outro branco, de origem
social diferentes. De fato, pouco
você conhece Brasil, porque
uma obra do escritor e diretores
cineastas, sobretudo quando
se trata de pessoas, escreve João
Sélio Pires sobre a obra
sobre o casal de marleneiros de
realidade brasileira.